

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)
Escola de Comunicação – ECO

Oscar Martin Maldonado

Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade:

Processos colaborativos de construção de notícias no
CNN iReport & NowPublic

Rio de Janeiro

Março de 2011

Oscar Martín Maldonado

Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade:

Processos colaborativos de construção de notícias no

CNN iReport & NowPublic

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós – Graduação em
Comunicação e Cultura da Escola de
Comunicação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (ECO –
UFRJ), em cumprimento às
exigências para a obtenção de um
grau de mestre na linha de Mídia e
mediações socioculturais

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Becker

Rio de Janeiro

Março de 2011

Maldonado, Oscar Martín

Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade: Processos colaborativos de construção de notícias no CNN iReport & NowPublic. / Oscar Martín Maldonado. – Rio de Janeiro, 2011

156 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2011.

Orientadora: Beatriz Becker

1. Comunicação-Cultura. 2. Internet. 3. Jornalismo digital. 4. Redes Colaborativas. I. Becker, Beatriz (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título

Oscar Martín Maldonado

Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade:

Processos colaborativos de construção de notícias no

CNN iReport & NowPublic

Banca examinadora

Prof. Dra. Beatriz Becker (Orientadora)

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Prof. Dr. Mohammed El Hajji

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Prof. Dr. Marcelo Kischinhevsky

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha orientadora. Foram realmente essenciais desde o ponto de partida até aqui.

RESUMO

MALDONADO, Oscar Martín. **Reconfigurações da mediação jornalística na contemporaneidade:** Processos colaborativos de construção de notícias no CNN iReport & NowPublic. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Este trabalho consiste em um estudo dos conteúdos e formatos de notícias das redes colaborativas. Propõe uma reflexão sobre a inserção de novos atores sociais na produção, gestão e consumo da informação na Internet, a qual gera outras formas de mediação. Discute também efeitos da cultura colaborativa da *web* na qualidade da prática jornalística, observando características relevantes de textos disponibilizados como a interatividade e a multimidialidade. Para isso, é realizada uma análise comparativa das notícias publicadas nas redes iReport e NowPublic sobre os terremotos de Haiti e de Chile, que aconteceram em 2010, e uma investigação sobre os sentidos atribuídos à esses acontecimentos pelos usuários.

Palavras-chave: Internet, jornalismo, redes colaborativas, iReport, NowPublic.

ABSTRACT

MALDONADO, Oscar Martín. **Contemporary reconfigurations of journalistic mediation:** Collaborative news making processes in CNN iReport and NowPublic. Rio de Janeiro, 2011. Dissertation (Masters degree in Communication and Culture) – Communications School, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

This investigation proposes a study of news contents and formats present in user-generated websites. It proposes an insight on the insertion of new subjects in the process of production, management and final consumption of information on the Internet, which ultimately generates different ways of mediation. It also argues and debates the effects of collaboration culture on the web regarding the quality of journalistic practice, taking under consideration relevant issues such as interactivity and multimedia aspects. For that, a comparative analysis of news contents published on iReport and NowPublic regarding the earthquakes of Haiti and Chile of 2010 is underway, along with an investigation about the values and senses attributed to those happenings by the information consumers.

Keywords: Internet, journalism, user-generated contents, iReport, NowPublic.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p. 11
1.1 Jornalismo digital e produção colaborativa de notícias.....	p. 18
1.2 Uma proposta da pesquisa.....	p. 23
2. Mídias participativas e redes jornalísticas colaborativas.....	p. 26
2.1 Produção e circulação de informação no ciberespaço.....	p. 28
2.2 Um mapeamento de mídias participativas.....	p. 34
2.3 Experiências jornalísticas colaborativas na <i>web</i>	p. 41
2.4 Redes colaborativas de conteúdos noticiosos.....	p. 46
3. Jornalismo na contemporaneidade: tendências e desafios.....	p. 51
3.1 Repensando o jornalismo digital.....	p. 54
3.2 Redes: um território dinâmico de produção jornalística.....	p. 58
3.3 Características dos conteúdos e formatos de notícias na <i>web</i>	p. 61
3.4 A participação dos usuários.....	p. 68
4. Construindo uma reflexão crítica sobre a cobertura jornalística dos terremotos de Haiti e Chile.....	p. 71
4.1 Metodologia proposta.....	p. 75
4.2 Definindo conceitos e categorias relevantes para a investigação.....	p. 76
4.2.1 Hipertextualidade.....	p. 76
4.2.2 Interatividade.....	p. 78
4.2.3 Multimídia.....	p. 79
4.2.4 Memória.....	p. 80

5. Uma análise comparativa quantitativa e qualitativa.....	p. 84
5.1 Descrição do objeto de estudo.....	p. 84
5.1.1 Extensão e formatos das coberturas.....	p. 84
5.1.2 Frequências das publicações	p. 86
5.1.3 Texto, fotografia e vídeo.....	p. 88
5.2 Análise quantitativa.....	p. 89
5.3 Análise qualitativa dos conteúdos colaborativos.....	p. 94
5.3.1 Temática.....	p. 96
5.3.2 Estrutura narrativa.....	p. 99
5.3.3 Enunciadores.....	p. 103
5.3.4 Edição.....	p. 105
6. Usos e apropriações dos conteúdos no Twitter.....	p. 108
7. Considerações finais.....	p. 118
8. Referências bibliográficas.....	p. 121
9. Anexos.....	p. 125
9.1 Conteúdos publicados com o formato Texto, fotografia e vídeo.....	p. 125
9.1.2 Matérias do iReport sobre o terremoto de Haiti.....	p. 125
9.1.3 Matérias do iReport sobre o terremoto de Chile.....	p. 133
9.1.4 Matérias do NowPublic sobre o terremoto de Haiti.....	p. 135
9.1.5 Matérias do NowPublic sobre o terremoto de Chile.....	p. 140
9.2 Postagens do Twitter sobre os terremotos de Haiti.....	p. 142
9.3 Postagens do Twitter sobre os terremotos de Chile.....	p. 154

1. Introdução

As fronteiras econômicas, geográficas e culturais têm ficado cada vez mais tênues nas sociedades contemporâneas por causa da globalização. E a comunicação passa a exercer um papel cada vez mais central na vida cotidiana no mundo. Os conteúdos que circulam nas plataformas digitais, e seus usos e apropriações transformam relações políticas e demandam revisões de conceitos e modelos de interpretação da mídia, especialmente por causa de processos de comunicação caracterizados pelo potencial da conexão e da interatividade. As mudanças tecnológicas e o acelerado fluxo de informação marcado pelo imediatismo influenciam diferentes rotinas produtivas e também o jornalismo. As tecnologias digitais são ferramentas que promovem outras formas de transmissão, processamento e armazenamento da informação. Para De Fleur e Ball-Rokeach (1998, p.59), o desenvolvimento da comunicação de massas tem sido um processo evolucionista técnico, científico e social, em função das possibilidades de uso das tecnologias digitais.

A sociedade da informação, hoje amplamente digitalizada, tem se transformado, segundo Mattelart (2002, p.135), em um eixo do projeto geopolítico mundial, cuja função é garantir o re ordenamento do planeta ao redor dos valores de mercado e do avanço tecnológico. Um mundo sem mediadores, muros e leis parece ser a condição da implantação e consolidação do paradigma da sociedade da informação de massas. Deriva-se das considerações do autor a ideia de que a sociedade da informação é uma construção geopolítica, energizada em grande medida pelo determinismo do capital e pela lógica da informação como um mercado de escala global. Como constata Mattelart (2002, p.168), a ideologia da sociedade da informação é a mesma que aquela do mercado. Ela está associada aos princípios neoliberais de reconstrução do mundo. As novas tecnologias apoiam e coincidem com a aceleração da expansão do capital (Sodré, 2008, p.12). Assim, já não é possível compreender o ser humano na contemporaneidade sem estabelecer relações entre os fatores econômicos e os processos de comunicação, até porque o desenvolvimento das redes de comunicação transforma radicalmente a vida do

homem contemporâneo, tanto as relações de trabalho, quanto a socialização e o lazer. O impacto da chamada “economia digital” na cultura, na indústria, na pesquisa científica, na educação, e no entretenimento é muito expressivo. Sodré (2008, p. 18) explica que compreender como a mídia contemporânea atua em termos de influência ou poder na construção da realidade social (moldagem de percepções, afetos, significações, costumes e produção de efeitos políticos), baseada na interação em tempo real e na possibilidade de criação de espaços artificiais ou virtuais, é questão essencial para o pensamento crítico sobre a comunicação, e, certamente, para refletir sobre as reconfigurações das práticas e das mediações jornalísticas na atualidade.

Estudos contemporâneos sobre os processos de comunicação, a sociedade da informação e o jornalismo apontam certezas e incertezas em suas mais diversas abordagens eleitas no percurso de análise, sejam tecnológicas, culturais, lingüísticas, econômicas, estruturais, etc., mesmo que estes olhares seja complementares quando procura-se fornecer algumas respostas. As atuais investigações para compreender o complexo universo da comunicação sugerem novas questões em suas diferentes propostas de análise dos mais distintos fenômenos da comunicação, inclusive aquelas que tomam o jornalismo como objeto de pesquisa. O jornalismo é uma profissão que forma uma cultura ao seu redor? As novas mídias nascidas com o advento da tecnologia digital supõem reconfigurações importantes para a comunicação de massas? Que papel desempenha a mídia no imaginário da população? A cibercultura cria mesmo um senso comunitário de interação social? O jornalismo é fortalecido ou enfraquecido pela rapidez da circulação da informação? Essas questões, entre muitas outras, merecem uma atenção especial.

As diferentes abordagens dos estudos do jornalismo buscam compreender porque as práticas jornalísticas são importantes e necessárias nas sociedades contemporâneas e a sua relevância como expressão de relações entre comunicação e cultura na atualidade. Segundo Löffelholz & Weaver (2008, p. 253-264), a contínua institucionalização dos estudos em jornalismo não apenas demonstra o crescimento da importância desse campo de conhecimento, como também revela que não pode mais ser operado dentro de limites nacionais. De fato, restrições disciplinares,

geográficas ou culturais nos estudos sobre jornalismo prejudicam a sua compreensão e relevância, como também sugere Zelizer:

As numerosas perspectivas inter disciplinares através das quais o jornalismo tem sido estudado oferecem mais do que um simples ângulo para entendê-lo. É através desses ângulos que ele vale a pena, não isolado e sim inter laçado. Reconhecer que o jornalismo vale a pena é o primeiro passo para levá-lo a sério. Um olhar inter disciplinar e sério enriquece a existência e presença do jornalismo, justifica seu lugar como fonte de poder, como profissão, prática e fenômeno cultural e social. (ZELIZER, 2004, p. 204)

Considera-se aqui o jornalismo como uma expressão da cultura, na qual as notícias, os indivíduos e fatos retratados nelas e as formas nas quais se espalham configuram traços de identidade, apoiados pela adoção teórica de pressupostos da sociologia ou da psicologia. Segundo Zelizer (2004, p. 177), o jornalismo é um fenômeno cultural abrangente que agrega traços culturais das práticas jornalísticas e dos jornalistas por meio de padrões estabelecidos (quase tacitamente) com pessoas que não são jornalistas mas mesmo assim estão envolvidas em formas diversas de argumentação, expressão, representação e produção. Por isso, como propõe Johnson (2001, p. 194) é tão essencial reconhecermos a riqueza e a complexidade do jornalismo, seu âmbito de expressão e sua significação cultural. Como explica Zelizer (2004), correntes de pensamento continuam atacando as argumentações sobre a viabilidade da profissão jornalística:

A quantidade de estudos sobre a fraqueza do futuro jornalístico circulam na internet o tempo todo. A lista de doenças jornalísticas é grande, nomeando o jornalismo como um agente de desgraças e pouca fortuna. A lista é tão grande que nem tem uma forma definida: o surgimento de CNN ou Fox, jornais com ênfase exclusivo no lucro, o fim da objetividade, o destino da mídia independente, jornalismo digital e os blogs, as falhas dos jornalistas em proteger as suas fontes, “infoainment”, *soft-journalism*, comunicados de imprensa posando como jornalismo *mainstream*. (ZELIZER, 2004, P. 204)

A compreensão do jornalismo como fenômeno cultural, em acordo com a autora, permite entendê-lo além de uma simples prática onde profissionais da comunicação agem como transportadores de informação que espalham suas argumentações sobre o que é bom e ruim, moral ou amoral, apropriado ou inapropriado, e sim como uma expressão das relações entre comunicação e cultura.

As investigações sobre jornalismo revelam tensões e desequilíbrios. Há os que o olham e apreciam como uma útil ferramenta de mediação ou como uma das formas de execução do direito à livre expressão, e outros que o atacam constantemente por causa das suas falências e imperfeições. De qualquer modo, evidencia-se uma corrente acadêmica disposta a estudá-lo no caso latino-americano. Segundo Löffelholz & Weaver (2008, p. 212), na América Latina, os estudos em jornalismo só emergiram como uma disciplina específica nos anos 1990, como resultado de esforços isolados. O jornalismo era considerado uma temática secundária das pesquisas em comunicação. Hoje, o Brasil é o país que mais desenvolve pesquisas no campo na América Latina.

A compreensão da relevância que o jornalismo tem como aspecto da cultura é fundamental como uma etapa prévia para mergulhar numa questão mais específica, que tem sido nomeada como o ultimo estágio de evolução das mídias até hoje: a cibercultura e o diferencial da internet nas dinâmicas de produção no jornalismo na atualidade. A passagem de uma cultura do jornalismo praticada nos meios massivos para o ambiente virtual abrange mais do que a produção e leitura de relatos jornalísticos na tela de um computador, ou seja, a progressão da vida sensível para uma vida imaterial, eletrônica, sem contato pessoal, metafórica, a ligação em redes elétricas, a promoção de identidades e alter egos ancorados nas personalidades dos usuários da internet, e a participação conjunta entre sujeitos entrelaçados pelas lógicas não lineares das redes sociais e dos *sites* de notícias e entretenimento. A cibercultura reúne variadas manifestações daquilo que é produzido, transmitido e relatado *on-line*, por meio das novas mídias ou da cultura da interface como é nomeada por Johnson (2001). A comunicação parece ser mais importante do que a própria informação, enquanto os mundos da tecnologia e da cultura estão colidindo e os espaços – informação agem amplamente como metáforas visuais. Segundo o autor, o desenvolvimento de uma cultura de interfaces tem sido a estratégia básica para a exploração e concepção da nova mídia, pois a cultura da interface é energizada pela organização da vida material numa vida virtual:

...se pensamos a tela como uma espécie de espelho, que reflete os objetos físicos que nos rodeiam (lixeiras, pastas, janelas), temos tudo para ganhar o jogo antes de sequer

pegar no mouse, já que podemos recorrer às nossas expectativas preexistentes sobre o modo como esses objetos funcionam. Em outras palavras, toda a ideia de metáfora visual é na verdade uma extensão do princípio mais geral de consistência da interface, só que desta vez projetada além dos limites da própria tela. A lixeira funciona porque o faz como uma lixeira do mundo real, assim como uma pasta guarda documentos ciosamente tal como uma pasta do mundo real. (JOHNSON, 2001, p. 208).

O espaço-informação é a grande realização simbólica de nosso tempo e passaremos as próximas décadas nos ajustando a ele (JOHNSON, 2001, p. 194). Hoje, qualquer pessoa moderadamente à vontade com um computador é capaz de inventar seus próprios espaços-informação e de partilhá-los com amigos ou colegas. A expansão de uma cultura da interface onde os espaços – informação sejam fortalecidos como nichos de promoção de uma cultura de mídia na internet está em percurso. Segundo Antoun, algumas dessas implicações revelam-se como afrontas de contra poder. O autor se refere aos traços da nova mídia e da cibercultura, destacando que antes da emergência delas, parecia que toda resistência ao capitalismo globalizado estava fadada aos gemidos impotentes da recusa à globalização ou à lamentação do continua enfraquecimento dos velhos meios de luta (sindicatos, partidos, estatização dos serviços...) (ANTOUN, 2006, p.7). De fato, as novas mídias carregam uma ansiedade por revisar as tramas pelas quais informação e sujeito interagem junto com as mudanças nas relações de poder (mesmo que não atinjam um ponto de equilíbrio) e nas relações dos sujeitos com a suas mídias e com a tecnologia que as sustentam.

O tão conhecido termo “glocal” que começou aparecer nos anos noventa implica um sistema mais simples do que aquele que existe atualmente e já parece uma construção etimológica limitada. Segundo autores como Antoun, o termo “logal” adapta-se bem melhor na realidade das novas mídias. Segundo ele, o “logal” (a união de “login” e “local”) é uma das qualidades que distingue a nova mídia, pois se contrapõe ao “glocal”, que é a marca da presença do império globalizado nas localidades através do controle exercido por suas agencias de comando e empresas de distribuição. (ANTOUN, 2006, p. 14). Pamela Shoemaker (2009), como Antoun (2006), também critica o termo, ao explicar que ele implica um só governo e um só sistema midiático. A autora continua explicando que a informação sobre

acontecimentos percorre o mundo em um ritmo acelerado, mas fatos ocorrem dentro de uma localidade física, ancorados no interior de um país, mesmo quando o sistema midiático faz parte de um conglomerado internacional.

A que reino da experiência humana pertencem as novas tecnologias, que valores elas perpetuam, onde se produzirão seus efeitos mais indiretos são questões que Johnson (2001, p. 192) coloca no tabuleiro. E estas questões intervêm na compreensão do jornalismo como prática social. Um lado proclama que a internet é a "maior invenção desde a descoberta do fogo" enquanto o outro pranteia a morte da consciência mais lenta, mais introspectiva, da mídia impressa. É bastante difícil prever o impacto cultural da nova tecnologia num prazo longo. Contudo, ela já tem alterado de maneira muito expressiva pressupostos imóveis há algum tempo. Assim, como aponta Zelizer (2004, p. 178) o surgimento de novas audiências para as notícias é claramente o resultado da expansão da internet. Teixeira (2009, p. 2) reforça este ponto de vista ao apontar que a hibridização das culturas tem gerado um ambiente midiático global, onde o jornalismo está se tornando um fenômeno mundial que afeta o conteúdo de toda a mídia, o processo de produção de informações e até mesmo as bases de trabalho de jornalistas de diferentes países.

Como nossa cultura está se tornando rapidamente eletrônica, somos cada vez menos o que éramos, uma sociedade de indivíduos isolados. Estamos correndo para entrar em rede. Com o tempo vamos todos viver, pelo menos em parte, dentro de uma espécie de consciência de rede (JOHNSON, 2001, p. 197). As tecnologias digitais influenciam os processos de comunicação e as rotinas produtivas do jornalismo. Experimenta-se formas novas de gestão, produção e consumo de informação nos meios marcadas pela instantaneidade e pelo imediatismo, acompanhadas de uma avalanche de conceitos, de dinâmicas, de rotinas de produção, da inserção de novos atores sociais e de linguagens distintas que passam a fazer parte do cotidiano do ser humano, constituindo a atual sociedade da informação, ainda que os efeitos dessas mudanças nem sempre sejam totalmente compreendidos.

Existe um crescente uso e apropriação de dispositivos tecnológicos para produzir, guardar e veicular grandes quantidades de conteúdos noticiosos de maneira muito rápida. Graças a essa capacidade, uma nova ordem social ingressa como questão relevante no debate sobre os meios. Aos poucos, vivenciamos a transição da sociedade da informação para a sociedade do conhecimento, onde a informação deixa de ser apenas um bem de livre e veloz circulação e passa a ser um elemento de poder, uma ferramenta a ser apropriada pelos sujeitos na geração de novas relações sociais, especialmente na mídia.

Cada vez mais o conhecimento se torna a base de processos sociais em diversos âmbitos da sociedade e continua crescendo a sua importância como recurso econômico. Karsten Krüger (2006) esboça o valor intrínseco na experimentação da sociedade do conhecimento, sugerindo que não somente se está produzindo mais conhecimento, mas que ele tem ganho maior importância em relação a outros fatores da vida social:

(...) numa sociedade do conhecimento, as estruturas e processos de reprodução material e simbólica estão tão impregnadas de operações de conhecimento que o tratamento da informação, a análise simbólica e os sistemas expertos cobram importância definitiva frente a outros fatores de reprodução como capital e trabalho¹ (KRÜGER, 2006, P. 65)

Se o século vinte se caracterizou por ser a etapa em que aconteceram os mais importantes avanços tecnológicos da história referentes à otimização de recursos e produção de informação em massa, à introdução da transmissão comercial da rádio, à gravação de registros sonoros ou à geração de sinais para transmitir programação de televisão, as ciências da comunicação no início do século XXI estão sendo moldadas por uma revolução ainda maior: a minuciosa digitalização do mundo. Esta tendência tem gerado experiências locais e globais distintas e gerado muitas reflexões teóricas, discussões, análise de paradigmas e revisão de determinadas afirmativas referentes ao pensamento crítico sobre a mídia, submetidas a muitos questionamentos.

¹ *El concepto de la sociedad del conocimiento* de Karsten Krüger é um artigo da série documental Geo Crítica. Vol. XI, No. 683, 25 de outubro de 2006. Barcelona

A influência da tecnologia nos processos de comunicação pode ser vista sob muitos ângulos e perspectivas (sistêmicas, sociológicas, operativas, humanas, econômicas, etc.) e divididas em inúmeros tópicos de debate social, inclusive nas pesquisas em jornalismo. A introdução da internet nos anos noventa como uma ferramenta de troca de dados e de veiculação de maior quantidade de informação em menor quantidade de tempo tem provocado expressivas mudanças nas rotinas produtivas jornalísticas e na compreensão do jornalismo como prática social. Os usos da rede e do computador impõem novas questões sobre como a sociedade se comunica e se informa.

O jornalismo tem se apropriado das potencialidades da internet. A grande capacidade de armazenamento de informação, a instantaneidade na sua troca e a possibilidade de convergência de vários formatos, entre outros aspectos, têm influenciado o desenvolvimento do jornalismo praticado na era digital. Assim, hoje pela primeira vez se enxergam propostas e possibilidades —fortes e as vezes inusitadas— de construir, efetivamente, uma sociedade mais descentralizada, através da produção, gestão e circulação de múltiplos produtos e da inserção de sujeitos nunca antes vistos nas hierarquias midiáticas, especialmente nas telas da tevê e do computador. Há uma reconfiguração dos processos de comunicação e da mediação jornalística para além da aldeia global à que se referiu Marshall McLuhan (1964) pois a inter - conectividade humana em grande escala e a produção de conteúdos colaborativos já transcendem a reflexão do autor na medida em que ela se desenvolve de forma absolutamente instantânea, e entre espaços geográficos distantes e contextos culturais distintos.

1.1 Jornalismo digital e produção colaborativa de notícias

O interesse no estudo do jornalismo digital, mais especificamente de experiências atuais de produção de notícias e de geração de conteúdos jornalísticos colaborativos surge das evidências de que as tecnologias digitais estão transformando modos de fazer e pensar o jornalismo. A espera de horas e até dias na publicação de informação jornalística editada e pronta para ser consumida tem sido

reduzida a minutos, e as relações de poder entre quem produz e consome a informação têm sido alteradas.

Entender e fornecer algumas respostas sobre como se tecem e constroem os atuais processos de comunicação e de troca de informação é questão importante nas pesquisas em jornalismo, observando não apenas como os fatos são relatados, mas buscando apresentar perspectivas capazes de contribuir para a promoção de sociedades mais democráticas. O fato de evidenciarmos produtos digitais que combinam princípios e práticas jornalísticas com a participação ativa de milhares de pessoas nos processos de construção de informação cria a necessidade de avaliar a dinâmica e a qualidade das notícias disponibilizadas. Por isso, a motivação essencial dessa pesquisa é investigar as formas de participação de novos atores sociais na elaboração dos textos jornalísticos, a produção jornalística colaborativa no ciberespaço, e verificar se essas experiências podem se constituir em modos diferentes e mais diversos de representar as realidades sociais locais e globais, contribuir para um jornalismo de maior qualidade que não esteja submetido às estruturas hierárquicas, às temáticas e às abordagens da mídia massiva e tradicional.

O presente estudo busca, portanto, compreender as características dos processos de produção de conteúdos colaborativos no ciberespaço por meio da análise comparativa e qualitativa. Estudar os modos como são construídas as notícias nos sites que propõem abordagens dos acontecimentos mais diferenciadas e independentes daqueles que são produzidos pelas grandes empresas, observando a qualidade da informação disponibilizada é o foco dessa investigação. Para alcançar esse objetivo será realizado um estudo das coberturas jornalísticas dos terremotos do Haiti o do Chile, que aconteceram nos dias 12 de janeiro e 27 de fevereiro de 2010, respectivamente, pelos sites de redes colaborativas NowPublic e CNN iReport.

A escolha desses dois acontecimentos não foi por acaso. Sua importância reside na atenção que os dois desastres naturais receberam nas suas edições. Além disso, como eventos inevitáveis no cotidiano do mundo atual, os desastres naturais figuram como incertezas e como riscos latentes impossíveis de prever. Em acordo com Vaz (2006, pp. 10-11) a emergência do risco gera mudanças expressivas nas

articulações entre mídia e sociedade, principalmente porque incrementa o papel dos meios, os quais se legitimam como portadores competentes de alertas sobre os riscos, propondo, ao mesmo tempo, maneiras de contorná-los.

Os sites destes produtos tem bons índices de visitação na internet no que tem a ver com redes colaborativas de jornalismo, assim como uma ampla base de usuários. Segundo o Mediaweek Report², o iReport recebeu mais de 4 milhões de *video streams* no final de 2008, com uma média de incremento mensal de 22 por cento até o primeiro trimestre de 2010, e mais de 2,5 milhões de usuários únicos no início de 2009. O iReport é um produto multimídia que promove entre seus usuários / contribuintes o envio de material noticioso (texto, fotografias ou vídeo) para ajudar na contextualização sobre os acontecimentos e para fornecer maior quantidade de dados relevantes. Foi adquirido pela CNN em 2008 e, como o NowPublic, não oferece recompensas econômicas pelos conteúdos publicados pelos membros cadastrados. Já o NowPublic tem uma rede de mais de 250 000 contribuintes que enviam matérias desde 160 países, que vão desde política internacional, até economia, meio ambiente e conteúdos estranhos ou bizarros.

Assumindo-se a notícia como um produto estratégico para a apreensão da vida social e o jornalismo como forma de conhecimento, ainda constitui-se como objetivo específico da dissertação apontar de que modo os conteúdos colaborativos jornalísticos publicados nas redes começam a incorporar processos de hibridização de suportes e linguagens na construção da informação. Para realizar a análise comparativa qualitativa e quantitativa proposta serão aplicadas categorias originárias dos estudos de jornalismo digital e jornalismo audiovisual, que permitem compreender melhor essas mudanças. O estudo também pretende apresentar perspectivas sobre os atuais processos de interação da recepção nas redes colaborativas, investigando a dinâmica de recepção e os usos e apropriações de informação na *web*, através de ferramentas como o Twitter.

² Disponível em: www.mediaweek.com/mw/index.jsp

Assumimos como hipótese que as redes colaborativas constroem seus conteúdos através do envolvimento de novos atores midiáticos e que os conteúdos colaborativos incorporam novas formas de produção e circulação da informação, mas não garantem maior qualidade na informação jornalística na *web*. Em caso de desastres naturais, as redes colaborativas servem essencialmente como veículos de circulação de informação com propósitos humanitários, mas não, necessariamente, para disponibilizar informações jornalísticas capazes de contribuir para apreensões mais plurais e contextualizadas do acontecimento.

Esta pesquisa está inserida em um conjunto de reflexões que procuram compreender melhor a transição de uma sociedade de meios de massa centralizada, onde a televisão, a rádio e os jornais impressos consistiam nas únicas formas de conhecimento dos acontecimentos sociais cotidianos para uma sociedade digitalizada, mais descentralizada, onde o consumo de informação é marcado pela velocidade e pelo imediatismo, e os usuários podem ter uma participação mais ativa. Essa investigação requer referências teóricas e percursos metodológicos claros e precisos para alcançar os resultados pretendidos. Está amparada por estudos dos processos de comunicação na contemporaneidade, por meio das relevantes contribuições de autores como Sodré (2008), Castells (2001, 2002), McLuhan (1963), Mattelart (2002) e Certeau (1998), os quais colaboram para a construção de uma reflexão crítica sobre o papel da comunicação na vida social e cultural cotidianas. As contribuições de Manovich (2002) referentes à reflexão sobre processos de digitalização dos meios são referências relevantes nesta investigação, assim como as contribuições de Primo (2007), Recuero (2009), Cardoso (2007), Deuze (2006, 2007) e Fontcuberta & Borrat (2006) para pensar a cibercultura e as interações entre produção e recepção promovidas por usos da Internet e do computador. E para compreender essas interações como práticas sociais e a singularidade dos contextos sócio- culturais em que estão inseridas as reflexões propostas por Kellner (1995, 2004), Martin-Barbero (2001) e Pinto (1999) são também essenciais.

O debate sobre novas mídias digitais proposto por Pavlik (2001), Bardoel (2006, 2007), Johnson (2001) e Deuze (2007); as teorias do jornalismo sistematizadas por Gomes (2009), Alcina (2005), Traquina (2006), e Genro Filho (1987) e os trabalhos de Melo (2006) e Pena (2005), ainda contribuem para compreender o jornalismo como forma de conhecimento e as reconfigurações de sua mediação na atualidade.

A evolução do jornalismo digital tem, efetivamente, gerado pesquisas sobre seus impactos sociais e sobre as novas formas de produção, circulação e consumo de informação. No Brasil, o grupo de pesquisa em Jornalismo online da Universidade Federal da Bahia (Grupo JOL) é um centro de investigações de referência, reunindo pesquisadores como Marcos Palácios, Elias Machado, Suzana Barbosa, Luciana Mielniczuk e Leila Nogueira, entre outros, como principais representantes. No trabalho de pesquisa do Grupo JOL, estudos sobre características e gêneros do jornalismo digital, sistemas de publicação, narrativa *webjornalística* e estruturas noticiosas têm sido desenvolvidos há quinze anos. Machado (2007), Palácios (2002), Barbosa (2001, 2007) e Mielniczuk (2003, 2005) apontam algumas das características básicas do jornalismo *on-line* como a interatividade, multimidialidade, hipertextualidade e memória importantes para essa pesquisa.

Assim como o Grupo JOL no Brasil, a Espanha constitui um centro de pesquisas sobre jornalismo digital e cibercultura reconhecido no meio acadêmico internacional agregando os trabalhos de Diaz Noci (2003, 2008), Salaverría (2005) e Albornoz (2007). Reflexões conjuntas realizadas e sistematizadas por autores de países de língua espanhola e portuguesa também tem expressiva relevância para as pesquisas em andamento e para esse estudo³. Nos estudos do jornalismo digital, Mark Deuze e Jo Bardoel (2001, 2006) e Alves (2006) também oferecem contribuições importantes e serão consideradas como referências essenciais nessa

³ O 3er Colóquio Ibero-americano sobre Jornalismo digital, organizado pelo *Knight Center for Journalism in the Americas*³ em abril de 2010 dedicou-se ao tratamento dos desafios do jornalismo digital e experiências de integração nas redações digitais de meios de fala espanhola e portuguesa.

investigação, assim como as dinâmicas e os resultados alcançados e apresentados nos estudos sobre a produção colaborativa no ciberespaço nos trabalhos de Antoun (2008), Bowman & Willis (2003), Träsel, (2006) Malini (2008), Becker (2009) e Gilmor (2003). E aqui será necessário ressaltar a diferença entre *user-generated content* “jornalístico” e a colaboração em sítios *web* de consulta, promoção de produtos, avaliações comerciais, e de outras naturezas.

1.2 Uma proposta de pesquisa

O texto da pesquisa está dividido em seis capítulos, além das considerações finais. A estrutura da dissertação começa com uma reflexão sobre a sociedade da informação na contemporaneidade. São apontadas questões sobre a influência da comunicação em outros campos do saber, sobre a sua importância na formação da cultura e nas relações econômicas e sociais. Posteriormente, o jornalismo é discutido como força geradora de conhecimento na atualidade. A pesquisa aponta ainda mudanças nas reflexões críticas e nas práticas jornalísticas provocadas pelos usos e apropriações da internet. É também realizada uma revisão de referências teóricas relevantes para o objeto de estudo proposto, uma análise de experiências de produções colaborativas jornalísticas, e a sistematização dos resultados alcançados, os quais buscam indicar características das redes colaborativas noticiosas no ciberespaço.

O primeiro capítulo corresponde à introdução. O segundo, cujo título é *Mídias participativas e redes jornalísticas colaborativas* compreende uma análise sobre a publicação colaborativa no ciberespaço e a produção de conteúdos jornalísticos nas redes colaborativas. Tenta localizar e diferenciar modalidades nas quais a colaboração nos meios digitais acontece, traçar um panorama de experiências de produção de conteúdos jornalísticos e não jornalísticos de distintos perfis e de *sites* que promovem a incorporação de recursos multimídia na produção de notícias no ciberespaço.

Jornalismo na contemporaneidade: tendências e desafios é o título do terceiro capítulo. São identificadas as potencialidades da internet e do computador

na construção das notícias e é realizada uma reflexão crítica sobre distintas correntes teóricas dos estudos de jornalismo realizado em suporte digital. O capítulo revela que o jornalismo digital é conceituado de diversas maneiras e que algumas das suas principais características são a multimidialidade e a interatividade, dois recursos exclusivos das mídias digitais.

A proposta metodológica para realizar a pesquisa é detalhada no quarto capítulo, junto com a apresentação das categorias de análise escolhidas que serão aplicadas na investigação dos conteúdos jornalísticos das duas redes colaborativas já referidas. Elas foram escolhidas porque permitem compreender com profundidade características singulares do jornalismo digital nas publicações disponibilizadas atualmente na internet. A aplicação dessas categorias também permite observar como as redes colaborativas gerenciam seus conteúdos e configuram-se como opções de consumo de informação de qualidade, frente a outros produtos jornalísticos eu não consideram a produção colaborativa.

O quinto capítulo corresponde a análise comparativa quantitativa e qualitativa do iReport e do NowPublic. A qualidade dos conteúdos colaborativos produzidos nos dois sites escolhidos nesta investigação é a principal questão discutida. São apresentadas características de produção de informação nesses sites, a partir dos resultados alcançados na aplicação das categorias selecionadas neste estudo. Esses resultados buscam oferecer algumas respostas sobre a produção colaborativa e seu potencial para aperfeiçoar as práticas jornalísticas.

O sexto capítulo discute a recepção da informação numa ferramenta de *micro-blogging*: o Twitter. Referências da análise do discurso permitem compreender melhor as construções de sentidos das notícias. Mas, o foco maior deste capítulo é a reflexão sobre a qualidade das notícias sobre os dois acontecimentos do ponto de vista da recepção.

A participação dos usuários para a formação e promoção de comunidades digitais de geração de conteúdos na *web*, especialmente em plataformas que promovem o jornalismo é uma prática que avança com uma velocidade maior do que

as pesquisa que tentam apontar algumas respostas sobre o tipo de relações sociais e mediações que acontecem entre sujeitos, as mídias e a sociedade contemporânea, quase absolutamente interligadas através das redes de comunicação instantânea. Nesse contexto, revela-se a importância do tema deste trabalho para a linha de Mídia e Mediações do Programa de Pós-graduação da ECO, busca explorar e refletir criticamente sobre o papel central da comunicação na vida social contemporânea e sobre as suas relações com a cultura.

2. Mídias participativas e redes colaborativas jornalísticas

Usos e apropriações das tecnologias digitais têm transformado a comunicação massiva, centralizada e hierarquizada e gerado novas formas de comunicação e de relações entre diferentes comunidades no ciberespaço. E a mídia como um aparato tecnológico de produção de informação sofre mutações e experimenta modificações em suas estratégias, em busca de outras alianças e posições por causa da inserção de novos atores sociais na produção de conteúdos nas plataformas digitais capazes de criticar e participar dos contextos sócio-culturais (BARBERO, 2001, p.75). Há uma fratura da oferta midiática, em função da diversificação das audiências e das novas linguagens (BARBERO, 2001, p. 76). A multimídia nasce dessas transformações. E o homem passa a se relacionar com o mundo sob a lógica das redes tecnológicas, a experimentar, inclusive, mudanças de hábitos no dia a dia entre os mundos *on-line* e *off-line*. Segundo Sodré (2008), a “mutação tecnológica” levou à chamada hibridação e rotinização dos processos de trabalho. Hoje, os efeitos das novas tecnologias no cotidiano são visíveis em toda a atividade humana porque todos os processos da existência individual e coletiva são moldados pelos meios tecnológicos (CASTELLS, 2000, p.108), o jornalismo também. Suas representações e interpretações da realidade constituem-se em questões relevantes na construção do cotidiano da vida social. O atual papel social, cultural, político e econômico do jornalismo como formador de opinião e mediador entre diferentes poderes demanda questionamentos, especialmente quando observamos o potencial da participação dos usuários na produção de conteúdos noticiosos.

Quando a revista norte-americana Time publicou em dezembro de 2006 a sua edição anual na qual elegeu a personagem mais destacada do ano, o *Time's Person of the Year*⁴, a publicação tomou uma decisão que ajudou a pavimentar um caminho de possibilidades para a denominada *Social Media*. Na capa da influente revista, a página refletia – em uma brilhante folha de cor metálica – toda pessoa que segurava a publicação nas mãos. Isto é porque o sujeito do ano da revista era *You* (Você).

⁴ <http://www.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>

Esquecendo de personagens famosas ou políticos proeminentes, a publicação reforçou categoricamente a chegada da cultura do “Eu faço”, de um momento histórico na comunicação em que é o poder dos cidadãos é reconhecido na formação da cultura midiática na Internet.

A invasão de aplicações e softwares que explodiu na rede, sob o conceito da Web 2.0, foi o que influenciou a revista e, como uma mensagem de previsão, a internet começou a evoluir, em direções exploradas até hoje. A Web 2.0 e a cultura da colaboração no ciberespaço são as bases das experiências de troca de informação, com usos flexíveis e personalizados de softwares para compartilhar a produção multimídia na atualidade. Web 2.0 é um termo da internet para mencionar a cultura participativa que se estabeleceu como uma realidade social onde qualquer pessoa, dado ou acontecimento é acessível para todos. É o que no mundo da internet se denomina como a filosofia da interatividade, a experiência *on-line* que permite aos usuários colaborar, criar, editar qualquer conteúdo no ciberespaço e interagir com outros⁵.

Para Antoun (2008, p. 4), o movimento da Web 2.0 começa em 2000 no blog do Cluetrain Manifest, onde publicitários, marketeiros e empreendedores pensam a Internet como um lugar capaz de revolucionar a publicidade, o marketing e os negócios desgastados com a violência e estupidez da mídia massiva e seu modelo invasivo e esmagador. O autor ainda explica que a rede permite coordenar a reunião e a dispersão dos participantes anônimos de uma ação distribuídos em pequenos agrupamentos (ANTOUN, 2008, p. 3). Questiona-se neste capítulo como essas possibilidades reconfiguram as práticas jornalísticas na atualidade e se seus efeitos geram uma produção jornalística efetivamente mais descentralizada, uma nova relação entre o jornalista, as fontes e os fatos, e ainda se o uso da internet e das tecnologias digitais tem gerado conteúdos noticiosos de maior qualidade. Propõe-se um olhar crítico sobre as características de conteúdos noticiosos criados por parte dos próprios consumidores da informação na *web*. No atual processo de

⁵ Siegel, Lee. *El mundo a través de la pantalla*. Urano Publishing, 2008, p. 131

transformação do jornalismo digital, o estudo da participação da população nos *sites* de produção de notícias pode ajudar a esclarecer, apontar e rever conceitos dessa prática jornalística no ciberespaço, o que se constitui como objetivos gerais dessa dissertação.

2.1 Produção e circulação de informação no ciberespaço

A internet mudou as dinâmicas do jornalismo. No ambiente virtual o exercício profissional é realizado sob a lógica de muitos para muitos, ao invés de poucos para muitos. Antoun (2008, p. 4) explica que a Internet devia se configurar como uma plataforma onde programas *open-source* tornariam o conhecimento de programação desnecessário e tornariam o usuário um produtor e cooperador. A partir dos usos e apropriações da rede, Dyer-Witheford (1999, p. 423) aponta uma nova forma de organização social diferente daquela estruturada apenas sob a ordem do capital — no qual os meios de produção ficam restritos aos atores sociais com poder econômico e de decisão. Para o autor, longe de ser triunfante, o capital e sua lógica de produção para o benefício de poucos (aplicada também nos meios de comunicação) tem, contraditoriamente, fortalecido novas tendências do fazer midiático, dirigidas a construir uma sociedade onde a geração e a circulação da informação não ficam unicamente restritas aos grandes grupos empresariais de mídia.

O autor ressalta que acontece uma espécie de sabotagem na dinâmica da lógica capitalista na mídia por causa da própria capacidade dos meios atuais de atingir maiores setores da população, antes excluídos. Emerge da Web 2.0 uma espécie de alternativa ao *establishment* midiático, sustentado pelo próprio poder do capital. Para Dyer-Witheford, sucessivas ondas de tecnologia de comunicação têm servido como as bases das mídias empresariais integradas verticalmente, em acordo com a lógica do desenvolvimento capitalista. As consequências são o controle da sociedade sob um discurso corporativo, censura de notícias e da expressão artística, estratificação e privatização crescentes do acesso a informação e a interpelação das audiências em nome do consumismo, ao invés da cidadania (DYER-WITHEFORD, 1999, p. 438).

Porém, segundo o autor, a Web 2.0 provoca a emergência de um outro paradigma de produção, gestão e circulação da informação:

O famoso *slogan* dos *hackers* “informação quer ser livre” propõe um determinismo tecnológico, mas a sua mistificação contém uma verdade visível: muitas pessoas querem que a informação seja livre e estão encontrando no ciberespaço os meios para cumpri-lo. A internet disponibiliza um grande volume de informação em uma forma anti-commodity. Os criadores que preferem que seu trabalho seja usado ao invés de vendido tem desenvolvido grandes quantidades de softwares, de graça para os usuários. Outros têm sido liberados dos seus donos comerciais e tem sofrido distribuição mundial, instantânea (DYER-WITHEFORD, 1999, 440)

Johnson (2001, p. 17) reafirma as palavras de Dyer-Witthford quando se refere a uma neutralização desse percurso na atualidade. Segundo ele, o capitalismo transformou a velocidade tecnológica de uma ameaça global iminente, exponencial —como o aquecimento do planeta ou a superpopulação — numa decisão de estilo de vida, de sensibilidade requintada. A cooperação, a colaboração e a livre expressão seriam os instrumentos desta nova *web* que uniria empresários e usuários através da livre comunicação (ANTOUN, 2008, p. 4). *Sites* como Youtube ou Facebook são apenas dois dos mais conhecidos da variedade de experiências colaborativas da Web 2.0 onde o usuário assume controle sobre a mídia por ele escolhida, seja para propósitos de trabalho, lazer, artísticos, etc. Second Life, Scribd, Picasa, Wikipédia, Vimeo, Slashdot... A popularidade das aplicações desenvolvidas sob o conceito de Web 2.0 abriu, efetivamente, um caminho de possibilidades de reestruturação de gestão e de distribuição da informação recorrentes nas mídias massivas. Como aponta Antoun (2008, p. 5), diante disso fica difícil negar que o capital social parece ter encontrado sua mídia na Internet para combater o capital monetário. Mesmo sem um apoio salarial nem uma recompensa mensurável ou perceptível, o capital social de que fala o autor (milhares de pessoas alimentando informação na *web*) tem assumido alguma posição de resistência diante de grandes organizações e estruturas empresariais.

As tecnologias digitais configuram novos espaços de ação na relação entre usuários da *web* e novas formas de comunicação interpessoal. Essa gama de possibilidades não gera apenas conteúdos amadores para alimentar as mídias que os promovem. Hoje, as empresas também aproveitam as tecnologias digitais para criar

commodities relacionadas à economia da informação: softwares, filmes, vídeo, programas de televisão, música eletrônica e jogos de vídeo, estimulando a proliferação de bens digitais e o crescimento de mercados segmentados. Espalhadas através de canais digitais à “velocidade do pensamento”, essas *commodities* tornam-se experiências difíceis de controlar (DYER-WITHEFORD, 1999, p. 440). Por um lado, enquanto *sites* como LinkedIn⁶ fazem questão de atrair usuários interessados em expandir suas oportunidades profissionais e de trabalho através de uma rede empresarial, softwares como o iTunes Store⁷ da Apple comercializam conteúdos sonoros digitais segmentados, por países ou inclusive regiões, ao tempo que provocam uma renovação da indústria da música e das discográficas, dinâmicas difíceis de serem controladas nas interações entre produtores e consumidores. As grandes gravadoras cedem espaço e negócio, enquanto os internautas ficam mais envolvidos com as mídias que consomem na construção do seu cotidiano.

Os meios são extensões do homem segundo McLuhan (2009, p.75), e hoje é inegável o caráter maleável deles na sua aplicação nas interações interpessoais, comerciais, monetárias, etc. Para Castells (2002) os sistemas de comunicação já são extensões da mente porque há um novo fenômeno de apropriação da tecnologia em livre percurso na sociedade em rede: na lógica da internet, a mente não é apenas um elemento decisivo no sistema produtivo, é em si uma força de produção (CASTELLS, 2002, p. 69). Ambos os autores se referem ao surgimento de um sujeito midiático com potencial criativo para a geração de conhecimentos. Questões que Castells e McLuhan propõem referentes às relações entre sujeito e tecnologia são abordadas por Primo (2007, p. 36) como as interações mediadas por computador, as quais não devem ficar restritas à definições tecnicistas pois é essencial direcionar a atenção ao impacto social dessas interações e as suas implicações culturais. Por causa disso, para o autor, a interatividade é a medida da

⁶ <http://www.linkedin.com>

⁷ O acesso à iTunes Store só pode ser feito em países selecionados através do software da Apple, disponível em <http://www.apple.com/itunes/download/>

habilidade potencial da mídia em permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou em uma forma de comunicação mediada (PRIMO, 2007, p. 37).

O autor propõe uma revisão do processo de interação da clássica teoria da comunicação, a tão conhecida fórmula emissor → mensagem → meio → receptor, destacando não apenas o que o pólo emissor transmite, mas também a possibilidade de busca do receptor pela informação que ele quer. E representa o processo de interatividade desse modo: *webdesigner* → *site* → Internet ← usuário (PRIMO, 2007, 11). Sugere ainda que a instantaneidade das interações mediadas por computador, as tecnologias de armazenamento, a possibilidade de recuperação de informações, e a escrita e leitura hipertextuais também desafiam a estabilidade de clássicos conceitos teóricos que serviam de parâmetros para explicar relações entre produtores e receptores nos processos de comunicação (PRIMO, 2007, p. 9)

A ênfase nos processos sociais e midiáticos derivados do conceito de interatividade de Primo abre um novo espectro para compreender tendências desenvolvidas por meio da Web 2.0. No coração desta cultura da colaboração, onde vários “pedaços” de mídia consumidos diariamente são sugeridos, produzidos, editados, e comentados pelos usuários, são organizadas algumas das principais propostas de interação entre os sujeitos, as aplicações e os próprios discursos midiáticos que hoje compõem o universo colaborativo na *web*. E uma das maiores expressões daquele universo é a mídia participativa, ou *social media*, como é nomeada em inglês. Aqui, a formação do conceito de *Prosumer* ganha destaque, aquele consumidor que possui a habilidade de produção. No campo na produção da mídia, o conceito do *Prosumer* descreve a ação de milhões de participantes na Web 2.0. (TAPSCOTT E WILLIAMS, 2007, p. 63).

A mídia participativa convida os interessados. Através dela, o processamento da informação se efetua usando recursos multimídia como *mails*, mensagens de texto, vídeos, *clips* de áudio, comentários, imagens digitais, etc. A intervenção dos usuários na formação, manutenção e evolução das mídias participativas é um ponto central das pesquisas que tentam realizar uma reflexão crítica sobre usos de

tecnologias digitais e a democratização da produção e do acesso à informação, buscando compreender os processos de participação e consumo de conteúdos nas plataformas digitais.

Nesse trabalho, busca-se realizar uma análise comparativa quantitativa e qualitativa da cobertura noticiosa dos terremotos de Haiti (janeiro 2010) e do Chile (fevereiro 2010) dos *sites* de redes colaborativas: NowPublic e iReport, que estimulam a colaboração da população na produção jornalística. Pretende-se estudar as características dos processos de construção de notícias nas redes colaborativas e verificar se as atuais apropriações das ferramentas digitais têm contribuído para um aperfeiçoamento dos conteúdos e formatos noticiosos e das práticas jornalísticas no ambiente digital.

As práticas de participação e de colaboração entre os usuários de uma mídia digital se materializam em varias formas. Bowman & Willis (2003, p. 25) apontam que um ambiente de publicação colaborativo está desenhado para permitir aos participantes cumprirem vários papéis: criadores de conteúdos, moderadores, editores e leitores. Contudo, nem todas as práticas de publicação colaborativa de conteúdos podem ser classificadas como jornalismo colaborativo, pois a colaboração na mídia digital abrange campos mais amplos, por exemplo, as enciclopédias editáveis ou os *sites* de avaliação da qualidade de filmes. As implicações dessas práticas nas rotinas produtivas jornalísticas na atualidade merecerão destaque posterior.

As apropriações da tecnologia digital pelos usuários revelam que os cidadãos conquistam algum poder na produção de informação, o que pode se configurar como fenômenos de democratização da prática jornalística. Os usuários passam a ter a possibilidade de sugerir e cooperar nos processos de seleção e apuração de pautas nas redações, virtuais ou não, da mídia tradicional. Os processos colaborativos jornalísticos na *web* desafiam princípios jornalísticos adotados na construção cotidiana da notícia, como a relevância e a própria credibilidade da informação. Por outro lado, esses processos não garantem um aperfeiçoamento das práticas

jornalísticas, ainda que tenham um enorme potencial para uma produção de conteúdos noticiosos mais diversos sobre os acontecimentos.

A discussão sobre conteúdos noticiosos nós leva a uma reflexão sobre princípios da disciplina e do exercício profissional do jornalismo. Segundo Traquina (2009, pp. 91-92), um acontecimento tem maior possibilidade de se tornar notícia de acordo com os valores de simplificação (quanto mais um acontecimento é desprovido de ambiguidade), amplificação (quanto mais amplificado é o acontecimento), relevância (quanta mais repercussão adquire o acontecimento em momento e espaço determinados), personalização (quando existe uma maior identificação de aspectos “positivos” ou “negativos” do acontecimento), dramatização (quanto mais é reforçada uma abordagem emocional do acontecimento) e consonância (quanto mais a notícia é capaz de inserir o acontecimento numa “narrativa” já estabelecida).

Diante disso, a participação supõe um olhar especial à diferenciação entre evento e acontecimento, pois o entendimento desses conceitos pode condicionar a formulação das pautas e matérias em uma mídia. Alsina (2005, p. 140) explica que, enquanto o evento tem pertencido a determinadas categorias históricas (político, social, literário, científico, entre outras), o acontecimento ocupa um lugar oposto nas categorias de importância, que remete às rupturas lógicas no cotidiano: uma tormenta de neve em meio do verão ingressaria na cobertura midiática como acontecimento, ao ser um quebra de uma determinada lógica temporal e espacial. No entanto, preocupações essenciais como textos gramaticalmente bem estruturados ou a checagem de fontes são aspectos ainda pouco desenvolvidos na colaboração jornalística na Internet.

Há autores que apostam na promoção de um ambiente midiático com menores restrições na produção de conteúdos colaborativos pelos usuários da *web*. É preciso apontar os discursos em defesa da livre circulação de informações como um fator que inspira e justifica a emergência de experiências com jornalismo participativo (Träsel, 2006, p. 3). Em acordo com Träsel, existe de fato a busca de um modelo alternativo ao industrial, sedimentado em torno de segredos industriais, direitos

reservados e sistemas produtivos rigidamente hierárquicos. E, segundo Vizeu (2008, p. 7), um ponto em comum desses novos projetos colaborativos é o constante questionamento das esferas institucionais dando maior relevo à liberdade de publicação, a autonomia do usuário e a livre circulação de informação.

Sob a perspectiva de fluxos de informação maiores e mais livres nas plataformas digitais, a intervenção da população na divulgação de conteúdos é essencial para fortalecer a cultura da publicação colaborativa nos produtos de mídia participativa, ou seja, a participação ou contribuição de cidadãos é vista como questão relevante⁸. O crescimento e a popularidade das mídias sociais e das redes colaborativas são demonstrados por dados apresentados por Nielsen Company em 2009⁹, os quais revelam que 2/3 da população mundial que usa internet visita *sites* de conteúdos colaborativos pelo menos uma vez por semana, enquanto o acesso a *sites* da *social media* e de redes colaborativas é a quarta atividade *on-line* mais popular, a frente dos serviços de correio eletrônico. Os resultado tem varias origens e certamente existe uma tendência na ampliação da criação de conteúdos multimídia de caráter jornalístico, textos, material fotográficos, vídeos, comentários, etc. seja ela veiculada a través de páginas *web* da mídia tradicional (Ex. iReport¹⁰) ou em propostas alternativas como o Newsvine¹¹. Por isso, antes de investigar como os usuários participam das redes jornalísticas, é necessário olhar em que quantidade se reproduzem, de que modo se constroem e como se evidenciam as experiências de colaboração nas construções da *social media* e nos produtos associados.

⁸ The Berkman Center for Internet & Society at Harvard University.

⁹ Disponível em: http://blog.nielsen.com/nielsenwire/wp-content/uploads/2009/03/nielsen_globalfaces_mar09.pdf

¹⁰ Disponível em: www.ireport.com

¹¹ Disponível em: www.newsvine.com

2.2 Um mapeamento das mídias participativas

A mídia participativa poder ser evidenciada em *sites* de qualificação e avaliação de produtos audiovisuais (IMDb¹²) e plataformas de contribuição de conhecimentos gerais como a Wikipédia¹³. Os alcances da participação em produtos de mídia são evidentes em pesquisas realizadas recentemente, especialmente nos Estados Unidos. Mais de 1/3 de adultos *on-line* criam conteúdos em plataformas digitais e 57 % de adolescentes entre 12 e 17 anos criam seus próprios conteúdos para colocar na *web*¹⁴. A pesquisa ainda revela que usuários jovens e aqueles com acesso sem limite de conexões banda larga em casa são os sujeitos mais constantes na produção de conteúdos próprios e que a maioria dos seus *posts* na *web* são tentativas de expressão pessoal criativa e de troca de experiências. O uso de redes sociais no mundo registra índices elevados. Segundo a pesquisa do IBOPE e Nielsen, o planeta gasta mais de 110 bilhões de minutos em redes sociais e blogs, o que equivale a 22% do total de tempo *on-line*, ou um em cada 4,5 minuto. No caso do Brasil, o uso delas está na frente de países como França ou Alemanha, já quem em media, 86,4% dos brasileiros acessam a Internet e navegam na rede em média 4 horas, 20 minutos e 30 segundos por mês¹⁵.

A expressão pessoal e criativa tem sido um dos motores da popularidade dos *sites* de redes sociais. Algumas delas como Facebook e Orkut, a rede social mais popular no Brasil, que tem o primeiro lugar no mundo com o maior número de usuários (48.6 % do total)¹⁶ funcionam sob o preceito da união e na colaboração ou “troca” de informações entre os atores das redes, que podem ser de vários tipos. Para Recuero (2009), as redes sociais são o resultado do tipo de uso que os atores sociais

¹² Disponível em: www.imdb.com

¹³ Disponível em: www.wikipedia.org

¹⁴ Fonte: Pew internet & American Life Project, Presentations: online activities & Pursuits, November 6, 2006. Disponível em: http://pewinternet.org/PPF/r/76/Presentation_display.asp

¹⁵ Disponível em: <http://iabbrasil.ning.com/main/search/search?q=social+media>

¹⁶ Disponível em: <http://www.alexa.com/siteinfo/orkut.com>. Acessado em 22 maio 2010.

fazem das suas ferramentas (os *sites* de redes sociais). Por tanto, explica a autora, as redes sociais podem ser de dois tipos: as redes emergentes e as redes de filiação (RECUERO, 2009, p. 94). Aplicações da internet como *weblogs* ou *fotologs* estão dentro da distinção de redes emergentes, pois elas são constantemente construídas e reconstruídas através das trocas sociais.

Sejam redes sociais emergentes ou de filiação, um dos aspectos essenciais para a compreensão das redes sociais na internet é o estudo dos *sites* de redes sociais. Segundo a autora, embora essas redes não sejam elementos novos na internet, elas são uma consequência da apropriação das ferramentas de comunicação mediada pelo computador pelos atores sociais (RECUERO, 2009, p. 102)

É preciso, porém, estabelecer a diferença entre o que é uma rede social e o que é o *site* de redes sociais. Recuero (2009, p. 102) explica que os *sites* de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet. A disponibilidade de vários *sites* de redes sociais na internet é considerável, assim como o número de usuários ativos em algumas das maiores redes. Como exemplo, Facebook ultrapassou os 250 milhões de usuários no mundo¹⁷. *Sites* de redes sociais podem ser definidos como sistemas que permitem a construção de uma pessoa através de um perfil ou página pessoal, a interação através de comentários e a exposição pública dos atores envolvidos.

Contudo, Recuero deixa claro que as redes sociais estão classificadas numa categoria de softwares sociais, quer dizer, softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. Segundo a autora, a grande diferença entre *sites* de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é como permitem a visibilidade e a articulação das redes, e a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line* (RECUERO, 2009, p. 103).

As redes sociais na internet tem se forjado principalmente como ferramentas de socialização. Como plataformas de produção de sentidos e discursos ancorados na

¹⁷ Disponível em: www.facebook.com/press/info.php?statistics

personalidade dos seus participantes, elas promovem conteúdos amadores que têm uma incidência midiática. Como aponta Marcelo Träsel (2008, p. 69), esses tipos de mídias, no seu estágio tecnológico atual, reestruturam-se como ferramentas de possibilidades de inclusão dos usuários de forma mais ativa e dialética. Segundo o autor, sob a influência da onda de publicações não-profissionais (feitas pelos consumidores da mídia), o jornalismo tem sido forçado a revisar seus conceitos, valores e estratégias comerciais, e sobre tudo, tem sido forçado a revisar seu papel nas sociedades democráticas.

E o jornalismo é um dos campos que tem aproveitado mais as vantagens da Web 2.0 e da cultura de publicação de conteúdos colaborativos, para reafirmar a sua mediação entre as fontes e os leitores e também entre diferentes poderes e instituições. Uma maneira primária de interação entre a mídia e o sujeito é a publicação de comentários nas matérias jornalísticas, que acabam virando foros de participação e *feedback*.

Práticas como a mencionada são promovidas, por exemplo, pelo *site* espanhol 20 Minutos¹⁸. O jornal promove uma participação simples dos leitores com o *site* por meio de comentários e avaliações sobre o impacto da matéria e as suas implicações nacionais, locais ou inclusive pessoais. Ainda fornecem a possibilidade de qualificar as matérias com comentários “a favor” ou “em contra”. Já *sites* em espanhol como BBC Mundo¹⁹ estimulam os usuários a enviar fotografias e de vídeos sobre as matérias em destaque para reforçar, oferecer uma visão cidadã ou acrescentar informação à uma matéria.

É necessário explicar que alguns conceitos e palavras-chave como “colaboração” e “participação” as vezes sofrem alterações em relação às suas definições dependendo da língua na qual sejam abordados. Aquilo que é chamado de “jornalismo participativo” em inglês (*Participatory journalism*) é geralmente

¹⁸ Disponível em: www.20minutos.es

¹⁹ Disponível em: www.bbc.co.uk/mundo

chamada de “jornalismo colaborativo” em português e vice-versa. Nesta pesquisa, compreende-se este conceito como a possibilidade dos usuários dos *sites* de criar conteúdos inteiramente, e não só como uma participação associada apenas ao fornecer dados ou material audiovisual. Na compreensão do jornalismo colaborativo, Bowman & Willis (2003, p.9) o apresentam como uma ação de envolvimento ativo dos consumidores de mídia, de forma individual ou em grupo nos processos de coleta, apuração, análise e disseminação de informação e notícias. Sob a visão dos autores, a intenção dessa participação é fornecer informação independente, confiável, certa, variada e relevante, em acordo com a demanda de uma sociedade democrática.

Como uma das origens de jornalismo participativo entra no cenário do debate midiático o fenômeno dos *weblogs*. O assunto tem destaque como uma alternativa de geração de conteúdos jornalísticos sem ter necessariamente um jornalista na manutenção dos seus conteúdos. Nascidos no final da década dos anos noventa, os blogs têm sido uma ferramenta de publicação de conteúdos flexíveis.

Hugh Hewitt, blogueiro americano e uma autoridade no debate sobre mídias alternativas e o fenômeno dos blogs, aponta o surpreendente crescimento dessas experiências nos Estados Unidos em 2002 e 2003, ainda reforçado pelo estouro desses processos de comunicação na campanha presidencial nos Estados Unidos em 2004, o que, certamente, foi uma resposta ao fracasso da mídia hegemônica para informar de forma rápida e objetiva questões delicadas da campanha do John Kerry ou referentes aos documentos supostamente falsos e às mentiras do âncora de televisão Dan Rather²⁰, um dos principais jornalistas americanos na época. Segundo Hewitt, os blog tiveram um poder decisivo na eleição. Os blogs não tinham um plano de ataque nem operação conjunta de informação. Porém, havia uma rede e havia uma compreensão do que era importante, o desejo de velocidade e, de fato, a clareza ou interesse por um aspecto, um alvo sob o qual a informação não era clara nem profunda (HEWITT, 2005, p. 30).

²⁰ Disponível em: www.image.cbsnews.com/htdocs/pdf/complete_report/1B.pdf

Uma pesquisa realizada em 2007 pelo motor de busca de blog Technorati revelou o tamanho e o impacto da blogosfera. O blog já é um fenômeno universal e já pode ser considerado uma mídia *mainstream*. Observou-se que havia 94.1 milhões de leitores de blog nos Estados Unidos em 2007 (50% dos usuários da internet), 22.6 milhões de blogueiros nos Estados Unidos em 2007 (17%), que 184 milhões de pessoas no mundo têm criado um blog, 26.4 milhões só nos Estados Unidos, e que, hoje, existem 346 milhões de leitores espalhados no mundo. Aliás, a pesquisa revelou que 77% de usuários ativos na internet acessam blogs regularmente ²¹. Mesmo assim, dados recentes apurados pelo Pew Research Center nos Estados Unidos em 2010²² revelam uma perda de interesse na criação e leituras de blogs por parte de internautas jovens, em favor de formas mais rápidas de comunicação e postagens curtas como aquelas dos serviços de *micro-blogging*. Segundo o Pew, o número de jovens internautas americanos entre 12 e 17 anos que escrevem blogs caiu de 28% para 14% desde 2006, enquanto os adolescentes que disseram ter feito comentários em blogs de colegas caiu de 76% para 52% no mesmo período.

No Brasil, os blogs estão em pleno auge. Segundo o IAB Brasil, uma média de 31,7 milhões de pessoas acessam mensalmente blogs, junto com salas de bate-papo e *sites* de redes sociais, ou um alcance de 83,6% dos usuário ativos da internet²³. De qualquer modo, os blogs, exemplos de jornalismo *open-source* (ou de código aberto), têm constituído um estágio importante na evolução do jornalismo colaborativo. Por causa disso, o conceito tem uma relevância inusitada no debate sobre mídias colaborativas. Para Träsel & Primo, o jornalismo *open-source* tem algumas especificidades em relação ao jornalismo participativo ou cidadão. O movimento *open-source* foi criado por programadores e refere-se a todo software desenvolvido, mantido e distribuído coletivamente, em geral por diversas pessoas em pontos geográficos diferentes (2006, p. 9). É oferecido quase sempre de maneira

²¹ Disponível em: <http://www.technorati.com>

²² Dados citados na BBC Brasil e disponíveis em: www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/02/100204_blogs_pesquisa_rw.shtml

²³ Disponível em: iabbrasil.ning.com/

gratuita e, mais importante, seu código é aberto a qualquer um que queira modificá-lo. Para Antoun (2008, p. 4), os blogs guardam o poder organizador das páginas *web* reunido ao poder noticiador dos grupos de discussão. E os códigos impulsionados pelos programas de fonte aberta permitem que novas aplicações sejam inventadas a partir dos fluxos de comunicação de base produzidos pelos usuários.

É necessário destacar que a noção de independência e de livre escolha de guias editoriais, combinado com tecnologias *open-source* tem contribuído para o fortalecimento da participação de pessoas sem formação jornalística na produção de notícias. Para Miel & Faris (2008, pp. 4-5), o preceito da revolução da mídia participativa é que todas as pessoas, não só aquelas selecionadas por uma autoridade editorial oficial, têm acesso para publicar e transmitir. Os autores acreditam que na esfera das notícias e da informação, o público do passado faz uso daquela habilidade em muitos sentidos, desde comentar uma história num *site* de telejornal até publicar em um *weblog* com reportagem e informação obtidas diretamente.

O envolvimento da população na produção de conteúdos, seja através da manutenção de *weblogs* o do fornecimento de material multimídia às redações virtuais dos jornais tem sido cada vez maior, principalmente em função da lógica das redes colaborativas de produção conteúdos noticiosos que permitem essas experiências. Por causa disso, o momento do jornalismo é histórico, pois preceitos mantidos imóveis há anos na produção de informação (como as estruturas hierárquicas ou as rotinas produtivas centralizadas) têm sofrido alterações pelos efeitos dos usos e apropriações das tecnologias digitais pelos consumidores. Uma deslocação de poderes forma-se aos poucos no cenário da produção jornalística colaborativa na *web*.

Surge, porém, uma questão conceitual. Qual é a diferença entre o que constitui efetivamente uma notícia jornalística e o que constitui um simples registro ou comentário de um fato jornalístico. Segundo Alsina (2005, p. 49), a notícia é gerada do acontecimento social como um elemento novo que irrompe no sistema social. Para o autor o acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto a notícia é um fenômeno de geração do sistema. Das reflexões de Alsina

deriva-se o entendimento daquilo que é constituído como comentários midiático ou como registro de um fato. Enquanto a notícia é resultado da interação de elementos perceptíveis e da construção da realidade social, outras “peças” do panorama midiático como comentários são apenas práticas de avaliação da notícia. Como já foi referido anteriormente, para Traquina (2004, p. 63) a notícia ou a *noticiabilidade* é um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico. Os comentários que acompanham uma notícia careceriam daqueles critérios e operações.

De qualquer modo, a questão da descentralização de poderes na produção de conteúdos noticiosos é relevante. Segundo Träsel (2008, p. 4), a produção e circulação de notícias desvinculada de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticada até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, tem também um sentido político, sendo com frequência um instrumento de resistência e ativismo. E esse ativismo político tem manifestações práticas, segundo Miel & Faris (2008, p. 16), pois a influencia da mídia participativa no panorama informativo está condicionada pela sua habilidade de refletir e mobilizar a opinião pública.

Bowman & Willis (2003, p. 7) destacam os pontos de relacionamento entre a mídia tradicional e as práticas emergentes de geração de conteúdos *on-line*. Pela primeira vez, a hegemonia do jornalismo como *gatekeeper* do acervo noticioso está ameaçada, não só pela tecnologia e pela concorrência de mercado, mas também pela participação do público. Com esses pressupostos, na evolução das mídias digitais, desde o *boom* dos *blogs* até a introdução de softwares de edição, a ação da população na criação de conteúdos revela-se essencial na modelagem das comunicações digitais interativas.

2.3 Experiências jornalísticas colaborativas na web

A mídia massiva tem estimulado a participação dos consumidores na cultura colaborativa. As características do processo de publicação de conteúdos jornalísticos colaborativos são explicadas por Miel e Faris (2008) são sistematizadas em 4 etapas:

“Em primeiro lugar vêm os comentários, críticas e conversações em uma interação na mídia já existente e grupos de discussão. Em seguida podem se apontar os debates e qualificações – contribuições originais baseadas em experiências pessoais do autor, focadas em temas como arte, cultura ou eventos da comunidade. Em uma terceira etapa estão a opinião e análise, onde há comentário e análise de assuntos atuais ou eventos, aproveitando as fontes da mídia e a experiência pessoal. Finalmente, esta a reportagem, a cobertura de eventos ou situações com apurações originais que tem uma significância cidadã” (MIEL & FARIS, 2008, p. 10)

Ainda é importante estabelecer quais são as diferenças essenciais entre o jornalismo digital tradicional e colaborativo. Assim, segundo Bowman & Willis (2003), a principal diferença está nas estruturas e organização que os produzem:

Tabela 1. Diferenças entre jornalismo tradicional e colaborativo

Jornalismo Tradicional	Jornalismo Colaborativo
Organizações hierárquicas com um foco comercial bem marcado	Criado por comunidades entrelaçadas
Seus modelos de negócio são transmissão e a publicidade	Interação baseada em conversação
Valorizam um rigoroso esquema editorial e um lucro	Não valorizam o lucro e sim o diálogo entre colaboradores
Primeiro filtram, depois publicam	Primeiro publicam, depois filtram

Mesmo assim, a divisão proposta nem sempre funciona assim. *Sites* como o da UOL²⁴ ou Terra²⁵ publicam conteúdos colaborativos que são efetivamente filtrados pelos editores. O jornalismo participativo no qual há pouco o nenhum controle editorial ou diretriz jornalística formal orientando as decisões do *staff* (BOWMAN & WILLIS, 2003, p.9), a própria comunidade funciona como uma

²⁴ Disponível em: uol.com.br

²⁵ Disponível em: www.terra.com.br

ferramenta de edição, e o juízo editorial se aplica depois da publicação e não antes, é um fenômeno emergente.

Por outro lado, Träsel considera que a diferença principal do jornalismo profissional e do jornalismo participativo está em contar com interações mais profundas com e entre os colaboradores. O verbo “contar” possui aqui duplo sentido: tanto o de oferecer, quanto o de precisar da interação para atingir seus objetivos. Sem a participação, o Wikinews, Slashdot ou OhmyNews não se realizam (TRÄSEL, 2006, p.11). Veículos tradicionais, embora possam obter grandes vantagens da interação com o leitor, não precisam dessa interação para a confecção de seus produtos jornalísticos, visto que contam com assinatura de agências de notícias e equipes de repórteres dedicadas à elaboração de conteúdo noticioso original.

Varias questões de relevância surgem no debate sobre as redes colaborativas de jornalismo, pois como foi apontado, as experiências de colaboração na produção midiática são geralmente experimentais. Questiona-se, como já referido, se o jornalismo participativo constitui uma experiência midiática que aporta na criação de conteúdos de maior qualidade e de melhores narradores. Segundo Bowman & Willis (2003, p.55), uma questão essencial é entender como pode-se conseguir atingir matérias mais interessantes e em sintonia com os fatos, através das redes colaborativas de jornalismo participativo.

Os desafios e a importância da colaboração em redes digitais abrem várias janelas de discussão e pesquisa. A qualidade discursiva dos produtos informativos nessas redes, os processos e rotinas produtivas (o que inclui a checagem e seleção de pautas e fontes), a formação e preparação dos colaboradores e uma sintonia com uma realidade que recebe pouca cobertura pela mídia tradicional são perguntas importantes nas pesquisas sobre redes colaborativas. Malini (2008, p.5) observa com atenção o último ponto: a emergência do cidadão - repórter (ou o jornalismo cidadão ou participativo) pois junto com a formação de uma cultura de colaboração, o tema do sujeito produtor toma um caráter decisivo. As normas que regem as fontes, e não

só os jornalistas, estão sendo re configuradas em função da possibilidade de todos poderem produzir notícias.

Porém, as audiências e os consumidores de informação não são os únicos elementos que intervêm no processo dialético das mídias nas representações das realidades e dos atores sociais. Para Bowman & Willis (2003, p.55), o desenvolvimento do conceito de “comunidade informacional” torna-se cada vez mais consistente por causa do jornalismo participativo. Interagir, trocar e ouvir os usuários e a audiência ajuda a desenvolver uma base maior de fontes e abordagens diversas sobre diferentes acontecimentos em diferentes contextos.

As várias vozes que compõem e modelam o discurso midiático como um sistema de interação e interdependência fornecem uma rota preliminar para um desenvolvimento maior do conceito de “participação em mídias”. Herbert Gans²⁶ amplia o conceito de participação com uma abordagem multi perspectiva. Segundo ele, essa abordagem é vital para valorizar a qualidade do jornalismo e fortalecer a democracia porque “Um olhar multi perspectivo abre radicalmente espaços de opinião e intervenção da população”²⁷. Saber reconhecer e aproveitar os pontos de união e aproximação que olhares multi perspectivados oferecem no marco das praticas jornalísticas colaborativas é só um fator relevante a ser discutido. Sob a influência do jornalismo participativo, os modos de representar os acontecimentos ou de transformar os fatos sociais em notícias são transformados.

Dan Gilmor (2003, p. 6) aponta que na atualidade o jornalismo passou a ser uma conversa. Já Bowman & Willis indicam a participação dos usuários como um eixo fundamental do futuro da informação. Os poderes da mídia participativa e da mídia tradicional coexistem e, assim, são desenvolvidos. As melhores experiências do jornalismo tradicional associadas ao jornalismo participativo têm o potencial de criar um ambiente informativo mais rico, competente e representativo do que

²⁶ Entrevista a Herbert Gans publicada no PressThink em Janeiro de 2004. Disponível em: journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/01/13/interview_gans.html

²⁷ Disponível em: journalism.nyu.edu/pubzone/weblogs/pressthink/2004/01/13/interview_gans.html

qualquer experiência previa de relatos jornalísticos (MIEL & FARIS, 2008, p.41). As abordagens sobre o fenômeno da participação da população na própria existência da mídia dão conta da existência de um caminho de possibilidades para o seu desenvolvimento, sugere perspectivas, mas ainda não apontam enquadramentos e modelos determinantes de análise, em função da atualidade desses processos.

A dinâmica existência de redes colaborativas de jornalismo no cotidiano demanda novas investigações. Um mapeamento destas redes na internet revela experiências de maior ou menor impacto, mas certamente a necessidade de reformulação de alguns princípios jornalísticos tradicionais. As redes colaborativas de jornalismo têm o potencial de configurar uma estratégia de comunicação jornalística de expressão cidadã, razão pela qual é importante analisar sua abrangência como canais informativos, aqui compreendidos como processos culturais e políticos relevantes na contemporaneidade. Esgotar a existência das redes colaborativas de jornalismo no seu papel na atualidade como processos e conteúdos noticiosos diferentes das mídias massivas centralizadas e hierarquizadas ou como experiências de inclusão social e de democratização da informação é limitar o debate. As dificuldades econômicas que *sites* como o OhmyNews tem tido ou o apoio que a Associated Press fornece ao NowPublic criam questões sobre os seus papéis como produtos de mídia sustentáveis, em uma época em que as alianças e fusões empresariais tentam garantir a viabilidade financeira do negócio jornalístico.

Segundo Deuze, não é possível categorizar as redes colaborativas nem o jornalismo participativo como respostas satisfatórias ao declínio da credibilidade de algumas empresas de mídia, mesmo com todo o seu potencial. Parte expressiva do jornalismo participativo ainda se mantém dependente de grandes organizações de mídia. Ainda é a produção de uma determinada mídia o que as redes criticam, misturam e reciclam através da inclusão da opinião de milhões de usuários (DEUZE, 2007, p. 26). De qualquer modo, devemos considerar a existência das redes como uma ferramenta digital com potencial de reconfigurar as práticas jornalísticas e como um instrumento importante para promoção de novos sujeitos e temáticas.

2.4 Redes colaborativas de conteúdos noticiosos

A influência da população na produção jornalística no ciberespaço atinge um dos seus níveis de maior interatividade com o incremento da participação do usuário. *Citizen journalism*, *Grassroots journalism*, *Participatory journalism* e *People's media* foram alguns dos conceitos criados para catalogar o envolvimento do consumidor na internet (VIZEU, 2008, p.6). Esse fenômeno implica questões complexas como o poder da mídia tradicional, o tipo de informação espalhada pelas redes, a valoração efetiva sobre o quê pode ser considerado conteúdo jornalístico, os suportes digitais que abrigam os conteúdos e as modalidades no exercício da “intervenção”. Na opinião de Alves (2006, p. 101), o jornalismo deixou de ser privilégio dos jornalistas e os próprios meios de comunicação que entenderam isso e hoje estão convidando constantemente os seus leitores, telespectadores ou ouvintes a enviar suas contribuições. Para o autor, eles estão criando comunidades virtuais, participando de blogs e fóruns criados pelos meios tradicionais ou mesmo sendo os protagonistas em meios lançados especialmente para coletar e divulgar mensagens da audiência (ALVES, 2006, p. 102)

Mesmo assim, não é possível esquecer que a maioria de conteúdos informativos na internet ainda são editados pelos profissionais dos *sites* jornalísticos. Aliás, é necessário notar que em muitas situações a colaboração dos usuários nas redes apresenta um aspecto de renúncia, compartilhamento ou cessão dos direitos autorais. O NowPublic têm o direito de publicar a informação fornecida pelos colaboradores do *site* e tem o direito de deixar publicada a matéria por tempo infinito no *site*²⁸. Já no Groundreport, o usuário tem direito de apagar a informação fornecida ou de torná-la inativa por tempo indeterminado²⁹. E os *sites* de redes colaborativas (neste caso não-jornalística) como Facebook adquirem propriedade da informação entregue pelos usuários (vídeo, material fotográfico, etc.) para ser

²⁸ Disponível em: nowpublic.com/newsroom/community/faq#faq-09

²⁹ Disponível em: groundreport.com/info.php?action=faq&questionID=15

distribuída por outros canais ou para procurar algum lucro empresarial.

A colaboração da população na criação de conteúdos informativos jornalísticos nas plataformas digitais tem alguns aspectos de interesse pelas implicações sociais criadas por essa tendência. Segundo Becker e Teixeira (2009, p. 46), as redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma voluntária e democrática, em torno de objetivos e temáticas comuns. Com esse pressuposto, Malini (2008, p. 4) sugere que aos poucos vai se formando uma “cultura da colaboração em rede”, a qual tece uma comunicação horizontal, sem passar pelos poderes, sem passar pelas hierarquias. Para o autor, a aceleração da socialização em redes de colaboração pode reduzir e até afetar o valor do trabalho do jornalista e do crítico, mas potencializam a emergência de inúmeros mediadores da cultura.

O sujeito passa a ocupar uma maior hegemonia nas dinâmicas de produção jornalística, o que permite uma redistribuição do controle da informação e a democratização da mídia. Uma cultura de criação e participação está no coração das práticas jornalísticas atuais em plataformas digitais colaborativas. Becker e Teixeira (2009, p.46) observam ainda que as redes colaborativas utilizam o seu potencial na luta social, assumindo a característica de espaços que atuam na promoção de mudanças, afetando os processos produtivos, o poder e a cultura. Constituem-se como fontes potenciais de transformação da sociedade. Esta também é a posição de Schudson (2005, p.7) quando destaca que o fator decisivo da tecnologia digital (com as redes participativas incluídas) e da presença da internet é o declínio na autoridade cultural das instituições convencionais de poder, um processo de igualdade ou democratização da autoridade cultural e também política. Malini (2008, p.2) reconhece que, o que se vê de novidade é que a internet interliga os indivíduos e os possibilita formar o seu próprio habitat de comunicação sem, para isso, ter de passar por qualquer mediação. Essas praticas de fortalecimento de comunidades por meio da colaboração, onde os membros se identificam em processos criativos e de troca de informações, porém, se desenvolvem paralelamente ao exercício do poder de

legitimação da credibilidade da notícia que os meios tradicionais de comunicação sustentam.

A reflexão crítica sobre os processos de produção colaborativa de conteúdos jornalísticos é complexa. Tecer experiências inovadoras de comunicação massiva, democrática e imediata e experimentar novos formatos, temáticas e dar voz a novos atores sociais são experiências inerentes ao seu desenvolvimento. Porém, o maior desafio das redes colaborativas de jornalismo é a qualidade da informação, a capacidade de promover, para além de laços virtuais entre colaboradores, resultados confiáveis dos seus conteúdos noticiosos disponibilizados no ciberespaço.

O acesso aos dispositivos tecnológicos na produção de conteúdos implica a exploração de novos formatos de notícia, o que não significa, necessariamente, novas abordagens jornalísticas. No Twitter, trechos de texto publicados em uma página *web* de desenho simples dão conta instantânea de fatos jornalísticos. Seja nomeado como ferramenta jornalística ou de promotor de um novo gênero, não é a toa que em *sites* desse tipo evidencia-se a construção e formação de mediações e canais de comunicação e distribuição de informação diferentes, onde a colaboração está implícita e é essencial para seu sucesso. No caso do Twitter, a singularidade do meio demanda uma distinção e um olhar sobre o formato dos “tweets”, cada um de até 140 caracteres. É, efetivamente, um exemplo de como a criação de redes colaborativas sugere uma reconfiguração das mediações jornalísticas. Becker (2009, p.100) constata que elas representam uma deslocação de poderes tradicionais da mídia e a criação de uma consciência coletiva dirigida à produção de conteúdos informativos potencialmente mais diversos. “Novas apropriações da linguagem audiovisual e dos recursos multimídia podem colaborar para a promoção de um jornalismo de qualidade”. Embora a autora afirme que as definições das práticas jornalísticas de qualidade na televisão e na *web* ainda não estão claras e a sistematização de parâmetros mais precisos é questão relevante nas reflexões críticas sobre a função do jornalismo na atualidade, explica que qualidade de relatos jornalísticos audiovisuais pressupõe diversidade de temas e de atores sociais,

pluralidade de interpretações, inovações estéticas e contextualização dos acontecimentos (BECKER, 2009, p.44).

No mapeamento das redes jornalísticas, OhmyNews tem um valor especial para o estudo do fenômeno da colaboração. O *site*, criado pelo jornalista sul coreano Oh Yeon Ho é uma das experiências pioneiras de colaboração na internet e é um centro midiático de influencia nos processos políticos e na sociedade da Coréia do Sul. Isso foi constatado na eleição presidencial desse país em 2002, quando OhmyNews fez questão de cobrir um tema de tensão entre conservadores e liberais sobre a presença militar americana no país³⁰. A influencia do OhmyNews no panorama político da Coréia do Sul tem sido determinante nos processos eleitorais locais e nacionais. Segundo Oh Yeon Ho, o incremento de cidadãos nos processos da mídia e a informação que podem proporcionar tem estabilizado o panorama midiático da Coréia do Sul.

A história do *site* em coreano de OhmyNews tem poucos anos. Mesmo assim, é uma experiência de jornalismo colaborativo importante. A primeira edição beta foi lançada 21 de dezembro de 1999 e o *site* foi lançado oficialmente o 22 de fevereiro de 2000. A intenção não foi substituir a mídia tradicional, e sim inverter o sistema de produção da mídia³¹. A edição internacional do OhmyNews é produzida em inglês e foi lançada em junho de 2004. Por meio de um cadastro detalhado que inclui o envio de documentação de identificação (passaporte, carteira de motorista, CPF...) o *site* habilita à pessoa depois de uma revisão da informação enviada no cadastro. A coordenação do *site* avalia o pedido de cadastro e, depois da aceitação, permite a submissão de artigos que podem estar acompanhados de imagens, áudio ou vídeo. Cada cadastrado tem um área de trabalho chamada de *Reporter's desk*, onde pode conferir o status do material enviado, os comentários e mensagens. O

³⁰ Extraído do artigo *The citizen journalism web site 'OhmyNews' and the 2002 Korean Presidential Election. Internet & democracy case study series*, publicado por Mary Joyce para o The Berkman Center for Internet & society em dezembro de 2007.

³¹ Disponível em:: ohmynews.com

sistema interativo do *site* o permite agir também como foro de discussão e de *feedback*.

Embora influente nos estudos sobre redes colaborativas de jornalismo pela sua antigüidade, OhmyNews tem sofrido dificuldades de manutenção, muito evidentes, por exemplo, na cobertura do terremoto do Haiti em janeiro de 2010. A edição internacional do *site* não tem registro de matérias referentes ao Haiti desde setembro de 2008. Em comparação com outras redes como All Voices, Newsvine ou NowPublic, OhmyNews tem menor fluxo de informação na *web*. O *site* coreano está na posição 8.524 ³² segundo o *Traffic Rank* da Alexa, enquanto NowPublic está na posição 4.539 ³³.

Respostas sobre a qualidade dos conteúdos publicados nesses *sites* são apresentadas a partir de uma análise comparativa quantitativa e qualitativa como veremos no capítulo 5, por meio da aplicação de 4 categorias de análise amparadas pelas contribuições de Palácios (2002), Albornoz (2007), Diaz Noci (2003), Mielniczuk e Barbosa (2005). As categorias são *hipertextualidade*, *interatividade*, *multimídia* e *memória*. No capítulo referente à metodologia abordamos cada uma delas. Essas categorias escolhidas são importantes na análise comparativa das matérias disponibilizadas pelo NowPublic e pelo iReport, pois têm a capacidade de fornecer dados relevantes sobre as suas produções jornalísticas e verificar se estão associadas o não aos atuais parâmetros de jornalismo de qualidade. No capítulo 5, portanto, será investigada a cobertura dos terremotos do Haiti e do Chile realizada por esses *sites* e o modo como esses portais estimulam a participação dos usuários nas enunciações jornalísticas, observando a quantidade de colaboradores com a qual eles contam, a diversidade de abordagens apresentadas, e a possibilidade de publicação de material multimídia, entre outros aspectos. Mas, antes é necessário compreender melhor as características, as tendências e os desafios do jornalismo digital na atualidade, tema do próximo capítulo.

³² Acesso: Janeiro 21, 2010

³³ Acesso: Janeiro 21, 2010

3. Jornalismo na contemporaneidade: tendências e desafios

O computador e a internet provocam mesmo muitas mudanças nos modos de pensar e fazer o jornalismo no ciberespaço, um mundo onde informações podem ser acessadas em qualquer lugar e a qualquer hora. É um espaço desterritorializante, pois não há barreiras geográficas para o consumo imediato das notícias. O ciberespaço existe em um local indefinido, desconhecido, cheio de devires e possibilidades³⁴. O seu caráter imaterial, a incorporação do computadores e da Internet na produção e consumo de notícias, e o surgimento de diferentes modos de estabelecer conexões entre os usuários abrem varias janelas teóricas e terminológicas sobre o jornalismo praticado na *web*, alvo importante de pesquisa sobre novas mídias e seus impactos na engrenagem da vida social.

A disponibilização de reportagens, notícias, notas editoriais, caricaturas, salas de bate-papo, fotos, enquetes, e fóruns em jornais *on-line* tem provocado uma das maiores transformações nos processos de comunicação nos últimos vinte anos. Portais na *web* como o caso do Universo Online (UOL), criado em 1996, oferece conteúdos aos seus leitores/usuários em um espaço único para o consumo da oferta virtual, que busca dar conta de um cotidiano informativo através de más de 1000 canais de notícias, informação, entretenimento e serviços que são consumidos por quase 28 milhões de brasileiros cada mês³⁵.

O caso do UOL é uma amostra do potencial das mídias digitais, que tem impulsionado e possibilitado a busca de novos produtos jornalísticos (ALBORNOZ, 2007, p. 112), enquanto os jornais também constroem novas edições para acompanhar seus produtos impressos na exploração das possibilidades do ambiente

³⁴ Extraído de um artigo da Revista de Ciência da Informação, v.8 n.3 Junho 2007, por Susana Drumond Monteiro. Disponível em: dgz.org.br/jun07/Art_03.htm.. Acessado em: junho 29, 2010.

³⁵ Disponível em: sobreuol.noticias.uol.com.br/index_en.jhtm.

digital. No Reino Unido, o jornal Southport Reporter³⁶ nasceu no ano 2000 como um meio exclusivo da *web* e se mantém como o único jornal regional *on-line* do país.

O jornalismo digital tem provocado, inclusive, a revisão de paradigmas de distintas experiências de mídia. Para Alves (2006, p. 96), o próprio conceito de comunicação de massas precisa ser reavaliado, pois as tecnologias digitais permitem ao receptor das mensagens uma posição muito mais ativa, com maiores opções para selecionar as mensagens que deseja receber. Um caso recente é o NewsPulse³⁷. O *site*, ainda em versão beta, permite aos usuários filtrar os conteúdos que queiram ler, de acordo com o tempo (desde 15 minutos até 30 dias), seção e tipo de material (artigos e vídeos). Uma maior personalização na oferta de informação é gerada pela opção que cada usuário tem de marcar no *site* o tipo de matérias que gosta, por meio de processos de seleção e filtragem contínuos.

No caso do jornalismo, a tecnologia digital não oferece apenas uma espécie de ativismo por parte do consumidor. Permite ou “deixa” que as audiências modelem as funcionalidades de ferramentas e conteúdos no ciberespaço. E é nas relações dialéticas entre a mídia, a sociedade e as apropriações das tecnologias digitais que surgem no cotidiano da produção de informação momentos de rupturas. Para Castells (2001, pp. 158-159), a internet é o resultado da apropriação social de sua tecnologia por seus usuários / produtores. As pessoas fazem usos da rede diferentes daqueles para que foram originalmente criadas. Certamente, a *web* não foi implantada para estabelecer redes de produção de conteúdos e informações em tempo real. Tampouco foi inventada para o desenvolvimento da profissão jornalística ou dos processos de comunicação. A internet foi criada na década de sessenta como um empreendimento do governo dos Estados Unidos para possibilitar uma comunicação segura, forte e veloz entre redes militares e de defesa. Mesmo assim, os usuários estão aproveitando as suas potencialidades em outras direções.

³⁶ Disponível em: southportreporter.com

³⁷ Disponível em: newspulse.cnn.com

No momento, o ingresso de novos atores sociais na produção de notícias transforma as relações entre produtores e consumidores de informação, ainda que essas relações não sejam simétricas porque o ganho de poder dos consumidores não atinge um equilíbrio de forças na rotina produtiva jornalística. No entanto, o aproveitamento de recursos e ferramentas digitais na produção e consumo de informações promove uma reconfiguração das mediações jornalísticas e o jornalismo digital como prática social também tem influenciado diferentes processos midiáticos. Apropriações dos dispositivos técnicos e da rede geram novas experiências e produtos de comunicação, ainda que muitas experiências culturais sejam excluídas do mundo digital. A mutação tecnológica discutida por Sodré (2008) provocou a chamada hibridação e a aceleração de processos das rotinas produtivas. Mídias sociais como o Digg³⁸ reúnem em um só produto tecnológico capacidades jornalísticas e lúdicas na produção de informação. A comunidade do Digg alimenta o *site* com imagens, textos e vídeos para colocá-los a disposição de cada usuário, o qual julga o valor ou interesse social da informação para votar nela e promover os tópicos mais relevantes, polêmicos, engraçados, curiosos, atuais, etc. No Digg, a ausência de hierarquização e a carência de edição humana fazem com que a rotina vertical e centralizada do trabalho jornalístico seja alterada.

As redes digitais também permitem uma produção mais rápida da informação em formatos variados e uma distribuição geográfica maior. A influência hierarquizada e centralizada da mídia massiva é alterada em função dos usos das ferramentas digitais. O caso do blog cubano Generación Y³⁹ exemplifica como uma mudança tecnológica e conceitual acontece, em um ambiente midiático e de acesso à informação fechado e altamente vigiado e controlado como o cubano. Iniciado em 2007, o blog é um diário eletrônico que demanda mudanças no sistema político e social cubano, através de posts, vídeos e fotografias do cotidiano social da população (escassez de alimentos, educação dogmática, ausência de transporte público, etc.). O

³⁸ Disponível em: digg.com

³⁹ Disponível em: desdecuba.com/generaciony

site tem versões traduzidas em 19 idiomas, feitas por voluntários, muitos deles colaboradores do próprio Huffington Post e outros anônimos. Sánchez não consegue acessar o blog por causa de bloqueios do governo na ilha. Por causa disso, envia seus textos e seu material multimídia pelo *mail* para serem publicados fora do país. A rede oferece uma ampla gama de produtos de gestão de informação, porém, são os meios digitais jornalísticos, suas características, potencialidades e fragilidades, que recebem destaque no presente capítulo. É legítimo pensar que um dos maiores desafios no jornalismo na contemporaneidade é a exploração de novas alternativas de comunicação e produção de notícias no ambiente digital. No entanto, o imediatismo e a velocidade de produção, circulação e consumo de informações não garantem o aperfeiçoamento dessa prática jornalística. Neste capítulo é realizada uma reflexão crítica sobre o jornalismo digital, uma prática social em contínua evolução, questionando o potencial do uso do computador, da internet e das tecnologias na produção de conteúdos jornalísticos.

3.1. Repensando o jornalismo digital

As apropriações das tecnologias digitais tem gerado muitas reflexões provocadas pela incorporação de novos suportes e linguagens na construção de conteúdos e formatos das notícias. Os produtos midiáticos que o jornalismo digital tem gerado são um dos principais alvos das pesquisas em jornalismo, as quais procuram investigar os efeitos dos usos da internet e do computador na construção das notícias e como os usuários consomem essas informações. Mas, a terminologia referente à esse modo de produção, gestão e circulação de informação na *web* ainda não está definida, mesmo que as primeiras experiências tenham surgido há quase quinze anos. Essa prática jornalística tem sido nomeada de diferentes maneiras: jornalismo digital, jornalismo *on-line*, jornalismo no ciberespaço, jornalismo multimídia e *webjornalismo*. Na discussão do tema, Mielniczuk (2003, p. 22) lembra que nenhuma designação terminológica guarda uma plenitude. Mesmo assim, no Brasil, os termos “jornalismo *on-line*” e “jornalismo digital” se impõem como os mais citados e usados. Pesquisadores como Antônio Fidalgo, Marcos Palácios e o grupo de pesquisa da Universidade Federal da Bahia (GJol) optam pela primeira

denominação enquanto Albornoz, Alves e Barbosa são alguns dos autores que adotam “Jornalismo digital” para nomear essa prática social. Porém, Canavilhas (2003) prefere o termo *webjornalismo*, e Diaz Noci (2003) “ciber jornalismo”. Percebe-se uma tendência nas reflexões ibero-americanas sobre o tema de abordar esse modo de fazer jornalismo como “jornalismo digital”, razão pela qual usaremos essa terminologia nesse capítulo e nessa investigação, até porque conceituar o jornalismo digital é mesmo um processo complexo, uma vez que existem varias tentativas de definição da dinâmica e das características desta prática. Segundo Rodrigues (2009, p. 18), buscar definições para a prática do jornalismo digital significaria tentar abordar desde grandes portais de notícias até experiências recentes de comunicação, que se utilizam-se de ferramentas de microblogs (como o popular Twitter⁴⁰), passando por agregadores de RSS e blogs, em uma gama tão variada quanto avessa às determinações e delimitações. Para Albornoz (2007, p. 65), as operações digitais dos jornais são tão variadas como os próprios jornais, razão pela qual não é possível estabelecer generalizações. O desenvolvimento irregular da teoria e as experiências jornalísticas digitais ainda jovens também supõem problemas para a sua análise. Na consideração de Canavilhas (2004, p. 2), olhar para o atual jornalismo digital é algo semelhante a imaginar a transmissão de um telejornal onde alguém lê simplesmente um jornal frente a uma câmera.

De qualquer maneira, o jornalismo digital é um campo de estudo que tem provocado muitas reflexões no ambiente acadêmico. Salaverría (2005) aborda o tema priorizando, justamente, sua emergência associada às mídias digitais. Tratam-se de milhares de pequenas mídias, blogs, *sites*, páginas de relacionamento social, canais de vídeo, etc. que tornam-se viáveis por causa do advento da internet. Um encontro virtual entre jornalismo, política e estilo de vida e conteúdos de opinião promoveu a criação do The Huffington Post⁴¹ em 2005, um serviço noticioso na *web* que mistura a publicação de conteúdos com cobertura do *staff* do *site* junto com textos de crítica

⁴⁰ Disponível em: twitter.com

⁴¹ Disponível em: huffingtonpost.com

política, literária, artística, humorística, etc. A escritura e edição diária do *site* por parte de colaboradores tão dispersos e de perfis diferentes como o cineasta Michael Moore, a modista Donatella Versace ou o comediante Bill Maher tem criado uma comunidade tecnológica – midiática – jornalística. O próprio Moore é um colaborador frequente do THP, ao ponto de apoiar e alimentar as suas matérias com material multimídia gerado pelo cineasta, embora nunca tenha estado presente na sede do *site*, localizada em Nova Iorque.

O caso do THP ajuda na compreensão de como o jornalismo digital começou a se desenvolver —em parte— graças ao lançamento de novas tecnologias de captura, processamento, transmissão e publicação de informação. Câmeras fotográficas e de vídeo, aparelhos móveis como os celulares e software open source são parcialmente responsáveis pelo seu desenvolvimento. Sua utilização em massa e seu acesso cada vez menos restrito no senso econômico e operacional criaram uma cultura instantânea do digital, evidenciada em produtos como o do iReport da CNN, que circulou no seu *site* material exclusivo da queda do Mississippi River Bridge nos Estados Unidos em 2007, quando as primeiras imagens foram capturadas, processadas e publicadas após minutos do incidente, para logo serem veiculadas no telejornal da CNN⁴².

O jornalismo digital tem de distinguido de outros tipos de prática jornalística basicamente em função de sua singularidade tecnológica como fator determinante, tal como anteriormente aconteceu na imprensa escrita, na televisão e no rádio (RODRIGUES, 2009, p. 16). O jornalismo digital praticado na *web* é diferente do telejornalismo, do rádiojornalismo, do impresso, e, ao mesmo tempo, é capaz de reunir esses modos de fazer jornalismo num mesmo suporte. Gustavo Cardoso (2007) apresenta uma definição sintética das diferenças entre o jornalismo que incorpora a Internet e o computador na construção das notícias em relação ao jornalismo impresso, televisivo ou radiofônico:

⁴² Disponível em: cnn.com/2007/US/08/02/bridge.collapse.irpt/index.html

O jornalismo *on-line* se diferencia pela tecnologia associada à internet. No quadro multimídia, o jornalista toma decisões sobre o formato mais indicado para um assunto – se é texto o som, se deve ter imagem e se deve ser animado ou não. Usando a interatividade tem de administrar as possibilidades e espaços para o público escrever, interagir e, com a hipertextualidade, tem de equacionar as formas de ligar o seu artigo com outros em arquivos ou outras contribuições com links (CARDOSO, 2007, p. 200)

As particularidades e características são enfrentadas por meio de distintas abordagens teóricas. Alguns o colocam como uma proposta midiática digital associada à Reportagem Assistida por Computador (RAC). A incorporação da RAC nos processos das mídias digitais tem alterado os padrões e dinâmicas da profissão e tem aberto o debate sobre a internet como fonte de notícias. Machado (2007) faz a abordagem da RAC como um processo de três etapas: a reportagem, para a qual o jornalista conta com planilhas, bases de dados e outros programas para construção de acervo próprio; a pesquisa em fontes secundárias, íntegras de documentos, dicionários, enciclopédias disponíveis na rede; e o encontro, com a participação em fóruns de discussão, redes sociais e outros ambientes virtuais.

Como aponta Deuze (2006), um aspecto da reportagem assistida por computador é a interação com comunicações *on-line* como *mails*, postagens em fóruns de notícias e mensagens instantâneas, numa atmosfera em que a verificação de informação é extremamente difícil devido ao frequente anonimato e rapidez da informação disponibilizada. Mesmo assim, a reportagem assistida por computador —como um processo metodológico— propõe rotinas produtivas de maior velocidade e informalidade, que nem sempre garantem qualidade ao produto final. O autor acrescenta o preocupante fato da internet ter acelerado o processo de reportagem, fazendo com que os jornalistas passem, muitas vezes, mais tempo no escritório do que na rua (DEUZE, 2006, p. 19).

O reordenamento de processos jornalísticos, desde a rotina produtiva de notícias ou a contextualização da informação até o consumo instantâneo pelas audiências em computadores pessoais ou aparelhos portáteis, impõe a busca de novas abordagens aos processos de construção de notícias no ambiente digital. Afinal, a geração e consumo de informação nas redes tem provocado uma explosão

de experiências e produtos virtuais —especialmente desde a chegada da Web 2.0— criados sob diferentes propostas culturais, científicas, lúdicas e sociais.

3.2 Redes: um território dinâmico de produção jornalística.

Em 1994, vinte jornais no mundo —a maioria nos Estados Unidos e Canadá— tinham uma página na *web* onde colocavam seus conteúdos copiados da edição impressa, para disponibilizá-los aos leitores. Um ano depois, 78 jornais já tinham criado páginas na *web* onde colocavam os conteúdos dos seus jornais impressos, e em 1996 este número se multiplicou, já era possível verificar um total de 1929 produtos jornalísticos na Internet⁴³. Hoje, catorze anos depois, existem no ciberespaço cerca de 15 420 jornais digitais no mundo ⁴⁴. Os dados dão uma ideia do que aconteceu desde meados da década de noventa, quando o uso da internet e do computador provocaram mudanças nas práticas jornalísticas. O jornalismo digital tem passado por processos de inovação e de legitimação, e por transformações nas rotinas produtivas que propõem ao público uma lógica de consumo diferenciada. Donos de empresas de mídia, editores e jornalistas investem no envolvimento de seu público nos processos de apuração e processamento da informação, seja mediante a recepção de material complementar para a elaboração das matérias ou mediante a disponibilização de canais de comunicação mais amplos, por meio de endereços de correio eletrônico ou do monitoramento dos distintos perfis das redes sociais. Além disso, a possibilidade de geração e publicação de informação sem hora de fechamento e de forma instantânea em comparação com outros meios tem contribuído para alterar percepções de tempo e espaço de experiências e fatos sociais por causa da velocidade e do imediatismo das notícias.

A incorporação das ferramentas digitais nos processos de produção, circulação e consumo de informação têm provocado a revisão de algumas referências teóricas no jornalismo desde os anos noventa, quando jornalistas e

⁴³ Dados extraídos do livro *Periodismo Digital. Los grandes diarios en la red*, de Luis Albornoz.

⁴⁴ Disponível em: www.wan-ifra.org

empresas de mídia começaram a experimentar novas formas de fornecer a informação para os seus públicos e as suas audiências e de conceber as rotinas produtivas de maneira mais ágil. As coberturas de acidentes são acontecimentos que demonstram como as rotinas e os estritos roteiros tradicionais de cobertura do fato, apuração, edição, publicação e feedback de informação podem se fragmentar, quebrando um evento midiático maior em blocos complementares menores, ilustrativos, interpretativos, contextualizadores, e interativos. Para Suzana Barbosa (2001) a digitalização da informação instaura uma nova era para o jornalismo, do sistema de produção à distribuição de conteúdos, inclusive do processo de redação jornalística e de modelos de produção de notícias:

.....“a supressão dos limites de espaço e tempo – que sempre acompanham edições impressas, telejornais, além do rádio-jornalismo surge como uma das novidades trazidas pelo emergente jornalismo online, assim como o hipertexto e o link como seu elemento constitutivo e inovador para a escrita digital. Esses dois últimos alteram significativamente os modelos finais das matérias, que, a despeito das quebras de limites espaciais proporcionados pela mídia digital, acabam sendo produzidas segundo formatos variados adotados pelos *sites* jornalísticos” (BARBOSA, 2001, p. 4)

Questionam-se as tendências da produção jornalística na atualidade, as suas características e a qualidade dos conteúdos e formatos das notícias. O caso do Newswise⁴⁵ é muito ilustrativo. O *site* age como uma fonte de dados de eventos de atualidade, oferecendo busca para arquivos e assinaturas de serviços noticiosos mundiais. O objetivo é melhorar a eficiência na gestão e distribuição de informação, pois o Newswise fornece notícias, especialmente para jornalistas e profissionais da mídia assinantes, baseadas em conteúdos previamente pesquisados e com notoriedade ainda limitada.

Conseqüentemente, para autores como Salaverría (2005) e Machado (2007), as novas redes digitais provocam uma mudança não só tecnológica, mas também conceitual. E isso se traduz em alterações das formas de aprender e entender o mundo por meio de uma escrita não linear marcada pela multimidialidade, pela hipertextualidade e pela interatividade (SALAVERRÍA, 2005, p. 54), conceitos-

⁴⁵ Disponível em: newswise.com

chave para esta pesquisa que ainda serão posteriormente retomados. O autor indica que essas três categorias caracterizam o jornalismo digital frente às modalidades anteriores, o qual incorpora aos seus processos e produtos o hipertexto, uma unidade de sentido, gerada de um conteúdo e um formato noticioso, que pode ser enlaçada com outra na formação de unidades maiores de informação. Aponta também que a multimidialidade, de um ponto de vista lingüístico, consiste na capacidade de processar e difundir mensagens que integram vários códigos —textuais, visuais e sonoros— que, ao mesmo tempo, mantêm uma unidade comunicativa; e que a interatividade é a possibilidade de interagir entre o público e a mídia. (SALAVERRÍA, 2005, p.55). Os *sites* de jornais como o chileno La Tercera⁴⁶ ou o canadense The Globe and Mail⁴⁷ incorporam esses três princípios. Autores como Pena (2005) reforçam essa abordagem quando propõem entender o jornalismo digital como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente digital, o ciberespaço, organizadas de forma hipertextual com potencial multimídiaático e interativo (PENA, 2005, p. 176).

Enquanto Salaverría (2005, p.14) estabelece essas três categorias básicas para identificar as características do jornalismo digital: hipertextualidade, interatividade e multimidialidade, Palácios (2002), por outro lado, estabelece quatro características essenciais: multimidialidade, interatividade, hipertextualidade e memória. Autoras como Mielniczuk e Barbosa (2005) endossam as categorias eleitas por Palácios na hora de apontar a memória como uma característica básica do jornalismo digital, pois pela primeira vez na história do jornalismo, amplíssimos acervos e registros de informação publicada no passado podem ser acessados em apenas segundos pelos usuários, de qualquer lugar e a qualquer momento.

A aplicação dessas categorias nos estudos do jornalismo digital tem contribuído para compreender a dinâmica dos processos de produção e consumo de conteúdos jornalísticos na *web* e constituem-se como conceitos-chave para a

⁴⁶ Disponível em: latercera.com

⁴⁷ Disponível em: theglobeandmail.com

pesquisa. As necessárias definições dessas categorias para suas posteriores aplicações serão sistematizadas no capítulo 4 dedicado a uma reflexão crítica sobre a cobertura jornalística dos terremotos do Haiti e do Chile nas redes iReport e NowPublic.

3.3 Características dos conteúdos e formatos de notícias na *web*

Diante das tentativas por esboçar características básicas do jornalismo digital, como refletir sobre os efeitos dos usos e apropriações do computador e da Internet nas rotinas produtivas com maior consistência? Machado (2007) a entende como a vinculação das várias faces discursivas (som, imagem e escrita) numa mesma instância discursiva multimídia. Ao contrário de todas as outras formas anteriores de jornalismo distribuídas pela circulação do papel impresso ou pela difusão de ondas, o jornalismo digital precisa ser acessado pelo usuário de maneira mais participativa do que nos meios massivos, e, por essa razão, os modos de representar os acontecimentos e retratar a sociedade no ambiente digital resultam de dinâmicas singulares. Palácios (2002, p.5) aponta a distinção da lógica de oferta que caracteriza as mídias tradicionais (radio, imprensa e televisão) que funciona por emissão de mensagens num modelo Um \rightarrow Todos, da lógica de demanda que caracteriza usos de novas tecnologias da informação, inclusive na prática do jornalismo digital, que funciona sob uma lógica marcada pela disponibilização e acesso, em um modelo de Todos \leftrightarrow Todos.

No entanto, esgotar a compreensão do jornalismo digital como uma prática comunicativa e de gestão de informação resultante apenas dos avanços tecnológicos é ignorar seu impacto como uma forma de comunicação que envolve novas linguagens, lógicas de consumo da informação e construções de discursos e sentidos sobre a atualidade. O determinismo tecnológico não dá conta de modo pleno de questões importantes no debate sobre os efeitos das tecnologias digitais no jornalismo, na mídia e na vida social. O suporte digital supõe leituras e representações diferentes dos acontecimentos. A internet tem provocado mudanças nas expectativas e condutas das audiências. Por causa disso, é necessário reconsiderar os próprios princípios de construção de notícias (FONTCUBERTA E

BORRAT, 2006, p. 141). E nesse percurso, o grande desafio do jornalismo digital é encontrar uma linguagem própria, democratizar suas interfaces (PENA, 2005, p. 180), gerando ainda maior contextualização dos acontecimentos e representações mais diversas dos fatos sociais (BECKER, 2009). Para Diaz Noci, a primeira perspectiva que interessa destacar é a lingüística:

Não porque queira me colar à linguagem em sentido estrito, e sim porque acredito que convém apanhar o hipertexto desde a teoria do texto, como nível estruturado no qual manifesta-se o ato comunicativo. Se a narratológica, a pragmática e inclusive a velha retórica ocupavam –se de um artefato que chamamos de texto e tem aplicado determinadas metodologias com resultados bons, por que não fazer a mesma coisa com o hipertexto? Se ele define-se como uma superação do texto –em aquilo que tem a ver, por exemplo, a sua uni linearidade- parece claro que as novas características intrínsecas do hipertexto trazem uma nova maneira de fazer as coisas (DIAZ NOCI, 2006, p. 3)

Como constata Castells (2001, p. 158), a internet é um meio de comunicação com lógica e modos próprios de construção de notícias que atravessam todas as áreas de expressão cultural. É utilizada para a divulgação de mensagens, para a transmissão de ideias e para a busca de informações. Sendo assim, estruturas lineares se decompõem. No jornalismo digital não é diferente. Para Salaverria (2005, p. 3), o jornalismo digital apresenta-se como uma estrutura “de árvore” onde o leitor deve navegar em uma base de dados.

No ciberespaço, a usual lógica linear da informação impressa é desafiada pelo espaço infinito e fica multidirecionada, dividida em porções menores de informação. Há uma quebra da linearidade da narrativa. Para Fontcuberta & Borrat (2006), uma das principais características do jornalismo digital é a sua fragmentação. E um conteúdo “móvel” também implica em um leitor capaz e exercer a sua própria navegação na leitura e na compreensão do texto (FONTCUBERTA E BORRAT, 2006, p. 148). A fragmentação e quebra de estruturas narrativas resultam em um consumo mais seletivo de conteúdos e formatos noticiosos digitais, inclusive em tempo real. Por isso, é possível observar que a informação que pode ser importante e ainda interessante no México, pode ter pouca ou nenhuma cobertura na França ou na Índia, e ainda que os interesses dos portais jornalísticos sejam semelhantes na seleção das notícias disponibilizadas as

relações dos usuários estabelecidas com as ofertas de informação serão diferentes em acordo com os distintos contextos culturais e políticos. Como um cardápio de informações disponibilizadas aos leitores, o Newsmap⁴⁸ é uma aplicação ou software que publica, mediante um mosaico noticioso, as mudanças que acontecem no *News Aggregator* do Google. Pedacos de informação são espalhados em blocos de diferentes cores e tamanhos, dependendo da cobertura que o fato recebe no mapa noticioso, por região (pais), tópico ou tempo. O processo informa sobre a importância da notícia por localização geográfica.

Deve-se reconhecer, entretanto, que as características do jornalismo digital aparecem majoritariamente como potencializações e continuidades e não necessariamente como rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores (PALÁCIOS, 2002, p. 6). Pelo contrário, segundo o informe do *Congressional Research Service*⁴⁹ nos Estados Unidos, a relação de atual interdependência entre jornais impressos e jornais publicados *on-line* é evidente. Um estrato do informe mencionado relata o seguinte:

Enquanto o crescimento jornalístico futuro está *on-line*, ainda há uma grande interdependência entre produtos impressos, com seus milhões de leitores e entre produtos emergentes *on-line*. Muitos produtos de nova mídia apóiam-se em parte em publicidade impressa para suas ganâncias. O *site* www.politico.com obtém 50% dos seus ingressos através da publicidade no seu jornais impresso gratuito, embora tenha mais de 3 milhões de leitores na *web*. *Sites* como o Drudge Report confiam em links a informação e conteúdos de jornais impressos. Assim, a combinação de uma presença impressa e virtual pode fornecer a um meio um alcance importante. (*Congressional Research Service*, 2009, p.16)

O informe ainda revela que a estratégia jornalística conjunta entre edições impressas e digitais é evidente em casos como o do Associated Press, pois a organização que reúne mais de 1400 jornais no mundo tem assinado um acordo para vender conteúdos e matérias a firmas de internet como AOL, Google e Yahoo! As novas mídias são resultantes do avanço da tecnologia digital, uma resposta dialética

⁴⁸ Disponível em: newsmap.jp/

⁴⁹ Disponível em: loc.gov/crsinfo

e tecnológica aos formatos rígidos da mídia massiva com enorme potencial como sugere Alves:

A segunda década do jornalismo digital se inicia em meio a uma séria crise dos meios tradicionais, agravada pela popularização da *web*, mas causada também por motivos anteriores a ela. A televisão, por exemplo, sofre há tempos com a fragmentação e o declínio da audiência. Os jornais, que foram o primeiro meio tradicional a abraçar a Internet massivamente, parecem estar se transformando numa das principais vítimas de uma ruptura tecnológica. Nos Estados Unidos, a penetração dos jornais já vinha caindo há tempos (a proporção de adultos que liam jornais caiu de 81% em 1964 para 52% em 2004), mas o declínio da circulação tornou-se ainda mais agudo nos últimos anos (ALVES, 2006, p. 95)

As evidências da interdependência ainda existente entre os produtos impressos e digitais não são a única relação existente entre a internet e os jornais impressos ou entre a *web* e os telejornais. Para Manovich (2005), muitos dos objetos da nova mídia são conversões de variadas formas de mídia massiva. Peças de vídeos ou registros sonoros disponíveis na criação de matérias jornalísticas televisivas há muitos anos são hoje parte expressiva de elementos que compõem conteúdos e formatos de notícias nas plataformas e interfaces de novas mídias, com a diferença de que entram no cenário com uma lógica bastante diferente daquela imposta pela sociedade pós-industrial, na qual os produtos são concebidos para fins ou sujeitos mais específicos. O resultado é uma customização individual (MANOVICH, 2005, p. 51) na qual os usuários recebem informação dependendo de parâmetros como gostos, idade ou formação, em oposição a uma estandarização em massa na qual a informação é publicada para um consumo generalizado sem destinatários muito específicos.

O autor ainda acredita que existe uma variedade de produtos nas novas mídias, que as separam definitivamente das anteriores. Assim, em lugar de cópias idênticas, a nova mídia gera muitas versões diferentes de um mesmo produto. No caso do EveryBlock⁵⁰, promove-se o consumo de notícias em espaços hiperlocais, pois o *site* veicula informação exclusiva para cada uma das 17 cidades americanas onde está

⁵⁰ Disponível em: everyblock.com

ativo. O *site* funciona como um “filtro geográfico” que delimita os espaços da notícia, focalizando os acontecimento por ruas e bairros. Aliás, segundo Manovich (2005, p. 56), conteúdos e formatos das novas mídias são criados pelos usuários e embalados por computadores e possibilidade de uso das ferramentas digitais. Segundo Palácios (1999) os elementos usualmente apontados como rupturas no jornalismo digital como a hipertextualidade, a multimídia ou a interatividade são na verdade continuidades de características já existentes em outros suportes / dispositivos.

Embora seja possível estabelecer uma associação entre as novas mídias e as mais antigas, revelando suas interdependências, Machado (2007, p. 6) indica que o processo de utilização das redes de comunicações digitais atuais apresenta duas tendências no jornalismo digital, que provocam rupturas em modelos anteriores. Por um lado, as redes são uma espécie de ferramenta para nutrir os jornalistas das organizações convencionais com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais e, ao mesmo tempo, são um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos permanece circunscrita aos limites do ciberespaço (MACHADO, 2007, p. 7).

Como Alves e Palácios, Machado (2007) destaca as vantagens que o ciberespaço oferece à prática jornalística. O autor explica que em vez da divisão em editorias específicas como ocorre no jornalismo convencional, nas redações digitais os membros da publicação são dispostos de forma mais livre para facilitar o trabalho em torno de uma temática comum. E como a descentralização da produção dos conteúdos pode dificultar o contato direto entre os colegas, as redes de comunicação internas evitam o isolamento, contribuindo para que o produto final seja o resultado de um esforço coletivo. E essas redes ainda estabelecem rotinas diferenciadas de produção de conteúdos, flexibilizando a organização do trabalho jornalístico.

As principais vantagens do uso das tecnologias e linguagens digitais, entretanto, são as possibilidades de experimentação. Segundo Barbero (2001, p. 76),

como fruto dos desafios sociais da comunicação, a mídia virou um centro de mudanças no plano tecnológico e cultural. A demanda por produtos que se ocupem de satisfazer a consumidores especiais ou a leitores com gostos e hábitos de leitura específicos, somado a tempos de demanda de informação cada vez mais curtos fazem com que variadas experiências na *web* focalizem suas coberturas para internautas específicos, no meio de um contato instantâneo entre a mídia e o usuário.

De maneira clara observa-se como a morte do cantor Michael Jackson em junho de 2009 foi um exemplo da relação entre a mídia digital e o seu público marcada pela instantaneidade, em oposição com a mídia tradicional. O *site* de fofoca TMZ⁵¹ publicou a notícia da morte do artista antes de grandes veículos da mídia regional como o Los Angeles Times. Junto com a publicação quase instantânea da notícia, o *site* confirmava detalhes sobre o fato, como a chegada de serviços médicos à mansão do cantor graças à informação fornecida pelos leitores fanáticos do *site* e do envio de material audiovisual amador⁵². Existe sim uma mudança nas relações entre fornecedores e consumidores de informação, como aponta Barbosa (2004, p.4), já que o ambiente eletrônico também possibilita a interlocução dos usuários com os produtores em mão dupla.

As relações entre os jornalistas e as fontes também tem experimentado mudanças, e as rotinas produtivas também sofrem alterações por essas razões. Sem a necessidade da presença dos jornalistas no local, a redação do jornal digital ocupa o lugar de um centro de gravidade para onde converge o fluxo de matérias enviadas pelos profissionais, colaboradores e usuários do sistema (Machado, 2007, p. 53). Além das mutações no processo de edição e publicação de notícias, as rotinas produtivas sofrem outras mudanças, pois o jornalismo digital fornece novas configurações para os seus produtos. A possibilidade de jornalistas e editores atualizarem com maior velocidade as informações nos *sites* e a oportunidade de um leitor se informar sobre os acontecimentos contando com “listas inteligentes”, ou

⁵¹ Disponível em: tmz.com

⁵² Disponível em: guardian.co.uk/media/2009/jun/26/michael-jackson-tmz-scoop

seja, com relações de notícias mais lidas ou comentadas pelos próprios usuários publicadas nos portais são exemplos dessas transformações. A “velha informação” adquire novas funções no estágio digital do jornalismo, pois a sua recirculação e acesso sem a rigidez de uma emissão de telejornal, por exemplo, em horário e dias pré-determinados na grade de programação das emissoras, podem estimular a contextualização de fatos de maneira rápida e a configuração da memória social através do discurso jornalístico sem barreiras temporais (MIELNICZUK, 2005, p. 5), e podemos dizer também sem limitações espaciais.

Isso pode ser identificado no trabalho diário das redações digitais, agora equipadas em função da internet, trabalhando num fluxo contínuo de processamento de informação (CASTELLS 2001, p. 157). Desse modo, é possível enxergar de forma clara como o processo de convergência de mídias e de ferramentas digitais manifesta-se na produção jornalística. Embora as fragilidades do jornalismo digital não se configurem como um perigo ao seu desenvolvimento, elas são alvo de investigação, inclusive para a promoção de um serviço informativo público de qualidade. Alborno (2007, p. 60) enfatiza que publicar um jornal *on-line* não libera a empresa de continuar seu negócio impresso, ao mesmo tempo em que os custos de concepção, desenvolvimento, desenho, manutenção e hospedagem de um *site* se adicionam. Da mesma forma, o autor indica que no trabalho jornalístico digital desaparece a hora de fechamento, é preciso fazer conteúdos mais atrativos, formar equipes de jornalistas *on-line*, atrair desenhistas e engenheiros em sistemas e capacitá-los continuamente (ALBORNOZ, 2007, p. 60). Mas, não deixa de enfatizar algumas vantagens do jornalismo digital:

Na imprensa convencional é muito difícil saber com precisão científica que páginas e notícias os leitores lêem. Na rede essa tarefa simplifica-se ao máximo. Em comparação com os modelos impressos, não existem custos de impressão, distribuição, contra-distribuição e armazenagem, ao tempo que há uma poupança em tintas, papel e rotativas. Finalmente, a atualização permanente dos conteúdos informativos é sem dúvida uma opção que permite as editoras a concorrer informativamente com meios que respondem a um modelo de fluxo, como a rádio ou a televisão (ALBORNOZ, 2007, p. 60).

3.4 A participação dos usuários

Além de um olhar sobre as vantagens e desvantagens que o jornalismo digital pode oferecer ao estudo e a prática da comunicação, destaca-se o seu potencial como um serviço social mais inclusivo que as práticas jornalísticas nos jornais, no rádio e na televisão. Há um fluxo contínuo de informação que se acumula, indexada, no sítio *web*, colocando-se à disposição dos usuários que queiram consumi-lo (ALVES, 2006, p. 97). Os jornais digitais funcionam como plataformas que podem aproveitar seus recursos e valorizar a difusão de informação associada à prestação de serviço (FONTCUBERTA E BORRAT, 2009, p. 142). As redes constituem uma ferramenta para nutrir os jornalistas com conteúdos complementares aos coletados pelos métodos tradicionais enquanto estabelecem rotinas diferenciadas de produção e recepção de conteúdos. E a prática do jornalismo digital reduz os custos de produção de notícias, podendo torná-las, ao mesmo tempo, mais acessíveis e contextualizadas.

Cada meio estimula a construção de narrativas e linguagens próprias. No caso da internet, a linguagem hipertextual condiciona o jornalismo digital a se apresentar como uma proposta singular entre as ofertas midiáticas porque quebra modelos rígidos de construção de notícias, gestão e consumo de informação, além de técnicas de apuração de fatos sociais limitadas, permitindo maior contextualização dos acontecimentos. O grande desafio do jornalismo digital, porém, como aponta Canavilhas (2004, p. 4), é a procura de uma linguagem que imponha à *webnotícia*, conteúdos e formatos mais adaptados às exigências de um público que demanda maior rigor, objetividade e criatividade.

A notícia é a matéria-prima da produção jornalística, renova-se com maior periodicidade e é o resultado da união de três fluxos de conteúdos informativos com frequências de atualização diferenciadas (ALBORNOS, 2007, pp. 202-203):

- Conteúdos produzidos exclusivamente para os sítios *web*, com informação fornecida pela redação *on-line*.
- Conteúdos derivados da edição impressa.

- Conteúdos informativos vindos de suplementos impressos que acompanham a edição em papel.

Para Fontcuberta & Borrat, o jornal digital não deve se limitar a explicar os fatos ao receptor. Deve integrá-lo na compreensão da notícia convidando-o a vivenciá-la por meio da sua experiência (2006, p. 148). O novo meio exige uma nova linguagem, uma nova retórica e um novo modelo de produção de informação que não tem nada a ver com as rotinas jornalísticas tradicionais. O jornal digital não tem páginas e sim telas nas quais a informação se constrói por links que remetem a outras informações, o conteúdo é organizado em camadas sucessivas que vão se abrindo diante do usuário, dependendo dos seus interesses e de suas escolhas.

A rapidez e aceleração nos investimentos e lançamentos de produtos digitais que estabelecem novas rotinas produtivas do jornalismo baseadas na participação dos usuários para produção de informação jornalística não apresenta estudos conclusivos sobre as implicações e a qualidade dos conteúdos disponibilizados. Caminhando para a sua segunda década, o jornalismo digital sofre transformações, inclusive na sua compreensão e aplicação, ainda assim, a gestão dos conteúdos noticiosos nos *sites* da internet apresenta uma evolução de conteúdos e formatos mais lenta do que os avanços técnicos. Hoje, as edições digitais de muitos jornais mostram apenas um jornalismo mosaico (FONTCUBERTA E BORRAT, 2007, p. 148), pois as informações carecem de links capazes de oferecer percepções efetivamente mais contextualizadas dos acontecimentos. Além disso, ainda não há um modelo e negócios definido porque a maioria dos produtos digitais jornalísticos, salvo algumas exceções, não são rentáveis (ALBORNOZ, 2007, p. 59).

O atual estágio dos estudos sobre jornalismo digital resulta em diferentes enfoques técnicos, operativos e lingüísticos, no qual a experimentação continua e a geração de novos produtos demanda investigações ainda mais consistentes. Maior velocidade na publicação de informação e melhor qualidade técnica na apresentação dos conteúdos poderiam ser os dois maiores potenciais que o jornalismo digital possui frente a outras formas de produção de notícias. No entanto, a produção e o consumo instantâneo da informação é priorizado em detrimento da construção de

notícias que apresentem variedade de atores sociais, temáticas diversas e pluralidade de interpretações (BECKER, 2009, p. 44).

Empresas da grande mídia e algumas experiências independentes de comunicação investem na criação e promoção de *sites* noticiosos cada vez mais inovadores, que desafiam o jornalismo e alguns dos seus postulados, e as relações estabelecidas entre quem produz e consome a notícia. Embora há pouca evidência de um conflito futuro entre as fontes *mainstream* de notícias no mercado da informação e aquelas derivadas de propostas fora desse eixo, produtos badalados de social media ou de jornalismo colaborativo continuam sendo comprados por grandes empresas de mídia, em uma prática que continua sendo normal após o aparecimento e êxito mediático de algumas delas. Esse mercado contemporâneo de informação jornalística gera uma variedade de percepções e reflexões. De qualquer modo, a internet e as tecnologias digitais permitem a criação de novos produtos e a inclusão de novos atores sociais na construção das notícias, uma tendência, a partir da qual, é possível repensar o jornalismo digital em constante transformação e a sua mediação na atualidade. Por isso, pesquisas sobre a produção jornalística colaborativa são tão importantes, como a proposta desta investigação.

4. Construindo uma reflexão crítica sobre a cobertura jornalística dos terremotos de Haiti e Chile

A seleção de um corpus para a análise comparativa e essencial no percurso metodológico e a escolha dos *sites* a serem pesquisados é essencial para os propósitos desta pesquisa. Optamos por duas experiências importantes de redes colaborativas de jornalismo: NowPublic e o iReport. A seleção desses dois *sites* não foi por acaso. Os terremotos no Haiti e no Chile receberam destaque nas edições do iReport e do Now Public, e suas coberturas jornalísticas são exemplos ilustrativos de produção colaborativa de conteúdos noticiosos no ciberespaço. A análise das notícias referentes a esses fenômenos revelam como a mídia trabalha as situações de risco na contemporaneidade, questão importante para compreendermos melhor o valor da informação e o papel do jornalismo na atualidade.

Também escolhemos trabalhar com esses dois *websites* porque apresentam realidades diferentes, o que pode fornecer resultados mais amplos em relação ao estudo proposto nesta investigação. O NowPublic é gerenciado por um pequeno grupo de comunicação enquanto o outro tem o apoio de uma das organizações de mídia mais desenvolvidas no mundo. Notamos que o NowPublic é uma produção independente de mídia, propriedade do Examiner.com⁵³, que gerencia uma rede de *sites* de produção de conteúdos noticiosos bem menor que o iReport, o experimento principal de *user-generated content* da CNN. O NowPublic ainda se destaca no conjunto de mídias de colaboração jornalística porque foi criado em 2005 oferecendo matérias produzidas pelos próprios usuários do *site*. Há uma diferença expressiva do NowPublic frente a outras experiências de redes colaborativas evidente em seu home. *Most recommended stories* abre um percurso no *site* no qual os leitores podem acessar as matérias mais lidas e comentadas. O processo de publicação é rápido. *I want to write something* é o link que leva o usuário a uma página pronta para começar a escritura. Uma barra abre-se para inserir o título e um espaço branco para inserir um texto principal iniciam o percurso. Após completar

⁵³ Disponível em: examiner.com

essa etapa, o usuário adiciona o seu material multimídia de fotos, vídeo ou áudio (se tiver) e a matéria chega às mãos dos editores, que depois de checarem o conteúdo, o publicam ou o rejeitam. A rede recebe material desde 6000 cidades em 160 países⁵⁴ e faz questão de incentivar os seus colaboradores com curiosas estratégias de fidelidade. Assim, o *site* faz *rankings* dos usuários e os divide entre editores principais, editores menores, repórteres e novos usuários. Também mantém uma seção de estatísticas para que os usuários cadastrados possam saber o número de histórias acessadas, publicadas, recomendadas e quantas vezes as matérias publicadas foram destaque na *home* do *site*. O *site* permite aos contribuintes o envio de fotos ou vídeos ao *site* através de ShoZu⁵⁵, um provedor de serviços móveis de *social media*.

Embora tenha nascido como uma experiência independente, a sua popularidade atraiu a atenção de empresas maiores de mídia. Em agosto de 2009, o *site* foi vendido à empresa Examiner.com, que focaliza seu negócio de mídia em notícias *hiperlocais*, quer dizer, notícias dirigidas a pequenos grupos da população, geralmente em uma área geográfica limitada. NowPublic também tem um acordo de compartilhamento de conteúdos com a Associated Press, para o fortalecimento das suas operações. Embora certas redes de *social news* possam apresentar médias maiores de visitação em comparação com o NowPublic como o Newsvine⁵⁶ ou o Digg⁵⁷, estas apresentam desvantagens para os propósitos desta pesquisa, interessada em investigar os processos de produção de notícias em ambientes colaborativos contrastados, um empresarial e um independente ou de menor escala. O Newsvine é um produto de propriedade do msnbc.com, um dos principais e mais poderosos grupos de mídia do mundo, enquanto o Digg não conta com registros ou matérias consistentes nem publicações sobre os terremotos de Haiti ou Chile. A escolha do

⁵⁴ Disponível em: my.nowpublic.com/newsroom/community/faq

⁵⁵ Disponível em: shozu.com

⁵⁶ Disponível em: www.newsvine.com

⁵⁷ Disponível em: digg.com/news

NowPublic também se justifica porque é uma rede de mais de 250 000 jornalistas “amadores” que enviam uma variedade de matérias sobre diferentes temas - política internacional, economia, meio ambiente e até mesmo conteúdos estranhos ou bizarros⁵⁸.

O iReport, por sua vez, é um produto síntese de uma fusão da geração de conteúdos em rede colaborativa com o apoio tecnológico e financeiro de uma grande empresa de mídia. Segundo o Mediaweek Report⁵⁹, cerca de 4 milhões de *streamings* foram acessados só em junho de 2008 e um total de 2.5 milhões de usuários visitaram o *site* naquele período. Aliás, segundo dados do mesmo iReport, durante a crise política no Irã em junho de 2009⁶⁰, 1600 *reports* foram submetidos sobre o assunto, e mais de 300 novos usuários cadastrados foram aceitos, entre o 13 e o 17 de junho. Mais de 10000 usuários se cadastraram após um mês do seu lançamento. Em agosto de 2008, o *site* já tinha uma base de 90000 colaboradores dos quais 24000 tinham feito contribuições de reportagens com conteúdos e formatos multimídia, gerando uma média de duas matérias produzidas por usuários e disponibilizadas a cada mês⁶¹.

Com uma página de início de desenho simples, o iReport recebe *reports* através de vídeos, fotos e textos. O *site* dá boas-vindas ao usuário com um *assignment desk*, um *template* onde tópicos atuais são sugeridos para os *reporters*. As principais propostas temáticas do *site* são propostas por produtores da CNN e não pelos mesmos usuários (como no caso do NowPublic, por exemplo). A CNN utiliza e publica com regularidade o material submetido pelos usuários em sua própria página na *web* em função da impossibilidade da equipe jornalística da CNN estar

⁵⁸ Para ter maior conhecimento sobre a variedade de tópicos e matérias que o NP promove entre seus usuários e algumas questões importantes está nowpublic.com/newsroom/community/faq

⁵⁹ Disponível em: newteevee.com/2009/06/19/citizen-journalists-flood-cnn-ireport

⁶⁰ Mesmo que uma análise da abordagem do iReport da crise não esteja disponível, o poder de convocação que o evento teve para a movimentação de “ireporters” é importante.

⁶¹ The Berkman Center for Internet & Society at Harvard University, 2008.

presente de maneira instantânea nos locais onde são gerados muitos acontecimentos, porém raramente esses materiais publicados na rede são aproveitados nos telejornais da empresa. Mesmo pertencendo a CNN, o iReport mantém certa independência do negócio principal da empresa de mídia. O *site* ainda usa gráficos e textos diferentes daqueles do *site* da CNN e até o logo empresarial não é usado no *tagline* do *site* nem nos títulos dos *reports*. Os conteúdos do iReport, como outras experiências na rede, são auto-reguladas, editadas, moderadas, comentadas, ranqueadas e administradas pelos próprios usuários (ou com a colaboração deles). Já foram batizados de *social media* (mídia social), pois é a sociedade que ativa tais canais e cria uma cultura generalizada de colaboração (MALINI, 2008, p.2).

A escolha destes dois *sites* também deve-se ao fato de terem um acervo importante de informação ainda disponível dedicado a esses dois acontecimentos. Como foi referido, na cobertura do terremoto de Haiti, o iReport criou uma *home* especialmente dedicada à publicação do material produzido exclusivamente pelos colaboradores cadastrados do *site*⁶². Na cobertura do iReport foram registrados um total de 230 matérias, publicadas entre os dias 12 de janeiro e 14 de julho de 2010. As 230 matérias estão compostas de textos, ensaios fotográficos e vídeos. No caso do NowPublic, o *site* registrou 58 matérias publicadas entre os dias 15 de janeiro e 19 de julho de 2010.

No caso da cobertura do terremoto do Chile, o iReport também produziu um *home* exclusivo para a publicação do material dos usuários cadastrados. Foram publicadas 72 matérias sobre o terremoto, a primeira no dia 27 de fevereiro e a última no 17 de março de 2010. As matérias estão compostas de texto, fotografias e vídeos. O terremoto chileno teve também cobertura no *site* do NowPublic. Um total de 20 matérias foram publicadas no *site*, a primeira no dia 27 de fevereiro e a última no mês de maio.

⁶² Disponível em: ireport.cnn.com/ir-topic-stories.jspa?topicId=381090&start=228

Por essas razões, essas duas experiências de redes colaborativas constituem-se em exemplos importantes para esta análise, na qual são observados os conteúdos e formatos das notícias disponibilizadas, identificando características de produção e consumo de informações nesses ambientes, e buscando ainda compreender como as redes colaborativas funcionam e influenciam as rotinas e as práticas jornalísticas na atualidade.

4.1 Metodologia proposta

Essa pesquisa apresenta um estudo dos processos de construção de notícias com participação dos usuários e investiga efeitos e apropriações das tecnologias digitais na produção de um jornalismo de qualidade, como já referido, por meio de uma análise comparativa quantitativa e qualitativa, dos conteúdos do NowPublic e do iReport.

A pesquisa está amparada por categorias de análise provenientes dos estudos de jornalismo digital que possibilitam determinar características de conteúdos publicados nas redes referidas. Serão aplicadas quatro categorias sistematizadas a partir de contribuições de Palácios (2002), Albornoz (2007), Diaz Noci (2003), Mielniczuk e Barbosa (2005). Elas são *hipertextualidade*, *interatividade*, *multimedialidade* e *memória* na análise quantitativa. A escolha dessas categorias é importante porque suas aplicações permitem identificar características relevantes dos conteúdos e formatos noticiosos disponibilizados nas redes colaborativas, observar se estão ou não associados aos atuais parâmetros de jornalismo de qualidade, reunindo dados sobre esse tipo de produção jornalística. Portanto, serão investigadas as coberturas dos terremotos do Haiti de janeiro de 2010 e do Chile de fevereiro do mesmo ano, realizadas por esses *sites* e o modo como essas redes estimulam a participação dos usuários nas enunciações jornalísticas, investigando também a quantidade de colaboradores com a qual eles contam, a diversidade de abordagens, e a possibilidade de publicação de material multimídia, entre outros aspectos.

Inicialmente será revisado todo o material disponibilizado pelos dois *sites* sobre ambos os terremotos, um total de 380 conteúdos noticiosos publicados entre

janeiro e agosto de 2010, mês no qual foram publicadas as últimas matérias nas redes selecionadas. A análise será feita mediante a aplicação das quatro categorias referidas. A primeira fase consiste em uma descrição do objeto de estudo, relatando questões como a quantidade de matérias e a frequência das publicações disponibilizadas. Esta etapa é seguida pela análise quantitativa, onde serão observadas as características dos *sites* e os tipos de conteúdos e formatos das notícias publicados. O terceiro momento deste percurso corresponde à interpretação e aprofundamento dos dados apurados por meio da análise quantitativa, ou seja, à análise qualitativa. Serão aplicadas categorias diferenciadas na investigação de um *corpus* formado pelas matérias selecionadas e publicadas nos dos *sites* sobre os dos terremotos que apresentam maior uso dos recursos multimídia em seus relatos, ou seja matérias que possuam o formato *texto impresso, fotografia e vídeo*. Essas categorias serão oportunamente referidas. A colheita das informações com maior potencial multimídia permitirá, portanto, um estudo comparativo e a construção de uma reflexão crítica consistente sobre os sentidos das notícias publicadas nas redes colaborativas jornalísticas. Para uma maior apreensão da metodologia adotada nesta pesquisa, as categorias que serão aplicadas na análise comparativa quantitativa e qualitativa são aqui sistematizadas e apresentadas em seguida, procurando também tornar mais precisa a definição de conceitos relevantes para esta investigação.

4.2. Definindo categorias para análise comparativa

4.2.1 Hipertextualidade.

A hipertextualidade possibilita a interconexão de textos através de *links* (hiperligações). Palácios (2002, p. 4) chama a atenção para a possibilidade de —a partir do texto noticioso— apontar-se (*fazer links*) para várias pirâmides invertidas da notícia, bem como para outros textos complementares (fotos, sons, vídeos, animações, etc.), outros *sites* relacionados ao assunto, material de arquivo dos jornais, publicidade, etc. É uma forma multi direcional de estruturar e acessar a informação dos ambientes digitais através de enlaces (ALBORNOZ, 2007, p 54). O autor explica que é uma maneira não linear de estruturar e de aceder à informação

nos ambientes digitais através de enlaces (2007, p. 54) A hipertextualidade possibilita então o estabelecimento de contextualizações e de informações complementares por meio de matérias relacionadas e complementares. O hipertexto fornece ao leitor autonomia na seleção e consumo de informação no ciberespaço, por não ter uma sequência determinada, deixando o leitor livre para percorrer seu próprio caminho de leitura. Segundo Landow (1997, p. 17) trata-se de uma série de blocos de texto conectados uns com outros por links, que formam diferentes itinerários para o usuário. Sobre a importância destes links, Baldessar (2009), Antunes (2009) e Rosa (2009) apontam o seguinte:

Esses links são um modo de ligar um texto a outro, podendo ser parte dele mesmo (mais a frente ou mais atrás) ou um texto externo. Essa técnica é aplicada também na literatura, mas talvez sua versão mais “popular” esteja na internet com os chamados *hyperlinks*, que ligam uma página da internet à outra. Outra variante aplicada é a hipermídia ou mídias sobrepostas, que é a ligação entre mídias: imagens, textos, vídeos, som, *hyperlinks* e hipertextos. Esse novo tipo de texto foi considerado revolucionário, pois não há um início ou um fim demarcado, tornando o texto não-linear e não – sequencial, uma vez que quem escolhe por onde começar e terminar é o próprio leitor.

63

O caso da hipertextualidade no consumo da informação é revolucionário, porque a hierarquização imposta pela mídia tradicional nos jornais é desconstruída, uma vez que o leitor não depende do desenho traçado pelo escritor ou jornalista. E a perda da linearidade no consumo de notícias fornece aos consumidores grandes possibilidades de consumo seletivo. No exemplo da cobertura de um golpe de estado em uma nação, a hipertextualidade do material noticioso pode permitir a um leitor se concentrar nos detalhes sobre confrontos e violência nas ruas, enquanto outro pode se interessar mais pelos discursos políticos referentes ao acontecimento. O acompanhamento de um fato está sujeito à decisão imediata do usuário e o

⁶³ *Hipertextualidade, multimídia e interatividade: três características que distinguem o jornalismo on-line*. Artigo apresentado no III Simpósio Nacional da AbCiber. São Paulo, 16, 17 e 18 de novembro de 2009.

aprofundamento da informação depende de roteiros disponibilizados, mas também de escolha pessoais.

4.2.2 Interatividade.

A máxima jornalística nós escrevemos, vocês leem pertence ao passado. Esta afirmativa marca a ação e criatividade dos consumidores de informação como atores midiáticos relevantes na produção de informação jornalística. Palácios (2002, p.3) considera que a notícia *on-line* possuem a capacidade de fazer com que o leitor/usuário sinta-se mais diretamente parte do processo jornalístico e isto pode acontecer de diversas maneiras: pela troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas, através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em *sites* que abrigam fóruns de discussões, através de *chats*, etc. Ressalta que a interatividade ocorre também no âmbito da própria notícia, ou seja, a navegação pelo hipertexto também pode ser classificada como uma situação interativa.

Diante de um computador conectado à internet e ao acessar um produto jornalístico, o usuário estabelece relações com a máquina; com a própria publicação, através do hipertexto; e com outras pessoas —autores ou outros leitores— através da máquina. É um conceito que remete à ideia de que os membros da audiência podem iniciar e desenvolver ações de comunicação, com a mídia e com outros usuários (ALBORNOZ, 2007, p. 54)

Barbosa (2001, p. 3) agrega que a informação digital requer parâmetros e potencializa características de produção, redação, edição e publicação da notícia. Segundo a pesquisadora, sob o paradigma da interatividade, o jornalismo se renova na cibercultura, constituindo uma nova espécie: a do jornalismo *on-line*, que redefine os aspectos da rotina produtiva, circulação, audiência, e a relação com os receptores. Mais a interatividade não fica restrita a uma característica técnica e funcionalmente limitada. Assim, segundo Mielniczuk (2009) ela pode ser compreendida como um dispositivo, algo que marca, condiciona e determina processos que interferem na produção, no produto e na recepção dos *sites* jornalísticos desenvolvidos para a web (MIELNICZUK, 2009, p. 2)

A autora ainda ressalta uma diferenciação entre interatividade e interação, pois defende a ideia de que “(...) a primeira estaria relacionada ao contato interpessoal, enquanto a segunda seria mediada” (2009, p.3). Seguindo essa análise, a interatividade poderia se entender como um tipo de comunicação possível graças as potencialidades tecnológicas que tentam emular interações entre pessoas. Mas, levando em conta o papel do usuário nas reflexões sobre interatividade, Machado expõe o seguinte:

(...) por permitir um armazenamento não linear de informações, o computador possibilita uma recuperação *interativa* dos dados armazenados, ou seja, ele permite que o processo de leitura seja cumprido como um *percurso*, definido pelo leitor-operador, ao longo de um universo textual onde todos os elementos são dados de forma simultânea. Logo, a estrutura hipermídia é considerada interativa por constituir-se em um conjunto de informações (textos, sons, imagens) “(...) ligados entre si por elos probabilísticos e móveis, que podem ser configurados pelos receptores de diferentes maneiras, de modo a compor obras instáveis em quantidades infinitas” (MACHADO, 1997).

A indexação do meio digital permite a acumulação de conteúdo, rompendo os paradigmas organizacionais que o jornalismo criou. Além disso, explica o autor, a *web* oferece um grau de interatividade antes desconhecido. Trata-se de um meio ativo, que requer constante interação com seus usuários, contrastando com a relativa passividade que marca a relação do telespectador, ouvinte ou leitor com os meios tradicionais.

4.2.3 Multimídia

A multimídia é uma das principais características das narrativas das mídias digitais e do jornalismo digital, e é definida sob perspectivas diferenciadas, do ponto de vista técnico-operativo, a partir de reflexões sobre usos e apropriações da linguagem audiovisual e de recursos multimídia, e sobre a convergência das mídias. Mesmo assim, segundo Diaz Noci (2008), a multimídia é pouco investigada, mas pode ser compreendida como a integração digital de diferentes tipos de meios dentro de um só sistema tecnológico. Palácio (2002, p. 3) reafirma essa abordagem ao explicar que no contexto do jornalismo digital, multimídia refere-se à convergência dos usos de linguagens e suportes das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico. A convergência torna-se

possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade. Mas, a convergência também tem uma característica sócio-cultural, como sugere Jenkins (2004, p. 34) porque altera as relações existentes entre tecnologia, indústria, mercados, gêneros e audiências. Contudo, segundo o autor, a convergência nas mídias apresenta riscos no acesso para seu consumo, pois ainda há segmentos da população sem possibilidades de entendimento das suas funcionalidades (JENKINS, 2004, p.35).

De qualquer modo, a multimídia pode ser entendida como o conjunto de ferramentas que convergem num só suporte para a ampliação do espectro da informação com formatos esclarecedores e de novidade. Entre os recursos multimídia mais importantes estão o próprio texto, fotografia digital, vídeos, infográficos e animações digitais (SALAVERRÍA, 2005, p. 42). Já Albornoz (2007, p. 54) acrescenta a multimídia como a possibilidade de integração num mesmo suporte todos os formatos: texto, áudio, vídeo, imagem, gráficos, animações, etc.

4.2.4 Memória

A possibilidade de recuperar conteúdos, assim como a oportunidade de procurar informação armazenada no ciberespaço para a produção de novo material são o resultado da característica de memória no jornalismo digital. Palácios (2002, p.4) argumenta que a acumulação de informações é mais viável técnica e economicamente na *web* do que em outras mídias. Desta maneira, o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao usuário e ao produtor da notícia é potencialmente muito maior no jornalismo *online*, o que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação. Sobre a memória, uma característica ainda discutida no *webjornalismo*, Palácios explica:

A memória no jornalismo na *web* pode ser recuperada pelo produtor da informação, e pelo usuário, através de arquivos *online* providos com motores de busca que permitam cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação). Sem limite de espaço, numa situação de rapidez de acesso e alimentação (instantaneidade e interactividade) e de flexibilidade combinatória (hipertextualidade), o jornalismo tem na *web* a sua primeira forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa. (PALÁCIOS, 2002, p.7)

A memória é considerada um importante avanço para o jornalismo digital e uma vantagem frente a modalidades clássicas de produção de notícias. A acessibilidade à memória reduz os custos, elimina barreiras geográficas e promove uma memória social e coletiva nos sujeitos envolvidos na produção e consumo de informação (MIELNICZUK & BARBOSA, 2005, p. 66).

A partir dessas considerações é possível sintetizar as categorias utilizadas nessa investigação. A **hipertextualidade** é a possibilidade de consumo da informação em ambientes jornalístico - digitais mediante percursos não submetidos a estruturas rígidas e lineares, onde o usuário tem autonomia para determinar o caminho de sua navegação e buscar contextualizações da informação jornalística. A **interatividade** é a troca constante de informação em duas vias no processo de construção e publicação de matérias, revelando os processos de comunicação estabelecidos entre usuário, jornalistas e outros leitores sob a lógica do *feedback*. A **multimídia** é a possibilidade de narração de um fato ou de confecção de uma notícia misturando e combinando a linguagem audiovisual com recursos multimídia, registros sonoros, vídeos ou fotografias. E a **memória** é a possibilidade dos usuários e dos jornalistas acessarem a informação digital (dados, cifras e fotografias) já publicados utilizando ferramentas de busca.

Na análise qualitativa, a inserção da dimensão teórica e metodológica da análise televisual também será fundamental neste percurso num primeiro momento, por meio da aplicação de um conjunto de categorias elaboradas por Becker (2010, p. 118) capazes de oferecer pistas para a compreensão dos processos de significação dos textos audiovisuais noticiosos, o qual corresponde à etapa de descrição das notícias sobre os terremotos do Haiti e do Chile disponibilizadas nos sites estudados que utilizam a linguagem audiovisual e recursos multimídia. São elas: **estrutura narrativa** (organização e ritmo do conteúdo), a **temática**, os **enunciadores** (os atores sociais e as “vozes” do texto) e a **edição** (os elementos que compõem a estética do conteúdo audiovisual, ou seja, como as imagens, o som, a música, os gráficos, e como os cenários são combinados na produção de sentidos).

A análise qualitativa das matérias selecionadas e publicadas no iReport e no NowPublic também está amparada nas referências teóricas da semiologia dos discursos sociais e na análise do discurso, especialmente pelas contribuições de Fairclough (2001) e de Pinto (*apud* Becker, 2005, p.28), que nos permitem compreender de maneira mais clara o processo de construção de sentidos das narrativas jornalísticas. As contribuições do Fairclough (2001) são relevantes para esta investigação porque, segundo o autor, o discurso é um modo e ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros. Ainda mais, o discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Os princípios de enunciação sistematizados por Pinto, por sua vez, sinalizam um caminho de leitura crítica do *corpus* selecionado. São eles: ***Semiose infinita***, que considera que cada significante remete para outro (s) significante (s) nunca atingindo um sentido estável e único; ***economia política***, segundo a qual os fenômenos culturais funcionam sob uma lógica de mercado, ou seja, a lógica da produção, circulação e consumo e ***heterogeneidade enunciativa***, a qual ela se manifesta como ***polifonia***, quer dizer, como vozes que apresentam de forma explícita na superfície textual e como ***heterogeneidade constitutiva***, formada pelo entrelaçamento de citações emigradas de outros textos preexistentes.

Também serão associados ao estudo dos formatos e conteúdos das notícias quatro princípios de enunciação, aplicados primeiramente na análise do telejornal (BECKER, 2005), os quais também podem ser utilizados na análise qualitativa dos conteúdos audiovisuais noticiosos publicados no ciberespaço porque, em acordo com Becker (2009), como as atividades de ver TV e acessar a internet começam a se misturar, as notícias que incorporam a linguagem audiovisual e os recursos multimídia tornam-se híbridas e demandam a utilização de categorias que deem conta dessas mudanças nas investigações de diferentes gêneros jornalísticos. São eles: ***ubiquidade, fragmentação, definição de identidades e valores e dramatização***. A ubiquidade é a sensação de onipresença do consumidor de informação, quem tem a sensação de que pode ver tudo, estar em todo lugar e que não ficará por fora de

nada; a fragmentação, que afirma que cada unidade informativa (notícia) não permite (em geral) que se compreenda o fenômeno noticiado em toda sua complexidade; a definição de identidades e valores, que corresponde à sugestão de que às vezes as marcas enunciativas das mídias não deixam dúvidas quanto à existência de um jornal de ricos de pobres; e a dramatização, que se refere ao envolvimento emocional produzido pela informação como uma montagem cujos procedimentos são semelhantes aos da ficção, enquanto as histórias trazem consolo às experiências humanas. O capítulo seguinte corresponde justamente à análise comparativa quantitativa e qualitativa proposta nesta dissertação.

5. Uma análise comparativa quantitativa e qualitativa

5.1 Descrição do objeto de estudo

O estudo de caso desta pesquisa são as análises quantitativa e qualitativa dos conteúdos publicados no iReport e NowPublic sobre as coberturas jornalísticas dos terremotos do Chile e do Haiti em 2010. Ambos os *sites* realizaram coberturas dos dois terremotos. A análise quantitativa permite identificar as suas durações, ou seja, o período de tempo dedicado a essas coberturas pelos referidos sites, a quantidade de matérias publicadas, a frequência com a qual foram colocadas na Internet após cada acontecimento e os percentuais de utilização de diferentes formatos de notícias.

5.1.1 Extensão e formatos das coberturas

A cobertura jornalística do terremoto do Haiti pelo CNN iReport, prolongou-se por seis meses e dois dias, do dia 12 de janeiro de 2010 até o dia 14 de julho de 2010. Nesse período, foram publicadas 230 matérias no site. A cobertura do NowPublic do terremoto do Haiti teve maior tempo de duração, um total de sete meses, de janeiro de 2010 até agosto de 2010, porém, foi publicado um número bem menor de matérias, um total de 58 notícias sobre esse acontecimento nesse período de análise.

Já no caso da cobertura do CNN iReport do terremoto do Chile, a duração da cobertura foi de dois meses, iniciada no dia 27 fevereiro de 2010 e finalizada no dia 7 de março de 2010. Naquele tempo foram publicadas 72 matérias relacionadas ao fato. A cobertura do NowPublic do terremoto do Chile também foi mais extensa e durou 6 meses, de 14 de janeiro de 2010 até julho do mesmo ano, e foram publicadas 20 reportagens.

O total de 380 matérias publicadas em conjunto entre os dois *sites* e sobre ambos os terremotos foi postado por um total de 152 colaboradores. Isso quer dizer que em média, cada usuário publicou 1,51 matérias. Os conteúdos do iReport sobre os dois terremotos foram publicados por 107 colaboradores, dos quais 63 postaram informações sobre o terremoto do Haiti e 44 sobre o do Chile. As matérias do

NowPublic foram publicadas por 45 colaboradores, 35 publicaram conteúdos sobre o Haiti e 10 sobre Chile.

O total das matérias foi sistematizado em acordo com cada um dos formatos identificados. E o percurso de análise da totalidade de conteúdos publicados permitiu observar a existência de seis formatos distintos. Eles são: *somente texto impresso*, quando a notícia foi divulgada sem o auxílio de material audiovisual ou sonoro; *somente foto*, quando uma única fotografia o grupo de fotografias tenta dar conta da notícia; *somente vídeo*, quando há unicamente material audiovisual; *texto impresso com foto*, *texto impresso com vídeo* e *texto com fotografia e vídeo*. A utilização dos formatos e os percentuais são as seguintes:

Tabela 2. Formatos utilizados no CNN iReport

	CNN iReport			
	Haiti		Chile	
	quantidade	%	quantidade	%
Somente foto	30	13.04	2	2.78
Somente vídeo	5	2.17	3	4.17
Somente texto impresso	0	0.00	0	0.00
Texto impresso com foto	100	43.48	42	58.33
Texto impresso com vídeo	87	37.83	23	31.94
Texto com foto e vídeo	8	3.48	2	2.78
Total	230	100	72	100

Fonte: elaborado pelo autor

Tabela 3. Formatos utilizados no NowPublic

	NowPublic			
	Haiti		Chile	
	quantidade	%	quantidade	%
Somente foto	0	0.00	0	0.00
Somente vídeo	0	0.00	0	0.00
Somente texto impresso	15	25.86	7	35.00
Texto impresso com foto	18	31.03	7	35.00
Texto impresso com vídeo	20	34.48	4	20.00
Texto com foto e vídeo	5	8.62	2	10.00
Total	58	100	20	100

Fonte: elaborado pelo autor

Nas coberturas das duas redes colaborativas o formato das publicações que prevalece é *Texto impresso com foto*. E as matérias constituídas somente com o recurso do vídeo aparecem em menor quantidade nas duas redes. Ambos os meios estudados deram maior espaço à cobertura do terremoto do Haiti. Foi possível verificar também que o iReport deu muito mais espaço de cobertura aos dois acontecimentos do que o NowPublic. É notável a ausência total de matérias no NowPublic publicadas somente com fotografia ou somente com vídeo, enquanto no caso do iReport não foram publicadas reportagens sem a ajuda de algum tipo de auxílio multimídia. Assim, a presença de conteúdos somente com texto é nula.

5.1.2 Frequências das publicações

O período médio de cobertura dos terremotos do Haiti e do Chile das duas redes colaborativas foi de seis meses, embora há uma clara distinção na frequência, pois houve um número maior de publicações nas duas redes sobre os dois terremotos nos primeiros três meses.

Tabela 4. Publicações de conteúdos por mês no iReport

CNN iReport		Haiti	Chile
	Janeiro	183	0
	Fevereiro	20	51
	Março	15	21
	Abril	7	0
	Maio	0	0
	Junho	0	0
	Julho	5	0
	Agosto	0	0
		230	72

Fonte: dados sistematizados pelo autor

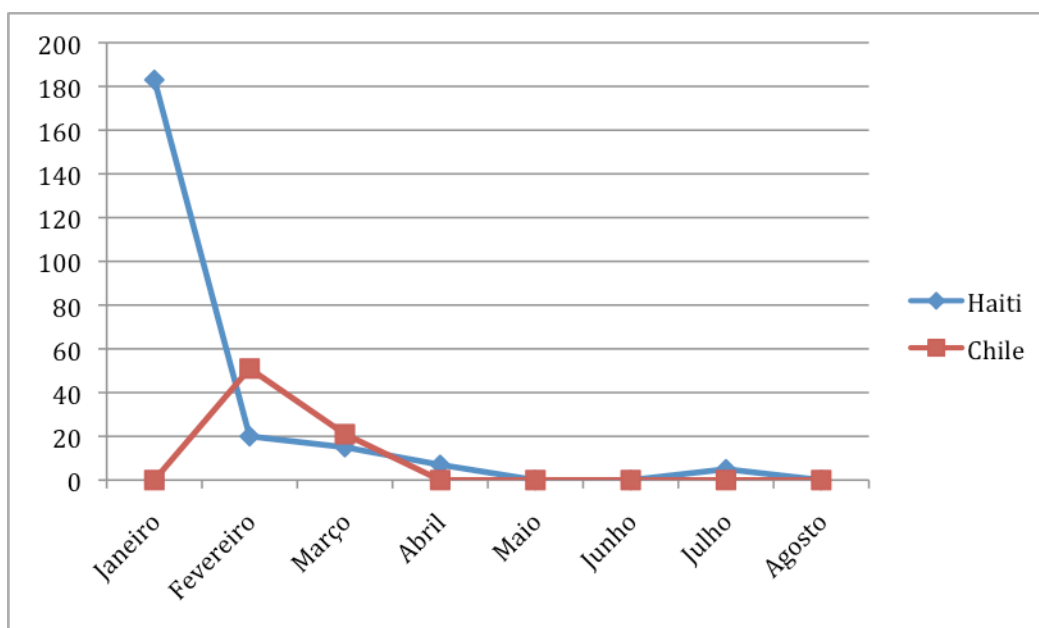


Gráfico 1. Frequência mensal de publicações no iReport sobre os dois terremotos

Na cobertura do iReport sobre o terremoto de Haiti publicaram-se em média 1,26 matérias por dia durante o período de análise. A cobertura do acontecimento chileno correspondeu a 1,20 matérias publicadas por dia no mesmo período investigado. O número de matérias publicado na cobertura do NowPublic sobre o terremoto de Haiti é bem menor, 0,24 matérias por dia durante o período analisado. A cobertura do terremoto de Chile é de 0,16 matérias por dia no mesmo período.

Tabela 5. Média Mensal de Publicação de conteúdos noticiosos no NowPublic

NowPublic		Haiti	Chile
	Janeiro	35	0
	Fevereiro	9	13
	Março	7	6
	Abril	4	0
	Maio	0	1
	Junho	1	0
	Julho	2	0
	Agosto	0	0
		58	20

Fonte: dados sistematizados pelo autor

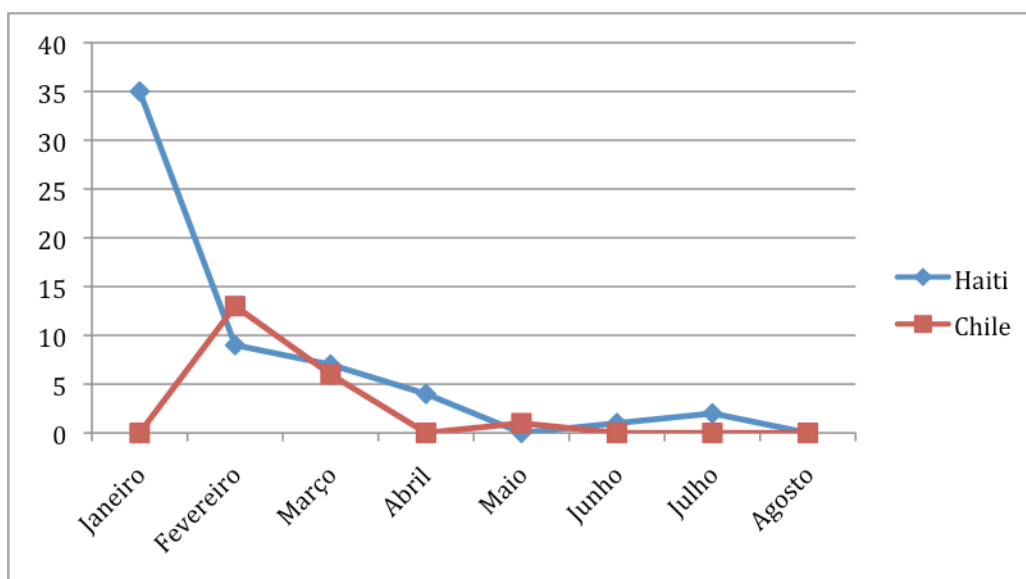


Gráfico 2. Frequência mensal de publicações no NowPublic sobre os dois terremotos

Percebe-se que os a maior quantidade de matérias foram publicadas nos meses nos quais aconteceram os dois terremotos, janeiro (Haiti) e fevereiro (Chile). As linhas do tempo demonstram uma baixa de investimentos na cobertura nos meses seguintes à primeira publicação, e de cada um dos meios são bastante similares.

5.1.3 Texto, fotografia e vídeo

Há expressiva diversidade de abordagens dos conteúdos noticiosos colaborativos de ambas redes disponibilizadas. O tratamento dos dois acontecimentos pelos usuários variam muito, desde de ensaios fotográficos de prédios, casas ou obras publicadas danificadas ou destroçadas pelos terremotos, até notícias sobre campanhas para arrecadar fundos em outros países para os afetados. Como foi explicado, o *corpus* da análise comparativa qualitativa será formado pelos conteúdos com um maior aproveitamento de recursos multimídia. O 4,47 % das notícias no período de 213 dias, entre a primeira publicação em janeiro e a última em agosto contém o formato Texto, fotografia e vídeo. Observa-se também que só é publicada uma matéria por cada a cada 25 disponibilizadas nestes *sites* com o formato *Texto impresso, fotografia e vídeo*, em acordo com a investigação feita. A

escolha do formato *Texto, fotografia e vídeo* se justifica porque o potencial multimídia dos conteúdos com o formato *Texto, fotografia e vídeo* serve como um primeiro filtro para realizar uma análise da qualidade dos conteúdos jornalísticos nas *web*, mesmo que a presença de ferramentas multimídia não garanta melhores conteúdos de qualidade.

5.2 Análise quantitativa

A análise quantitativa das coberturas dos terremotos do NowPublic e do iReport revela algumas semelhanças, porém também diferenças importantes entre os dois sites, especialmente naquilo que se refere à contextualização das narrativas e os modos de uso e organização do material audiovisual na construção das notícias. Foram aplicadas nesta análise quantitativa categorias extraídas dos estudos de jornalismo digital (interatividade, multimidialidade, hipertextualidade e memória), já referidas, as quais permitem observar que cada um dos *sites* constrói seus formatos e conteúdos e transmite os fatos com estratégias diferentes. Os resultados alcançados nesta etapa da investigação a partir da aplicação de cada uma destas categorias são apresentados abaixo.

Assume-se a hipertextualidade como a interconexão dos textos através de *links* e como a possibilidade de —a partir do texto noticioso— fazer *links* para outras notícias ou textos complementares (fotos, sons, vídeos, animações, etc.). A hipertextualidade possibilita contextualizações por meio de informações complementares e de outras matérias relacionadas a um determinado acontecimento, e é expressa de maneiras diferentes em cada um dos sites, independentemente da cobertura considerada.

O iReport prioriza às ligações hipertextuais associadas aos conteúdos publicados no próprio site. Isso se evidencia na quantidade de enlaces que direcionam a navegação do usuários em busca de informações complementares no iReport, um total de 45 *links* divididos de maneira desigual, pois 44 deles se referem a matérias sobre o terremoto do Haiti e apenas 1 ao terremoto de Chile. Disponibilizaram-se em média 4,5 *links* por matéria na cobertura do iReport sobre os

dois terremotos. A potencialidade hipertextual do iReport fica restrita à oferta informativa do próprio *site*, pois apenas um total de 5 *links* levam o leitor para fora do *site* em direção a informações complementares de outras páginas *web*.

O uso da hipertextualidade no o NowPublic tem características diferentes do iReport. Percebemos que de um total de 85 *links* inseridos nas sete matérias que em conjunto representam as coberturas de ambos os terremotos, 39 direcionam o leitor para informações fora do site enquanto 46 direcionam para matérias do próprio NowPublic. No entanto, nota-se que 40 dos 46 *links* estão inseridos e distribuídos numa mesma matéria. Também é curioso observar que daquele total de 85 *links* que ligam os conteúdos com informações complementares, dois levam o leitor a consumir notícias da página da CNN, uma do próprio iReport e a outra da CNN.com. Alguns dos *sites* preferidos pelos redatores das matérias do NowPublic no caso dos terremotos de Haiti e do Chile são páginas web da grande mídia, como a BBC, New York Times, CBS e Daily Telegraph, assim como a sites de agências de notícias como a APF. Também se registram enlaces a sites independentes, tais como o blog The Huffington Post. Em média, o NowPublic disponibilizou 12,1 *links* por matéria na sua cobertura dos terremotos de Haiti e Chile juntos.

Uma das principais semelhanças entre os dois sites é a maneira na qual apresentam conexões ou ligações às notícias complementares ou relacionadas. No caso do iReport, o site não oferece um conjunto amplo de notícias complementares, pois as opções disponíveis exibidas em cada um dos 10 conteúdos disponibilizados são repetidas. No NowPublic a hipertextualidade tampouco garante maior contextualização às notícias porque o site apenas oferece apenas um conteúdo complementar fora da notícia principal exibida na tela.

A multimídia indica as matérias que aproveitam de maneira mais eficiente a linguagem audiovisual e os recursos multimídia para obter resultados mais expressivos sobre a qualidade dos conteúdos disponibilizados. Assim, do total de 380 conteúdos postados, 17 foram selecionados por combinarem em cada uma das unidades informativas material fotográfico e audiovisual. No iReport, um *home* foi criado especialmente como janela de introdução e apresentação da cobertura,

promovendo um determinado percurso de consumo das notícias no *site*. O acervo multimídia das coberturas dos dois terremotos está constituído por 10 vídeos e 44 fotografias. A cobertura de Haiti é formada por oito vídeos e 26 fotografias enquanto a do Chile por dois vídeos e 18 fotografias. Em cada uma das 10 matérias, o material multimídia antecedeu qualquer tipo de introdução ou de narração com texto. Assim, a formato de publicação no iReport restringe qualquer opção de publicação de material multimídia ao longo do texto, com a exceção do começo da matéria.

O material multimídia sobre os dois terremotos publicado no NowPublic não é produzido pelos próprios gerenciadores dos conteúdos. Os 15 vídeos publicados em conjunto somadas às coberturas dos dois acontecimentos já tinham sido publicados anteriormente (e exclusivamente) no YouTube e foram posteriormente postados no relato multimídia dos conteúdos para valorizar e tornar mais atrativas as notícias do site. Verifica-se que o total de vídeos não é propriedade dos produtores de conteúdo do site. As 20 fotografias publicadas no *site* sobre os dois terremotos (12 sobre Haiti e oito sobre Chile) são variadas, pois algumas retratam campos de refugiados enquanto outras funcionam como ilustrações, os mapas de zonas afetadas são exemplos. Enquanto a cobertura do NowPublic privilegiou um uso de um formato de publicação de *texto impresso com vídeo* no caso de Haiti, o iReport investiu na combinação de textos formados por palavras e fotografias. Da mesma forma, percebe-se que nem sempre existe, na cobertura de Haiti ou de Chile em qualquer um dos *sites* estudados, uma associação direta entre a informação oral narrada e o material audiovisual usado.

A categoria interatividade ocupa lugar de destaque na pesquisa proposta no presente trabalho. Temos explicado que no jornalismo digital, a interatividade oferece a possibilidade dos leitores-usuários sentirem-se mais integrados diretamente no processo de criação de conteúdos. Desse modo, sugerimos que no caso das redes jornalísticas colaborativas na web, o grau de interatividade não se constitui como uma característica específica dos conteúdos e sim como uma estratégia utilizada de maneira mais ou menos eficiente para estimular a interação e a colaboração dos usuários. A aplicação da categoria interatividade indica que a totalidade dos

conteúdos colaborativos disponibilizados nas duas redes estudadas foi produzida por usuários cadastrados nos *sites*. Cada uma das matérias vem acompanhada com a identificação do usuário que a publicou, que contem o *nick* de usuário e a data na qual aquele *nick* foi introduzido no *site*. Há certas diferenças entre como a interatividade é expressa no NowPublic e no iReport. Cada um conta com um registro das pessoas que contribuem com conteúdos. No NowPublic, a identidade dos colaboradores vem acompanhada da data de inscrição no site, uma pequena biografia preenchida pelo usuário, um listado das publicações recentes feitas, destacando a mais recente e um *ranking* de usuário, que informa sobre a importância dele no site. Junto com essas informações, aparecem as estatísticas do usuário, que dão conta do número de páginas lidas, matérias publicadas e recomendadas a outros leitores e o número de vezes que foram destacadas no *site*, junto com os comentários postados pelo usuário. O iReport oferece informação semelhante ao NowPublic quando identifica seus colaboradores. A ficha de cada usuário está acompanhada da data na qual aconteceu seu registro no site, o número de “reports” carregados, de seguidores e páginas visitadas, e a quantidade de utilização dos “reports” pela CNN na contextualização de uma notícia no cnn.com.

Nas coberturas do iReport destaca-se a presença dos *Producer Notes*, que consistem em breves comentários de um editor associado do iReport sobre as matérias publicadas, emitindo uma opinião sobre a importância da matéria. Os editores associados não são jornalistas da CNN. São usuários que têm uma experiência maior na publicação de conteúdos, seja por antiguidade ou por número de informações publicadas. No iReport, sete dos 10 conteúdos possuem *producer notes* antes do *lead* de introdução. Nos dois *sites*, a extensão das notícias postadas pelos usuários não segue um padrão uniforme, pois há conteúdos formados por apenas três linhas de texto (acompanhadas pelos recursos multimídia) e notícias que tem mais de 10 parágrafos sem uma relação proporcional de tamanho. NowPublic e iReport contam com a possibilidade de postagem de usuários cadastrados realizar comentários sobre uma matéria específica. No caso das coberturas de Haiti e Chile, 177 comentários foram postados nas matérias referentes aos acontecimentos. Do total, 90 pertencem às matérias no NowPublic e 87 às do iReport. As ferramentas de

busca inseridos no desenho de páginas *web* jornalísticas são uma característica muito recorrente atualmente na *web*, o que é chamado de **memória** nos estudos de jornalismo digital. A maioria dos *sites* de empresas de mídia e de geração de conteúdos jornalísticos têm barras de pesquisa de conteúdos publicados anteriormente, e no caso das redes colaborativas de jornalismo o cenário não é diferente. Tanto o iReport como o NowPublic apresentam motores de busca que permitem pesquisar matérias ou conteúdos já disponibilizados. O próprio estudo proposto nesta pesquisa não seria possível sem a opção da categoria de memória presente nestes *sites* para coleta do material. Sem dúvida, a capacidade da Internet funcionar como um banco de dados é uma das principais características da rede incorporada nas rotinas produtivas do jornalismo digital, conforme discutido na página 61 desta dissertação. As tabelas abaixo expressam uma síntese dos resultados alcançados na análise comparativa quantitativa por meio da aplicação das referidas categorias originárias dos estudos de jornalismo digital.

Tabela 6. Resumo da análise comparativa quantitativa da cobertura do Haiti

	CNN iReport	NowPublic
Hipertextualidade	Há 44 enlaces que direcionam o leitor a matérias do próprio iReport. Disponibilizaram-se em média 5,5 links por matéria na cobertura do terremoto.	Um total de 31 links externos aparecem nos cinco conteúdos, o que significa uma média de 6,2 enlaces por matéria; enquanto 40 enlaces foram disponibilizados para matérias do próprio NowPublic (todos numa matéria única).
Multimedialidade	As matérias com formato texto impresso, fotografia e vídeo representam o 3,48 % do conteúdo noticioso disponibilizados, um total de 8 vídeos e 26 fotografias.	Não há registro sonoros nos relatos que não sejam parte de conteúdos de vídeo. O material multimídia é composto por 12 fotografias e 13 vídeos.
Interatividade	Cinco colaboradores publicaram as 8 matérias e foram registrados 87 comentários dos leitores. O conteúdo de todas as notícias pode ser exportado para as redes sociais como Facebook.	As cinco matérias publicadas foram postadas por cada um dos cinco colaboradores. Cada usuário cadastrado conta com uma identidade no site, é informado sobre a quantidade de matérias publicadas e tem acesso a um histórico dos conteúdos postados.
Memória	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.

Fonte: dados apurados pelo autor

Tabela 7. Resumo da análise comparativa quantitativa da cobertura do Chile

	CNN iReport	NowPublic
Hipertextualidade	Há 1 link que dirige o leitor a matérias do próprio iReport. Não há enlaces à páginas exteriores, fora do site.	Foram disponibilizados oito enlaces para matérias fora do site e cinco para matérias do próprio NowPublic. Alguns dos sites externos para os quais são direcionados o links são: BBC, CBS, AFP e New York Times.
Multimedialidade	As matérias com formato texto impresso, foto e vídeo representam 2,78 % do conteúdo publicado, formado por 2 vídeos e 18 fotografias. Nos relatos das notícias os recursos multimídia antecedem os textos impresso.	O material audiovisual não é produzido pelos próprios gerenciadores de conteúdos do site, pois o YouTube é a fonte dos vídeos. Não há registro sonoros nos relatos que não sejam parte de conteúdos de vídeo.
Interatividade	Os dois conteúdos com formato texto, fotografia e vídeo foram produzidos por um usuário único. As matérias têm ligação direta com conteúdos de redes sociais como Facebook desde cada uma das matérias.	Um só colaborador postou as duas matérias sobre o acontecimento. Cada usuário cadastrado conta com uma identidade no site, é informado sobre a quantidade de matérias publicadas e tem acesso a um histórico dos conteúdos postados.
Memória	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.	A cobertura do acontecimento é totalmente recuperável mediante a opção de busca inserida no site.

Fonte: dados apurados pelo autor

5.3 Análise qualitativa dos conteúdos colaborativos

Abordar e analisar a questão da qualidade dos conteúdos colaborativos é um dos principais objetivos desta pesquisa. E os dados já apurados na análise quantitativa relatados e sintetizados na tabela acima, permitem avançar na análise comparativa qualitativa com maior precisão do *corpus* e observando, especialmente, se os usos da linguagem audiovisual e de recursos multimídia no ambiente digital têm colaborado para uma produção jornalística de maior qualidade, marcada pela diversidade de temas e atores sociais, assim como pela pluralidade de interpretações dos acontecimentos (Becker, 2009), especialmente nas redes colaborativas de conteúdos noticiosos. A inserção da dimensão teórica e metodológica da análise televisual é fundamental neste percurso por meio da aplicação de um conjunto de categorias elaboradas por Becker (2010, p. 118) capazes de oferecer pistas para a

compreensão dos processos de significação dos textos audiovisuais e de princípios de enunciação aplicados primeiramente na análise do telejornal realizada pela autora (BECKER, 2005), os quais também podem ser utilizados na análise qualitativa dos conteúdos audiovisuais noticiosos publicados no ciberespaço, uma vez que as narrativas jornalísticas audiovisuais tornam-se híbridas e demandam a utilização de categorias que deem conta dessas mudanças nas investigações das rotinas produtivas e dos estudos de representações dos acontecimentos por diferentes gêneros noticiosos. Sob essas perspectivas, que permitem um aprofundamento dessa investigação e da reflexão crítica aqui proposta, conforme explicado anteriormente, será realizada em seguida a análise qualitativa do corpus formado pelas 17 matérias, publicadas entre janeiro e agosto de 2010, buscando compreender como iReport e NowPublic construíram suas representações dos terremotos do Chile do Haiti, atribuindo valores a esses acontecimentos.

A análise do *corpus* formado pelas 17 matérias selecionadas (dez do iReport, das quais oito pertencem ao terremoto de Haiti e dois ao do Chile) e sete do NowPublic (cinco de Haiti e dois do Chile), é inspirada na metodologia proposta por Becker (2005, 2010), e realizada por meio da aplicação de quatro categorias (*estrutura narrativa temática, enunciadores e edição*), associadas aos três princípios de enunciação já referidos: dramatização, fragmentação, definição de identidade e de valores, ubiquidade.

Os resultados alcançados são aqui sistematizados. Consiste, portanto, em um estudo das características discursivas das notícias disponibilizadas pelas redes colaborativas iReport e NowPublic, especialmente, das notícias que incorporam a linguagem audiovisual e recursos multimídia. O objetivo desta etapa da investigação é a leitura crítica e a avaliação estética e de conteúdos dos textos noticiosos audiovisuais publicados em ambos os *sites* para saber se as apropriações desses recursos no ambiente digital têm contribuído para a qualidade da prática jornalística e se o jornalismo colaborativo colabora para percepções mais diversas dos acontecimentos, neste caso dos terremotos do Chile e do Haiti.

5.3.1 Temática

A cobertura de ambos os terremotos foi sem dúvida um dos acontecimentos midiáticos mais importantes de 2010. No caso de Haiti, a força destrutiva do terremoto numa das nações mais pobres do mundo significou um “redescobrimento” do país, raras vezes mencionado nas agendas da mídia mundial, pouco conhecido pela comunidade internacional e com um peso político inexistente, enquanto para o Chile, o terremoto significou uma prova de resistência para uma das nações mais prósperas da América Latina.

Contudo, ambos os acontecimentos estiveram marcados por um aspecto em comum: na contemporaneidade os meios de comunicação e a comunidade internacional reagem simultaneamente e em direções muito semelhantes diante de uma problemática econômica e humanitária gerada por um desastre ambiental, nestes casos, pela força destruidora de um terremoto. Na agenda jornalística sobre as consequências dos terremotos de Haiti e do Chile, a cobertura midiática esteve muito marcada por um forte senso humanitário. Os cidadãos afetados, o sentido de comunidade, as relações de interdependência entre os países de diferentes continentes reveladas e estabelecidas, e as missões de resgate e de ajuda social foram eixos temáticos básicos dos discursos sobre esses acontecimentos da mídia, e as redes colaborativas estudadas nesta pesquisa também assumiram essas abordagens em seus relatos. Houve uma clara inclinação para a produção de reportagens e coberturas humanitárias no caso do terremoto de Haiti. Cada uma das matérias dos *corpus* têm uma abertura e uma narrativa marcada pelo espanto e a incredulidade frente à destruição material e moral, como foi expressado nos textos do iReport:

“É difícil ver tudo isto e é muito difícil esquecer. Tomara isto (vídeo) sirva para que nenhum de nós esqueça”. Professor de ciências políticas da Hardin University nos Estados Unidos e voluntário no país. Em: ***Tents & Tarps: Together for Haiti***, publicado no iReport⁶⁴.

⁶⁴ Disponível em: ireport.cnn.com/docs/DOC-403951. Acessado em 1 de fevereiro de 2011.

No mesmo tom, são valorizadas as tarefas de organização conjuntas dos diferentes atores sociais no país:

“... a ajuda não está chegando logo. Acredito que voltaremos pelo menos mais duas vezes para distribuir assistência. É desolador ver tanto sofrimento e tão pouca ajuda após o terremoto”. Chris Hales, voluntário de Nearshore Call Center Services. Em: ***Food and water are not getting to the Haitian people fast enough***, publicado no iReport⁶⁵.

A principal temática das coberturas de cada uma das sete matérias sobre o terremoto de Haiti no iReport é a ajuda humanitária. Porém, nenhum deles concentra-se em relatar informação sobre os efeitos do terremoto em áreas diversas: na economia, na infra-estrutura, e na política, ou em fornecer informações para uma maior compreensão do terremoto como fenômeno/desastre natural revelando as causas, a intensidade. Há certamente uma procura de uma cobertura muito mais próxima aos efeitos destrutivos do terremoto e aos dramas de caráter pessoal ou comunitário, em detrimento dessas informações, costuradas por vozes de autoridades ou oficiais dos governos. No entanto, observa-se ainda que os colaboradores das redes estudadas ainda tendem a exaltar o despreparo e a impotência que sentem os habitantes de Haiti, embora até justificada pelo tamanho da devastação, situação que remete ao princípio de enunciação da “dramatização”. No caso haitiano, a expressiva ajuda humanitária internacional e as estratégias na indústria musical e do entretenimento para gerar dinheiro para ajudar o país foram as principais temáticas escolhidas pelo NowPublic, como na notícia ***Simon Cowell produces Everybody hurts charity single for Haiti***, publicada no NowPublic⁶⁶:

⁶⁵ Disponível em: ireport.cnn.com/docs/DOC-395836. Acessado em 1 de fevereiro de 2011.

⁶⁶ Disponível em: nowpublic.com/culture/simon-cowell-produces-everybody-hurts-charity-single-haiti. Acessado em 1 de fevereiro de 2011.

“O produtor Simon Cowell (American Idol) tem comandado um esforço para captar recursos com a participação de estrelas da música, com o propósito de produzir um single chamado ‘Everybody hurts’...”

Os esforços humanitários como uma linha temática habitual são possíveis de serem identificados também em outros momentos da cobertura, como a notícia ***China first in Haiti, the US second*** também postada no NowPublic⁶⁷ referente à atitude do governo chinês:

“Numa estratégia política surpreendente, o governo chinês superou a quantidade de material de ajuda humanitária disponibilizado pelo governo do Estados Unidos, se tornando-se o maior fornecedor de ajuda às vítimas haitianas do terremoto”.

Esses textos selecionados associados à questão econômica são um exemplo claro de que os discursos midiáticos, inclusive os jornalísticos, funcionam sob uma determinada lógica de mercado de produção, circulação e consumo. As coberturas do terremoto de Haiti e do Chile tiveram eixos temáticos diferentes. O número de matérias publicadas sobre o terremoto no Haiti, um total de sete notícias, foi quase três vezes maior do que as duas notícias sobre o terremoto do Chile publicadas do iReport. A cobertura do terremoto do Haiti priorizou uma abordagem humanitária e o caráter comunitário do acontecimento, a do Chile limitou-se a descrever os impactos através de relatos personalizados sem repercussão social. As duas matérias mostram experiências pessoais de vida de um homem antes, durante e depois do terremoto numa localidade fora da capital, Santiago. São relatos sobre os efeitos do terremoto na própria casa e nos objetos pessoais:

“Nosso estado de depressão inicial foi embora e agora estamos preparados para voltar ao trabalho amanhã. A casa está limpa e quase de volta à normalidade”. Proprietário de uma casa num subúrbio de Santiago⁶⁸. De forma semelhante foi

⁶⁷ Disponível em: nowpublic.com/world/china-first-haiti-us-second. Acessado em 1 de fevereiro de 2011.

⁶⁸ *8 point 5, what the experience was like* foi o título desta matéria publicado no iReport, disponível em ireport.cnn.com/docs/DOC-415917. Acessada em 1 de fevereiro de 2011.

relatada esta outra matéria do dono de uma casa bastante prejudicada pelo tremor também publicada no iReport⁶⁹:

“Logo após do terremoto meu pai caminhou pela casa captando com a sua câmera as consequências. Agora, uma semana depois e após muito trabalho de faxina, ele descreve como o sentiu e da detalhes sobre a destruição. Apenas há pouco tempo a eletricidade voltou, junto com o serviço de telefone e água”:

As temáticas escolhidas na hora de fazer as coberturas sobre os terremotos também foram distintas porque há diferenças nas condições econômicas e sociais no Haiti e no Chile, inclusive no momento do enfrentamento dos terremotos. No entanto, situações de caráter socio-econômico não esgotam ou explicam as razões pelas quais as coberturas dos terremotos dos dois países no iReport sofreram uma escolha temática diferente daquela evidenciada no NowPublic, sobre os mesmo acontecimentos. No caso do NowPublic, não existe uma diferenciação marcada entre as coberturas dos terremotos do Haiti e do Chile, mas o trabalho humanitário nas duas nações é menos acentuado. No tratamento da informação é priorizada uma estratégia de sincronização entre os conteúdos propostos no *site* e a agenda de cobertura, declarações oficiais e referencia a fontes informativas que pertencem à grande mídia. Isso é evidente na constante presença de *links* relacionados às matérias veiculadas pelo NowPublic, que nem sempre ajudam a agregar informações complementares, e são utilizados apenas para detalhar o que não está explicado no corpo da notícia original.

5.3.2 Estrutura narrativa

Um dos maiores desafios das redes colaborativas é disponibilizar a informação de uma forma coerente e de simples entendimento para o leitor, como a redação de textos ou o desenho de interfaces colaborativas, ou seja, páginas

⁶⁹ *Chile quake, 7 days later* foi o título desta matéria publicado no iReport, disponível em ireport.cnn.com/docs/DOC-418388. Acessada em 1 de fevereiro de 2011.

concebidas para serem aproveitadas e editáveis por pessoas sem um conhecimento técnico sobre computação ou *web design*. Enquanto os conteúdos produzidos por profissionais em jornais e revistas certamente sofrem imperfeições estruturais ocasionais, servem de referência para análise dos conteúdos colaborativos criados por escritores ou repórteres amadores. Assim, a própria designação destes conteúdos como informação jornalística é avaliada sob a compreensão de um conjunto de características da redação jornalística que, de modo geral, estruturam as notícias. E, sob essa perspectiva, observa-se que essas características nem sempre são identificadas nos conteúdos noticiosos colaborativos disponibilizados. Muitas vezes há falta de ordem ou de clareza nos relatos ou ainda ausência de algumas regras básicas de estilo nas notícias, como a presença de um *lead* no início do texto.

Os conteúdos que formam o *corpus* desta análise são textos que não têm uma estrutura narrativa rígida, apresentam formatos bastante flexíveis. Há páginas dos *sites* investigados nas quais a publicação de parágrafos não segue nenhuma ordem aparente. Isso não indica, necessariamente, textos ou conteúdos ruins, mas sim supõe uma dificuldade inicial de consumo da informação. É também importante notar que não existe um padrão, requerimento ou regra sobre o tamanho das matérias publicadas, pois enquanto há algumas que não possuem nem um parágrafo com mais de cinco linhas, outras notícias misturam parágrafos longos com outros de apenas três linhas, acompanhados de “pedaços” de textos informativos sem uma sequência lógica capaz de associá-los aos parágrafos anteriores. O princípio da “fragmentação” marca as enunciações das notícias, inclusive nas redes colaborativas, pois dificilmente um texto jornalístico, seja de três linhas ou um relato pouco mais extenso, fornece aos consumidores um panorama amplo na construção de sentidos e significações dos acontecimentos, e, de modo geral, são mais recheados de opiniões do que de fatos, de informações que possa gerar uma compreensão mais ampla e contextualizada dos acontecimentos.

A arbitrariedade na construção de textos é visível no modo de abordar o fato e selecionar um ou outro enfoque, como destacado. Mas, a aplicação desta categoria - Estrutura narrativa, nós permite observar ainda que uma das principais diferenças

das coberturas dos terremotos de Haiti e do Chile não é gerada pela singularidade do fato social em si, porém pelo modo com que cada um dos sites disponibiliza as informações, neste caso, o iReport e NowPublic. Cada rede colaborativa tem uma forma particular de costurar a informação. Enquanto o iReport produz textos desordenados, o NowPublic procura unidades informativas mais tradicionais, com um *lead* introdutório que já abre com a informação mais relevante seguido de um relato mais amplo do acontecimento ao longo do texto. No caso do iReport, há textos que atuam unicamente como legendas do material fotográfico disponibilizado na reportagem, enquanto outros são formados por um só parágrafo:

“Um crucifixo fica de pé entre as ruínas de uma igreja em Port-au-Prince. Vídeo capturado durante a distribuição de água e alimentos que realizamos na cidade, enquanto vimos crianças ficando de olho nas sacolas cheias de comida”. Em: ***Homeless in Haiti***, publicado no iReport⁷⁰.

A políticas de publicação do iReport não demanda a criação de textos com um rigor jornalístico de construção do texto, embora o *site* faça um investimento na edição das matérias que são liberadas para serem disponibilizadas, como será ainda comentado no item 5.3.4. Por causa disso, alguns conteúdos se desenvolvem com uma estrutura narrativa caracterizada por uma mistura de estilos: notícias constituídas por apenas uma frase sem um uso regular de *links* para outros conteúdos associadas ao fato social, breves declarações de autoridades e de personagens de uma determinada matéria, e modos muito personalizados de relatar e abordar os acontecimentos, conforme o exemplo abaixo publicado no iReport sobre na cobertura de Haiti⁷¹ e outras cinco notícias disponibilizadas no *site*⁷²:

⁷⁰ Disponível em: ireport.cnn.com/docs/DOC-396419. Acessado em 1 de fevereiro de 2011

⁷¹ ***Daily Journal from Haiti – Rescue task force*** foi o título desta matéria, publicada no iReport, disponível em: ireport.cnn.com/docs/DOC-396996. Acessada no 1 de fevereiro de 2011.

⁷² As notícias formadas por apenas uma frase e um *link* foram publicadas no dia 1 de fevereiro de 2010 e o último exemplo no dia 30 de janeiro do mesmo ano.

**“A equipe do Resceu Task Force de San Diego, formado por seis pessoas, é uma ONG. Eles viajaram para Haiti – Janeiro 18, 2010. Eu acompanhei a turma no dia 23 de janeiro de 2010. O que está a seguir é o nosso diário”*

**“Rescue Task Force chega em San Diego”.*

<http://www.ireport.com/docs/DOC-402003>

**“Turma de ajuda volta do Haiti”*

<http://www3.signonsandiego.com/news/2010/feb/02/aid-crews-home-from-haiti/>

**“Voluntários locais voltam das ações de ajuda no Haiti”*

<http://www.cbs8.com/Global/story.asp?S=11916118>

**“O chefe da equipe, Darryl Hall, informa, “Preparei as malas e entreguei fornecimentos à turma do Penn – geradores, barracas e medicinas. Compramos mais três geradores de eletricidade, entregados comida a dois postos. 11 horas no aeroporto esperando para pegar um voo para casa”*

**“Com algumas exceções, organizações do governo, contratantes e ONGs lutaram por achar uma direção certa logo após o terremoto no Haiti. Uma das exceções foi a Rescue Task Force. A organização que eu comando, J/P HRO, procura uma estratégia de ação efetiva. Achamos gentileza na equipe de Darryl Hall. Eles estão preparados, têm habilidade e coragem. Todos os elementos para uma resposta de resgate”. Sean Penn.*

É mesmo evidente a arbitrariedade com a qual os colaboradores no iReport agem na hora de publicar seus conteúdos, pois os textos não seguem nenhuma estrutura de redação jornalística. Como explicamos, o NowPublic é diferente, pois as matérias tentam seguir um padrão de redação tradicional, com um relato mais amplo do acontecimento ao longo do texto:

“...com uma estratégia política surpreendente, o governo chinês deixou atrás o governo americano ao ser o primeiro em fornecer primeiros socorros internacionais ao povo haitiano. As forças armadas americanas rapidamente tomaram o comando do aeroporto e da torre de controle, o que poderia ser visto como um ato grosseiro por parte dos americanos caso quisessem restringir a colaboração chinesa no seu continuo trabalho humanitário frente à devastação na ilha: a cooperação deve ser aberta. Enquanto as autoridades têm ficando em silêncio ao respeito da sua ajuda humanitária, o governo americano está tentando de maneira muito visível re escrever a história, esquecendo os seus esforços passados de tentar manter a população haitiana em condições ruins”. Em: ***China first in Haiti, the US second***, publicado no NowPublic⁷³.

5.3.3 Enunciadores

O conjunto de atores sociais e vozes que transitam os conteúdos estudados constituem peças essenciais na construção de sentidos sobre os acontecimentos. Os redatores das matérias, os protagonistas mencionados nelas, como os alunos de uma escola em Lêgoane, epicentro do terremoto no Haiti e as terceiras pessoas às que se fazem referência, como o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, são os componentes recorrentes das enunciações. Em primeiro lugar, há uma grande divisão inicial entre dois grupos de enunciadores nos textos. O primeiro reúne as vozes da ajuda humanitária e denuncia social, sempre originárias de espaços de enunciação não afetados pelos terremotos. Esses depoimentos costuram as narrativas. O segundo grupo é formado por enunciadores não visíveis, a maior deles carentes, porém perceptíveis através das construções discursivas dos redatores e fontes da informação, as mencionadas vozes de ajuda humanitária e denuncia social.

⁷³ Disponível em: nowpublic.com/world/china-first-haiti-us-second. Acessado no 1 de fevereiro de 2011.

A narração das matérias produz uma tensão, uma ruptura referente ao poder de cada um dos grupos. O primeiro constitui seu poder nos discursos das notícias, especialmente por meio da descrição de uma situação em particular inserida na cobertura jornalística. O segundo, formado por aqueles severamente afetados pelos terremotos e em situação de desespero, quase não tem oportunidade de expressar suas próprias experiências. A aplicação do princípio da “definição de identidades e valores” revela como esses cidadãos, e os próprios usuários dos referidos sites, são incluídos, desse modo, em um drama midiático. A notícia ***Tents and tarps: Together for Haiti***, publicada no iReport⁷⁴, é um bom exemplo desse processo:

“A chuva está caindo forte e as pessoas estão precisando refugio para poder começar a reconstrução do seu país e das duas vidas”.

Os depoimentos das pessoas afetadas pelos terremotos nunca são identificados, as vítimas parecem não ter nome, origem, profissão ou idade, parecem não ser gente. Observa-se pouca credibilidade nas fontes selecionadas pelos repórteres para construir os relatos, principalmente porque há ausência de apuração, de um trabalho de campo jornalístico, de investigação. A maioria das matérias não são produzidas por repórteres colaboradores que estão no local do acontecimento, do total de 17 matérias estudadas, apenas duas correspondem a informações apuradas pelos autores das publicações em território chileno ou haitiano. Por isso, há um expressivo excesso de informações extraídas de veículos de mídia tradicional, como Rolling Stone, BBC ou de outras fontes de informação de domínio público como as Cruz Vermelha Internacional ou das Nações Unidas, o que permite questionar a diversidade de vozes e a pluralidade de interpretações, que caracterizam um jornalismo de qualidade, como já referido no capítulo 2. Já no caso do iReport, independentemente da cobertura realizada, há uma grande porcentagem de notícias que contém informações auto-referenciais, disponibilizadas com *links* que remetem

⁷⁴ Disponível em: ireport.cnn.com/docs/DOC-403951. Acessado em 1 de fevereiro de 2011.

para conteúdos do próprio iReport. Embora as redes colaborativas como os grandes conglomerados de mídia promovam uma ilusão de que o usuário do site pode ver tudo e estar presente em todo lugar, em acordo com o princípio da “ubiquidade”, a cobertura jornalística dos terremotos do Haiti e do Chile feitas pelos NowPublic e pelo iReport é pouco diversa, não oferece outros pontos de vista sobre o acontecimentos e matérias contextualizadas.

5.3.4 Edição

Essa categoria nos permite analisar a estética das notícias audiovisuais, ou seja, como os elementos que compõem a narrativa- as imagens, o som, a música, os gráficos, e os cenários, são combinados na produção de sentidos sobre os acontecimentos. Em geral há pouca sincronia entre os componentes audiovisuais, principalmente no caso do material fotográfico, pois não existe nenhum tipo de ligação entre as fotos e os textos que formam uma mesma matéria, o que poderia até resultar em rupturas ou modos de ver o real mais inovadores. Porém, no iReport, as fotografias são publicadas uma após a outra numa sequência ou “barra” multimídia (acompanhada dos vídeos) e só aparecem no começo de cada notícia. Por causa disso, elas não acompanham, ilustram, ou promovem outras perspectivas de compreensão do que é diretamente narrado no corpo da matéria. Da mesma forma, nenhuma fotografia está acompanhada de uma legenda capaz de explicar ao leitor o que está sendo mostrado, enquanto se faz uma exaltação permanente à miséria dos afetados, especialmente no caso haitiano. Isso reafirma o princípio enunciativo da “dramatização”, conforme já comentado. Na cobertura de Chile, as imagens mostram apenas prédios destruídos ou ruas com entulhos. Já no NowPublic, o material fotográfico está espalhado ao longo da matéria, sendo impossível determinar um padrão ou uma característica de publicação de conteúdos imagéticos. Cabe ressaltar que em nenhum dos *sites* existe uma identificação da origem das fotografias, enquanto no NowPublic, além de fotos, existe a recorrência de ilustrações, mapas ou *renders*, ou seja, imagens criadas em computador, geralmente animações digitais, porém também sem uma identificação de suas origens.

Os vídeos disponibilizados também carecem de identificação. No iReport, por exemplo, não há um registro que indique quem produziu as imagens ou a sua origem; enquanto no NowPublic é possível observar essas informações na tela, como explicado anteriormente, quase sempre o site YouTube. Cabe notar que por causa da origem externa dos vídeos postados no NowPublic, há pouca relação entre o que é narrado pelo texto e aquilo que as imagens combinadas com o som e os gráficos apresentam. Mesmo que no caso do iReport os vídeos sejam produzidos pelos próprios gerenciadores da matéria, eles também não apresentam uma associação harmônica entre imagem e texto. O texto corre sem interrupções ou quebras e os vídeos não acrescentam novas informações ao relato, de modo geral os recursos multimídias são utilizados fora do corpo do texto das matérias. E dos dez vídeos postados no iReport sobre os dois terremotos, sete têm algum tipo de narração ou explicação daquilo que está sendo assistido pelo usuário e apenas um deles tem um *stand-up*, ou seja, a presença do repórter em frente a câmera em plano médio apresentando de maneira sintética informações básicas sobre um determinado acontecimento, que funciona como uma introdução da matéria. Os outros três vídeos funcionam como fragmentos visuais de um fato ocorrido.

De fato, o ingresso das redes colaborativas como uma experiência relevante no panorama atual das mídias certamente não poderia ter acontecido sem a tecnologia digital e a apropriação de produtos e de ferramentas de baixo custo por cinegrafistas amadores e cidadãos interessados em se tornarem produtores de notícias. Embora o uso desses dispositivos técnicos já esteja bastante popularizado na atualidade, seus usos não garantem um aperfeiçoamento das práticas jornalísticas, como foi possível verificar nas coberturas realizadas pelas redes colaborativas estudadas dos terremotos do Chile e do Haiti. Apesar disso, a participação dos usuários na construção das notícias provoca sem dúvida uma mudança na mediação jornalística, nas formas de produção de notícia, e um valor maior para as audiências e a sociedade civil. Sugerimos que as redes colaborativas jornalísticas não oferecem exatamente uma produção de notícias de maior qualidade, seu maior valor não reside na difusão de notícias capazes de atribuir outros sentidos aos fatos sociais, mas no seu potencial como instrumento estratégico de comunicação entre pessoas de

diferentes partes do mundo. E esses processos de comunicação que são estabelecidos podem gerar reproduções de valores da mídia massiva ou transformações, como o ativismo social, como será possível observar na análise dos depoimentos do Twitter sobre as coberturas do iReport dos dois terremotos no período de janeiro a agosto de 2010, tema do próximo capítulo.

6. Usos e apropriações dos conteúdos no Twitter

Este capítulo consiste em uma análise das apropriações dos usuários dos conteúdos colaborativos postados pelo iReport sobre os terremotos do Haiti e do Chile por meio de um estudo dos sentidos atribuídos aos acontecimentos estudados pelos usuários, mais especificamente no Twitter, por meio dos comentários disponibilizados sobre essas notícias. A escolha das enunciações veiculadas na cota de twitter do iReport e detrimento do NowPublic deve-se ao fato do NowPublic não contar com registros dos “tweets” publicados logo depois de cada um dos terremotos.

Esta reflexão está amparada nas referências teóricas da semiologia dos discursos sociais e na análise do discurso, especialmente pelas contribuições de Fairclough (2001) e de Pinto (*apud* Becker, 2005, p.28), que nos permitem compreender de maneira mais clara o processo de construção de sentidos das narrativas jornalísticas. As contribuições do Fairclough (2001) são relevantes para esta investigação porque, segundo o autor, o discurso é um modo e ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros. Ainda mais, o discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Afinal, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Ainda segundo o autor, os discursos possuem efeitos construtivos, por exemplo, na construção de identidades sociais e relações sociais entre as pessoas, assim como para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Para Fairclough (2001):

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades e relações sociais, sistemas de conhecimento...) como é, mas também contribui para transformá-la ...É uma hipótese sensata supor que qualquer tipo de aspecto textual é potencialmente significativo na análise do discurso. É uma atividade multidisciplinar e não se pode exigir uma grande experiência lingüística prévia dos seus praticantes, do mesmo modo que não se pode exigir experiência prévia em sociologia, psicologia ou política. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 102)

A prática do discurso envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais e culturais. Nos estudos que tomam o jornalismo como objeto, as contribuições de Fairclough nos permitem compreender relações estabelecidas entre os formatos e conteúdos das notícias associados às rotinas de trabalho e a produção de informação:

Os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos: um artigo de jornal é produzido mediante rotinas coletivas complexas por um grupo cujos membros estão envolvidos variavelmente em seus diferentes estágios de produção – no acesso a fontes, na transformação dessas fontes (frequentemente elas próprias já são textos) na primeira versão de uma reportagem, na decisão sobre o local do jornal em que entra a reportagem e na edição da reportagem (FAIRCLOUGH, 2001, p. 107)

Os princípios de enunciação sistematizados por Pinto, por sua vez, também sinalizam um caminho de leitura crítica do *corpus* selecionado porque sugerem que os modos de leitura do texto também contribuem para a construção de sentidos dos acontecimentos. São eles: *Semiose infinita*, que considera que cada significante remete para outro (s) significante (s) nunca atingindo um sentido estável e único; *economia política*, segundo a qual os fenômenos culturais funcionam sob uma lógica de mercado, ou seja, a lógica da produção, circulação e consumo e *heterogeneidade enunciativa*, a qual ela se manifesta como *polifonia*, quer dizer, como vozes que apresentam de forma explícita na superfície textual e como *heterogeneidade constitutiva*, formada pelo entrelaçamento de citações emigradas de outros textos preexistentes.

Compreende-se, assim, que a análise do discurso associada à inserção da dimensão teórica e metodológica da análise televisual é aqui reafirmada como um poderoso recurso para estudar as construções de sentidos dos acontecimentos, tanto pela produção, quanto pelos usuários. Afinal, como propõe Becker (2010) os sentidos finais das notícias também resultam das leituras dos textos feitas pelos usuários e pelos telespectadores (BECKER, 2010, p. 120), ou seja, das informações, conhecimentos e interpretações da realidade social, apreendidos através dos *mass media*, quanto das experiências em ‘primeira mão’, pessoal e diretamente vividas

pelos indivíduos. Assume-se, portanto, como propõe a autora, a importância do estudo das mediações simbólicas exercidas pelos meios de comunicação de massa por meio de práticas sociais de produção de textos, os quais assumem um lugar dinâmico nesses processos de comunicação e de significação do mundo (BECKER; 2005, p. 27-28). E sob essas perspectivas realizamos essa reflexão sobre os depoimentos dos usuários no Twitter sobre as coberturas do iReport dos dois terremotos no período de janeiro a agosto de 2010.

As informações no Twitter são constituídas por frases curtas por causa da restrição da quantidade de letras (140 caracteres), e essa prática tem criado um modo de transmitir notícias diferente. As enunciações geradas têm algumas características como a simplicidade dos textos e o uso de gírias e poucas palavras para aproveitar o espaço. O estudo dos usos e as apropriações dos conteúdos sobre ambos os terremotos na conta iReport apresenta peculiaridades sobre o modo como os usuários produzem sentidos sobre os acontecimentos a partir de conteúdos noticiosos disponibilizados nas redes colaborativas e também sobre novas características dos relatos jornalísticos na *web*. Como já referido, o percurso da análise do conteúdo e da estética da narrativa jornalística no Twitter está também amparado pelos postulados sistematizados por Pinto (*apud* Becker, 2005, p.28), assim como nas contribuições sobre a influência do discurso do Fairclough (2001, p. 90), os quais ajudam a entender a dinâmica da produção e do consumo. A circulação de informação sobre ambos os terremotos foi iniciada imediatamente após a publicação de notícias sobre cada um dos na rede e os *tweets* foram disponibilizados pelo próprio iReport. Observe abaixo algumas das três primeiras mensagens publicadas sobre o terremoto do Haiti, que aconteceu no dia 12 de janeiro de 2010:

Figura 1. Exemplos de postagens sobre o terremoto de Haiti



Os *tweets* sobre o terremoto de Haiti pela conta do iReport foram publicados diariamente do dia 12 de janeiro de 2010 até o dia 27 do mesmo mês, com exceção dos dias 23 e 24 quando as mesmas não foram registradas. Houve um total de 76 *tweets* disponibilizados no período de janeiro até agosto de 2010, o mesmo período de análise escolhido na etapa da análise qualitativa e quantitativa. É importante verificar que 74 dos 76 *tweets* foram postados em janeiro, enquanto dois foram publicados em junho, seis meses após o terremoto. No mês em que a maioria de mensagens foi postada, os terremotos do Haiti e do Chile não foram os principais destaques. Os acontecimentos de maior repercussão nesse período foram: o Superbowl XLIV, o informe do presidente Obama à nação, o clima de inverno nos EUA e o lançamento e fama do iPad nesse país. No caso chileno, a conta do iReport gerou 19 *tweets*, 17 publicados em fevereiro, mês do terremoto. A maioria destas mensagens, um total de 12 *tweets*, foi publicada no dia 27 de fevereiro, data em que aconteceu o terremoto. Apenas dois dos 19 *tweets* foram postados em março. Seguem abaixo quatro exemplos das postagens sobre o terremoto chileno:

Figura 2. Exemplos de postagens sobre o terremoto de Chile



Tal como aconteceu na etapa de análise qualitativa, o volume de informação produzida e veiculada no assunto haitiano é maior do que no chileno. Porém nos dois casos evidencia-se que a geração de *tweets* sobre diferentes temáticas, todas relacionadas com os terremotos, é conjuntural, pois não há um seguimento das coberturas dos terremotos através de *tweets* nas semanas ou meses seguintes. Portanto, no caso das coberturas de Haiti e Chile, o Twitter foi usado para transmitir informações num prazo de tempo curto e imediatamente após as catástrofes. Mas, como foi aproveitada esta ferramenta na divulgação dos acontecimentos estudados? Quais as estratégias enunciativas adotadas nas mensagens veiculadas? Quais aspectos foram mais valorizados nas postagens? Elas trazem novas informações ou são apenas reproduções de conteúdos noticiosos anteriormente publicados? Há um gênero jornalístico particular promovido por tecnologias de *micro-blogging* como essa?

No Twitter, a veiculação de informações sobre os terremotos de Haiti e do Chile teve uma dinâmica de produção e recepção de mensagens bastante variável. Um primeiro olhar revela que no caso haitiano os textos breves e curtos estiveram associados aos efeitos devastadores do terremoto, os quais agravaram as condições

de pobreza já existente no país, e ao desespero da população para encontrar a familiares ou para conseguir doações de água e alimentos. “Palavras-chave” como “apoio”, “ajuda”, “busca” ou “desesperação” são recorrentes nos textos estudados. No caso do Chile, as mensagens destacaram os efeitos dos terremotos no cotidiano das pessoas. Em outras palavras, os sentidos dos acontecimentos foram construídos por abordagens e repertórios muito personalizados revelados nos relatos de experiências e avaliações pessoais do acontecimento, como aprofundaremos mais para frente.

As diferenças temáticas nas postagens de *tweets* sobre cada acontecimento são imediatamente percebidas graças aos *hashtags*(#), símbolos que aparecem antes de uma palavra-chave em cada mensagem para mostrar ao leitor qual *Trending Topic* está sendo promovido na rede. Por exemplo, #terremotohaitiano é um *hashtag* que categoriza a temática veiculada no *tweet* para uma busca e leitura mais efetivas das mensagens postadas sobre este acontecimento. Aqui cabe notar que nos *tweets* sobre o terremoto haitiano, o *hashtag* mais recorrente foi #haitimissing (pedidos em Haiti), enquanto no caso chileno, #chilequake foi o mais popular. É por meio da observação dessas características de formatação das mensagens, é possível observar quais foram alguns dos aspectos mais valorizados na geração de *tweets*. No Haiti, a busca de pessoas perdidas e a necessidade de informações sobre centros de ajuda e socorro foi uma das questões mais referidas pelos usuários, em acordo com o exemplo abaixo:

“Se você está procurando familiares no Haiti, pode ligar para o Centro de emergências do Departamento de Estado americano no telefone 1800-407-4747 #haitimissing” Postado 13 de janeiro.

É importante explicar que os *tweets* têm propósitos diferentes, independentemente do terremoto que foi tratado. Alguns deles são informam ou comentam uma situação específica (neste último caso, sobre pessoas perdidas no Haiti), enquanto outros são textos que levam o leitor a se interessar pela leitura de outras matérias disponibilizadas em um *site*, neste caso, do próprio iReport, como este exemplo:

*“Terremoto de magnitude 8.8 atingiu perto de Concepción, Chile. Você o sentiu? #cnnireport”*⁷⁵.

Neste caso, o *tweet* leva o leitor à página principal do iReport, onde ele poderá começar um percurso de leitura e de consumo das matérias publicadas no site do iReport sobre o terremoto. No entanto, a maioria de *tweets* são textos curtos que tentam estimular o interesse do leitor por uma matéria mais longa que o *tweet* faz referência, gerada pela mesma empresa de mídia, neste caso iReport ou CNN iReport, como já referido, e em acordo com o exemplo abaixo:

*“@chrismorrow capturou um bom vídeo de uma equipe de resgate encaminhada a #haiti. Ouça eles falar sobre seus esforços humanitários”*⁷⁶.

O exemplo seguinte indica como o Twitter ou os *tweets* representam as atribuições de sentidos dos usuários sobre os acontecimentos estudados, os quais não tem como distinguir de imediato as diferenças entre os conteúdos jornalísticos na internet, sejam eles de redes colaborativas ou não, e as informações transmitidas apenas em comentários, opiniões e, inclusive, em boatos que circulam no ciberespaço. Desse modo, questiona-se se o Twitter é uma forma nova de fazer jornalismo, em acordo com Pedro Aguiar (2011):

“...o "jornalismo twitter" pode habilmente elaborar, colaborar e ainda acelerar o processo de midiatização na sociedade, mas dificilmente trabalha pela mediação entre os diferentes atores, indivíduos e pedaços do mundo, que continuam separados por desertos de desigualdades econômicas – que, de virtuais, não têm nada”⁷⁷

⁷⁵ Postado no dia 27 de fevereiro e disponível em: on.cnn.com/crVy1o. Acessado em 15 de fevereiro de 2011.

⁷⁶ Postado em 18 de janeiro. Disponível em: bit.ly/59YvWh. Acessado no dia 15 de fevereiro de 2011.

⁷⁷ Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=522ENO001>.

Acessado em 13 de fevereiro de 2011.

Se dificilmente o Twitter pode ser, pelo menos no seu estágio atual de evolução, considerado como uma forma inovadora de jornalismo digital, representa um novo modo de distribuição e consumo de informação pelos leitores nas telas dos seus computadores. É claro que no caso das coberturas que o iReport realizou dos terremotos de Haiti e Chile, o Twitter serviu como um instrumento de alerta sobre os efeitos imediatos dos terremotos (destruição, insegurança, perigo nos espaços públicos, etc.). Porém, além da discussão sobre a sua natureza ou função na comunicação jornalística atual, suas apropriações revelam que o Twitter já se constitui em um ambiente de mediação dos conteúdos informativos derivados das coberturas dos *sites*, o qual expressa a valorização do público de determinados acontecimentos em detrimento de outros, ou de aspectos específicos das notícias publicadas.

Como já explicamos, a análise do discurso proposta por Fairclough (2001) e os princípios sistematizados por Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 28-30) ampararam a análise das enunciações geradas no Twitter. Em primeiro lugar porque os discursos, como sugere Fairclough (2001) são práticas sociais e os sentidos sobre os acontecimentos são resultantes dos modos como as redes colaborativas, os portais jornalísticos, e os usuários produzem e interpretam às notícias, como foi possível observar na análise dos *tweets* sobre os terremotos disponibilizados pelo iReport, em acordo também com o postulado da “Heterogeneidade Enunciativa” sistematizado por Pinto (*apud* Becker, 2005, p. 29), o qual “colabora para compreensão dos fenômenos da comunicação, relativizando o poder da mídia frente à uma hegemonia do receptor” (Becker, 2005, p.29), e revelando que todo o discurso é constituído por diferentes vozes explícitas diretamente ou não no texto.

Em segundo lugar, porque verifica-se que a sequência de publicação de *tweets* sobre os terremotos de Haiti e Chile pelo iReport, assim como as notícias de outras fontes de informação da grande mídia ou das redes colaborativas, está restrita às decisões ou escolha dos *community managers*, as pessoas responsáveis por disponibilizar os *tweets* do iReport. E a intervenção dos usuários na sequência de postagens está restrita ao *retweets*, quando um *follower* recircula um *tweet* que

considere interessante. Ainda assim, em acordo com outro postulado de Pinto (*apud* Becker, 2005, p.28), o da “Semiose Infinita”, os *tweets* sobre os terremotos de Haiti e Chile são textos abertos que nunca atingem um sentido único e final em si mesmo, e quase sempre remetem o leitor a outros textos informativos. Em geral, é possível identificar o uso dos *tweets* como formas de vinculação de conteúdos previamente editados, publicados e comentados como parte de uma matéria maior com os *followers* do *site*. Os *tweets* são, portanto, enunciações que dirigem os leitores a matérias anteriormente publicadas, como aconteceu neste exemplo:

*“iReporter captura caos momentos depois do terremoto no Haiti”*⁷⁸.

Neste caso, o *tweet* direciona o leitor a uma matéria publicada em página da *web* do próprio iReport, na qual foi postada um vídeo sobre os efeitos do terremoto em uma rua de Port-au-prince apenas horas depois do terremoto. Da mesma forma, no caso chileno, *tweets* como o exemplo abaixo levaram os leitores a consumir uma matéria composta somente de material fotográfico em forma de *slideshow*, imagens acompanhadas de textos bem curtos:

*“Nas suas palavras: testemunha do terremoto. De uma olhada nestas incríveis fotografias e depoimentos”*⁷⁹.

Como os conteúdos noticiosos disponibilizados nas redes colaborativas, a análise revela que nas enunciações dos *tweets* há um persistente apelo à “dramatização” e ausência de referências a informações jornalísticas mais contextualizadas, conforme este exemplo:

*“Vídeo de um acampamento no #haiti onde o ator Sean Penn está organizando trabalho de ajuda”*⁸⁰.

⁷⁸ Postado no dia 14 de fevereiro de 2010. Disponível em: bit.ly/4ZsOvO. Acessado em 14 de fevereiro de 2011.

⁷⁹ Postado no dia 28 de fevereiro de 2010. Disponível em: on.cnn.com/9ILOPt. Acessado em 14 de fevereiro de 2011.

Nota-se ainda que o princípio da “fragmentação” está também presente em todas as enunciações pela própria natureza reduzida, curta e incompleta das mensagens. Nesse sentido, as contribuições de Pinto (apud Becker, 2005,p.29) ainda são relevantes porque a compreensão e a verificação do Postulado da Economia Política do Significante sistematizado pelo autor nesta investigação nos permite constatar que a disputa de sentido, ou melhor, a supremacia na construção do sentido dominante, se dá no e pelo discurso (Becker, 2005, p.29), em uma determinada lógica de produção, circulação e consumo de informação. Observe este exemplo:

“@chrismorrow American Airlines stand firm on bag policy for Haiti rescue workers”⁸¹.

Ainda que os *tweets* sejam por si mesmos uma expressão da seleção e da interpretação de conteúdos noticiosos realizada pelos leitores, muitas mensagens contém frases exatamente iguais as matérias nelas comentadas, apresentando uma relação muito direta entre os sentidos das enunciações postadas no Twitter e das notícias veiculadas nos portais jornalísticos e nas redes colaborativas sobre os mesmos acontecimentos.

⁸⁰ Publicado no dia 26 de janeiro de 2011. Disponível em: bit.ly/6uo7OH. Acessado em 14 de fevereiro de 2011.

⁸¹ Publicado no dia 20 de janeiro de 2010. Disponível em: bit.ly/5zpPjG. Acessado em 14 de fevereiro de 2011.

7. Considerações finais

O principal objetivo desse estudo foi analisar como a cultura de produção de informação no ciberespaço em formação e as redes colaborativas, mais precisamente o iReport da CNN e o NowPublic, têm influenciado as práticas jornalísticas na *web*. E foi possível alcançar por meio da análise comparativa quantitativa e qualitativa dos formatos e conteúdos das notícias e dos depoimentos dos usuários seis resultados aqui sistematizados.

Em primeiro lugar, a análise comparativa realizada nos permitiu identificar que as redes colaborativas estão estruturadas sob uma lógica de produção de informação que coexiste com as rotinas produtivas dos *sites* da grande mídia, mas dificilmente deverão substituí-las, principalmente porque os seus modos de geração de conteúdos ainda são limitados, uma vez que não resultam de um trabalho de campo e de uma apuração consistentes e criteriosos capazes de oferecer abordagens distintas de um determinado fato na construção da notícia. Essa constatação foi possível porque a pesquisa buscou verificar na análise das coberturas dos terremotos do Haiti e do Chile pelo iReport e pelo Now Public, se a produção de conteúdos noticiosos colaborativos que incorporam a linguagem audiovisual e recursos multimídia indicavam maneiras diferentes e mais diversas de representar as realidades sociais locais e globais, contribuindo para um jornalismo de maior qualidade não submetido às estruturas hierárquicas, às temáticas e às abordagens da mídia massiva e tradicional.

O percurso da investigação indicou que a produção de informações jornalística nas redes colaborativas jornalísticas corresponde mais a uma ansiedade discursiva do que a busca de fontes ou temáticas novas, observando-se, inclusive, a persistente recorrência de informações, conteúdos e formatos extraídos das temáticas ou das agendas das grandes empresas de mídia. Embora as redes colaborativas efetivamente costurem seus conteúdos através do envolvimento de novos atores midiáticos, elas ainda não garantem um jornalismo de maior qualidade. Por esta razão, em acordo com a hipótese deste trabalho, foi possível observar que os conteúdos noticiosos audiovisuais colaborativos não têm garantido um

aperfeiçoamento das práticas jornalísticas, o que corresponde ao segundo resultado aqui alcançado, ressaltando-se ainda que há uma carência de habilidades dos usuários para a produção de notícias que investem na multimídia.

No entanto, observa-se como um terceiro resultado que as redes colaborativas jornalísticas analisadas conseguem estimular o interesse do público para publicação de conteúdos, e têm um grande potencial a ser desenvolvido como ambientes inovadores de produção de conteúdos jornalísticos de qualidade, ou seja, temáticas mais inventivas, inserção de fontes e de depoimentos de atores sociais mais diversos, e maior cuidado na redação e no uso dos recursos multimídia. Sem dúvida, a inserção de pessoas comuns nas rotinas produtivas tem constituído novos processos de produção, circulação e consumo de informações, os quais geram propagação instantânea de notícias e novos tipos de experiências de interação na vida social, expressos especificamente no Jornalismo na participação dos cidadãos na construção de notícias e no ingresso de conteúdos colaborativos na *web*, o quarto resultado da investigação, os quais demandam novos estudos porque reconfiguram a prática jornalística e a sua mediação, e constituem-se como questões relevantes e complexas, as quais este trabalho não tem qualquer pretensão de dar conta de modo pleno.

Esse estudo também aponta como um quinto resultado importante que as redes colaborativas jornalísticas já funcionam como espaços de debates sobre os principais acontecimentos do mundo e de socialização de conhecimentos, e como fontes primárias de informação para matérias jornalísticas contextualizadas, ainda que alcance grupos sociais relativamente restritos.

Os acontecimentos referentes aos desastres naturais são abordados através de textos que fornecem aos leitores mais informações sobre os esforços humanitários e sobre a ajuda da comunidade internacional, do que uma cobertura e uma percepção mais ampla dos acontecimentos. Por isso, a compreensão de que o volume de informação veiculado sobre desastres naturais é formado, principalmente, por textos com propósitos humanitários foi o sexto e último resultado alcançado nesta pesquisa.

Acreditamos que há muito a ser estudado sobre a produção de conteúdos colaborativos na rede, seja ela jornalística ou não. Num futuro próximo parece inevitável a introdução da lógica e dos pressupostos da Web 3.0 na nossa cotidianidade, introduzindo um novo paradigma na relação semântica entre os computadores, programadores e usuários. Assim, os atuais estudos certamente são importantes para compreender a contínua evolução das mídias e da prática jornalística. Esse trabalho procura ser uma contribuição, fornecendo algumas respostas sobre as características e o desenvolvimento dos processos de produção de conteúdos noticiosos colaborativos, aqui compreendidos como fenômenos culturais relevantes na contemporaneidade.

8. Referências bibliográficas

ALBORNOZ, Luis. *Periodismo digital. Los grandes diarios en la red*. Ediciones La Crujía, Madrid, 2007.

ALSINA, Miguel. *La construcción de la noticia*. Paidós, Barcelona, 2005.

ALVES, Rosental. *Jornalismo digital: 10 anos de web... e a revolução continua*. Revista do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, v. 9-10, 2006.

ANTOUN, Henrique. *A web 2.0 e o futuro da sociedade cibercultural*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2 – 6 setembro de 2008.

_____, Henrique. *Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 16, dezembro de 2001.

BALDESSAR, Ma. José; ANTUNES, Michel; ROSA, Gabriel. *Hipertextualidade, multimídia e interatividade: 3 características que distinguem o jornalismo on-line*. In: III Simpósio Nacional da AbCiber. São Paulo, 16-18 de novembro de 2009.

BARBOSA, Suzana. *Jornalismo on-line: dos sites noticiosos aos portais locais*. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande, setembro de 2001.

BARDOEL, Jo. *The internet, journalism and public communication policies*. Sage publications, Londres, 2002.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. *We Media. How audiences are shaping the future of news and information*. The Media Center at the American Press Institute, Reston, 2003.

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal. Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. E-Papers, Rio de Janeiro, 2005.

_____, Beatriz. *Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção*. Estudos em jornalismo e mídia. Vol. 6, No. 2, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/11336>. Acesso em: 27 de junho de 2010.

_____, Beatriz. *Uma experiência de leitura de mídia: do mito da imagem ao diálogo televisual*. Cadernos de Letras (UFRJ), v. 26, p. 110-124, 2010.

_____, Beatriz; CARVALHO LIMA, Marcos Henrique. *Ame ou deixe o ciberespaço*. Estudos em jornalismo e mídia, Ano IV, Col. 4, No. 2. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewArticle/5822>. Acesso em: 8 de agosto de 2010

_____, Beatriz; TEXEIRA, Juliana. *Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço. As experiências das redes colaborativas*. Revista Famecos,

Vol. 1, No. 40, 2009. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316>.
 Acesso em: 3 de outubro de 2010

CANAVILHÃS, João Messias. *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*. In: I Congresso Ibérico de Comunicação da Universidade da Beira Interior, Portugal, 2004.

CARDOSO, Gustavo. *A mídia na sociedade em rede*. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

_____. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2000.

DE FLEUR, M.L.; BALL-ROKEACH, S.J. *Teorias de La comunicación de masas*. Paidós Comunicación, Barcelona, 1998.

DEUZE, Mark. *O jornalismo e os novos meios de comunicação*. Revista Comunicação e Sociedade, São Paulo, Vol. 9-10, 2006.

_____, Mark; BRUNS, Alex; NEUBERGER, Christoph. *Preparing for an age of participatory news*. Journalism practice, Bloomington, 29 de março de 2007. Disponível em: <http://snurb.info/files/deuzebrunsneuberger2007.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2010.

_____, Mark, BARDOEL, Jo. *Network journalism: converging competences of media professionals and professionalism*. Australian Journalism Review, Sydney, v. 23, p. 91-103, 2001.

DIAZ NOCI, Javier. *Definición teórica de las características del ciberperiodismo: elementos de la comunicación digital*. Doxa Comunicación, Barcelona, 2008.

_____, Javier; SALAVERRÍA, Ramón. *Manual de redacción ciberperiodística*. Ariel Comunicación, Barcelona, 2003.

DYER-WITHEFORD, Nick. *Cyber Marx: Cycles and circuits of struggle in high technology capitalism*. University of Illinois Press, Chicago, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Editora UNB, Brasília, 2001.

Fontcuberta, Mar de; BORRAT, Héctor. *Periódicos: sistemas complejos, narradores y interacción*. Editorial La Crujía, Buenos Aires, 2006.

HEWITT, Hugh. *Blog*. Thomas Nelson Brasil, Rio de Janeiro, 2007.

JENKINS, Henry. *The cultural logic of media convergence*. International Journal of Cultural Studies, Londres, v. 7., 2004.

JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001.

KRÜGER, Karsten. *El concepto de la sociedad del conocimiento*. Geo Crítica, Barcelona, v. 11, outubro de 2006.

LANDOW, George. *Hipertexto 2.0: La convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Paidós, Barcelona, 1997.

LÖFFELHOLZ, Martin, WEAVER, David. *Global journalism reserach. Theories, methods, findings, future*. Blackwell Publishing, Oxford, 2008.

MACHADO, Elias. *O Ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Editorial Calandra, Florianópolis, 2007.

_____, Elias (Org.), PALÁCIOS, Marcos (Org.). *O ensino de jornalismo em redes de alta velocidade. Metodologias e software*. EDUFBA, Salvador, 2007.

MARQUES DE MELO, Jose. *Teoria do jornalismo. Identidades brasileiras*. Paulus, São Paulo, 2006.

MALINI, Fabio. *Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma analise a partir dos portais de jornalismo participativo*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, setembro de 2008.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. The MIT Press, Boston, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Os exercícios do ver*. SENAC, São Paulo, 2001.

MATTELART, Armand. *Historia de la sociedad de la información*. Buenos Aires, Paidós Comunicación, 2002.

MCLUHAN, Marshall. *Comprender los medios de comunicación. Las extensiones del ser humano*. Paidós, Barcelona, 2009.

MIEL, Persephone; FARIS, Robert. *News and information as digital media come of age*. Berkman Center for Internet and Society at Harvard University, Cambridge, 2008.

MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Dissertação (Doutorado em Comunicação) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

_____, Luciana e Suzana BARBOSA. *Digital Journalism. Democratizing social memory*. Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo SBPJor, 2005

PALÁCIOS, Marcos. *Jornalismo on-line, informação e memória: apontamentos para debate*. In: Jornadas de Jornalismo online da Universidade da Beira Interior, Covilhã, 12 - 22 de junho de 2002.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. Editora Contexto, São Paulo, 2005.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador*. Comunicação, Cibercultura, Cognição. Editora Meridional, Porto Alegre, 2007.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Editora Sulina, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Carla (Org.). *Jornalismo on-line: modos de fazer*. Editora PUC, Rio de Janeiro, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. *Hipertexto periodístico: mito y realidad*. In: III Congreso Internacional Comunicación y Realidad. Facultad de Ciéncies de la Comunicació Universitat Ramón Llull, Barcelona, 2005.

SCHUDSON, Michael. *New Technologies and not-so-new democracies*. Medie Kultur - Journal of media and communication research, No. 40.

SHOEMAKER, Pamela. Entrevista. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo SBPJor, novembro 10 de 2009. Disponível em: <http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?p=10017>. Acesso em: 15 de outubro de 2010.

SIEGEL, Lee. *El mundo a través de la pantalla*. Urano Publishing, Miami, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Editora Vozes, Petrópolis, 2008.

TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. *Wikinomics. How mass colaboration changes everything*. Penguin Publishing, New York, 2007.

TEIXEIRA, Juliana Fernandes. *Perspectivas e desafios para a pesquisa de um jornalismo globalizado*. ECO-Pós, v.12, n.3, setembro-dezembro 2009, p. 219 - 227

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo Volume II. A tribo – uma comunidade interpretativa transnacional*. Editora Insular, Florianópolis, 2006

TRÄSEL, Marcelo. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias*. UNIRevista, v. 1, n. 3, julho de 2006.

VAZ, Paulo. *Consumo e risco: mídia e experiência do corpo na atualidade*. Revista Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, v. 3, 2006.

VIZEU, Alfredo. *Jornalismo Colaborativo: a experiência das redes*. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal, 2 – 6 setembro de 2008.

ZELIZER, Barbie. *Taking journalism seriously: News and the academy*. Sage publications, Londres, 2004.

9. Anexos

9.1 Conteúdos publicados com o formato Texto, fotografia e vídeo.

9.1.2 Matérias do iReport sobre o terremoto de Haiti

Título: *David Blaine works his magic for Haiti in Times Square (NYC).*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-391619

Multimídia: Um vídeo seis fotografias.

Data de publicação: Janeiro 15 de 2010

David Blaine Works His Magic For Haiti in Times Square (NYC) – CNN iReport 04/01/11 16:37

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL

Sign up Log in

SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion iReport Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

David Blaine Works His Magic For Haiti in Times Square (NYC)

January 15, 2010 | New York City, New York | [Vetting explained](#)

Posted by: [JoyfulGypsy](#)

Viewed 313 times

CNN producer note

JoyfulGypsy told me, "When I got there, there must have been 30 people crowding around."

-hanks, CNN iReport producer

iReport —

Illusionist David Blaine started working his magic for Haiti Friday morning, January 14, 2009.

Blaine began three days of non-stop magic tricks at 9 a.m. to raise awareness and money for victims of the earthquake. Blaine will be doing sleight of hand card tricks around the clock for anyone who wants to stop by and be amazed at Military Island on 43rd Street and Broadway in Times Square, New York City.

For more information on how to donate, please visit his website at: www.davidblaine.com.

Tags: haiti, photo, club, ireport_for_cnn, travel, earthquake, photography, ireport, david, blaine, new_york

Posted in Assignment: [Haiti earthquake aftermath](#)

Recommend Be the first of your friends to recommend this.

Comments (8) [Log in to comment](#)

iReport welcomes a lively discussion, so comments on iReports are not pre-screened before they post. See the [iReport community guidelines](#) for details about content that is not welcome on iReport.

What is iReport?

Share Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss Join the conversation on the day's big issues.

Be heard The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath

CARE bring relief in HAITI
Sunday, August 1

JOHNNYCOLT
In this episode of LIFE ADDICT... Entap... Via travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour, CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen
Tuesday, July 27

MiaLopez
To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home is where the heart is," is one of the mottos that resonate on every episode of...

Safe Water Brings Hope For Deaf IDP Camp
Thursday, July 22

Título: *Food and water are not getting to the Haitian people fast enough.*

Disponível ireport.cnn.com/docs/DOC-395836

Multimídia: Um vídeo e nove fotografias.

Data da publicação: Janeiro 19 de 2010

Food and water are not getting to the Haitian people fast enough! - CNN iReport

04/01/11 16:39

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

Close

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL



Sign up | Log in

SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Food and water are not getting to the Haitian people fast enough!

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.

January 19, 2010 | Port-Au-Prince, Haiti | [Vetting explained](#)



Posted by:
Nearshore

Viewed 507 times
Shared 5 times
Last updated: January 19, 2010



CNN producer note

Nearshore described the scene in Haiti as 'unimaginable.'
- **hanks**, CNN iReport producer

iReport —

This past Saturday, January 16th a group of us from Nearshore Call Center Services located in the Dominican Republic took a big enclosed truck of food, water, clothes, and medicine that we bought and collected from our employees. We were amazed that the Hospital (Haitian Freres Community Hospital in Port-au-Prince) that we took the boxes of medicine to had hardly any medical supplies. There were many patients outside the hospital because there was no room inside.

As we continued through the streets of Port-au-Prince we were surprised that we didn't see any trucks handing out food and water for the 4 hours we were in the streets of Port-au-Prince. At our first stop to deliver rationed bags of food, water, and clothes at a small park which was now a makeshift camp of homeless we met with the mayor of Port-au-Prince to help us with the logistics. Despite his help and providing us with a few Haitian police officers the long lines quickly turned into a rush of shoving and fighting out of desperation. We had to stop and close our doors and leave. The next two stops we made were in less populated areas of Port-au-Prince where we would just pull up a street, stop and open our doors. Lines quickly formed and people seemed to come out of nowhere to get food and water. The saddest part is that at each stop we simply didn't have enough to feed everyone in the line. The disappointment and frustration could be seen on their faces as we left.

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI

Sunday, August 1



JOHNNYCOLT

In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour. CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen

Tuesday, July 27



MiaLopez

To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home

Título: *Airline stands firm on bag policy for Haiti rescue workers.*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-395940

Multimídia: Um vídeo e uma fotografia.

Data da publicação: Janeiro 19 de 2010

Airline stands firm on bag policy for Haiti rescue workers – CNN iReport

04/01/11 16:40

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL



Close

Sign up | Log in

SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Airline stands firm on bag policy for Haiti rescue workers

January 19, 2010 | San Diego, California | [Vetting explained](#)



Posted by:
ChrisMorrow

Viewed 48,159 times
Shared 149 times
Last updated: January 21, 2010



CNN producer note

ChrisMorrow has been updating on the task force's situation for much of the week. American Airlines Director of Corporate Communications Martha Pantin told her, 'Our temporary policy is certainly not designed to harm those seeking to take supplies in. But the reality is that Santo Domingo, Puerto Plata and Santiago are the only operating airports in the area we serve that are relatively close-by to Haiti. Accordingly, our flights in and out of Santo Domingo are extremely full with passengers. As a passenger airline, with very full flights and the normal allowed complement of passenger's checked bags, there is essentially no room on the aircraft for additional bags and supplies beyond the bags that every passenger is allowed. Putting such supplies onboard and in the cargo hold could prevent other passengers from taking the luggage and bags they are entitled to. Supplies are best shipped through relief agencies with cargo planes or through one of the normal shipping services. This relief organization is not the only one which we have been unable to accommodate under the policy I described above. We are also working with the Department of Defense to provide possible charter flights directly into Haiti in the coming days – and while there are likely to be emergency supplies onboard those flights, there will not be regularly scheduled passengers and the DoD will control what goes onto the flights they have chartered.'

- **hhanks**, CNN iReport producer

iReport —

This is a follow-up to Rescue Task Force to Haiti
<http://www.ireport.cnn.com/docs/DOC-394578>

While commercial air travel to the Dominican Republic and airlift to Haiti is the only viable way for most American aid workers to get where they need to be, airlines are setting firm limits on the bags they're permitted to bring—even if that means leaving medicines

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI

Sunday, August 1



JOHNNYCOLT
In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour. CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen

Tuesday, July 27



MiaLopez
To the Producers of Extreme

Título: *Homeless in Haiti.*


Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-396419

Multimídia: Três fotografias e um vídeo.

Data da Publicação: Janeiro 20 de 2010

Homeless in Haiti - CNN iReport 04/01/11 16:44

Not from the U.S.? Click here to go to our international version Close ✕

SWITCH TO: [CNN INTERNATIONAL](#) 


CNN iReport

Home Video NewsPulse **U.S.** World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Homeless in Haiti


January 20, 2010 | Port-Au-Prince, Haiti | [Vetting explained](#)



Posted by:
Nearshore

Viewed 1,086 times
Shared 14 times

Recommend Be the first of your friends to recommend this.



CNN producer note

[Nearshore](#) described the scene in Haiti as 'unimaginable.'
- [hhanks](#), CNN iReport producer

iReport —
Crucifix still stands amid ruins of church in Port-Au-Prince

Video shot during food and water distribution stop that we did in Port-Au-Prince. Watching the kids go through the care bags.

Chris Hales


Tags: [haiti](#), [earthquake](#)
Posted in Assignment: [Haiti earthquake aftermath](#)

Recommend Be the first of your friends to recommend this.

Comments (3)

iReport welcomes a lively discussion, so comments on iReports are not pre-screened before they post. See the [iReport community guidelines](#) for details about content that is not welcome on iReport.

[Log in to comment](#)



MVitsaint
January 21, 2010

Bayard123, I understand stop are being made of have any stops been made at 191 Monseigneur Guilloux near Riel Cameau or La Lue ask around the ppl will tell you how far it is....Im afraid help hasnt gone there yet my father, grandmothe and aunt are there and need medical assistant. Last text from

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.


iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has [vetted](#) only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI
Sunday, August 1

NOT VETTED BY CNN




known as Carrefour. CARE has...

JOHNNYCOLT

In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen
Tuesday, July 27

NOT VETTED BY CNN



MiaLopez

To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home is where the heart is," is one of the mottoes that resonate on

Título: *Daily Journal from Haiti – Rescue task force.*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-396996

Multimídia: Um vídeo e uma fotografia.

Data da publicação: Janeiro 21 de 2010

Daily Journal from Haiti – Rescue Task Force – CNN iReport

04/01/11 16:46

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

Close

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL

CNN iReport

Sign up Log in

SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion iReport Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Daily Journal from Haiti - Rescue Task Force

January 21, 2010 | Haiti | [Vetting explained](#)



Posted by:
ChrisMorrow

Viewed 5,656 times
Shared 18 times
Last updated: April 15, 2010



CNN producer note

ChrisMorrow documents the story of a rescue team leaving from San Diego to venture through Haiti. It's done in a daily journal format to track their progress, starting January 18.
-nsaidi, CNN iReport producer

iReport —

This Rescue Task Force Team of 6 from San Diego is a (NGO) Non-Government Organization. The Team left for Haiti - January 18, 2010. I joined their team January 23, 2010. This is our daily journal.

February 1, 2010 - Monday

Rescue Task Force arrives in San Diego
<http://www.ireport.com/docs/DOC-402003>

Aid crews home from Haiti
<http://www3.signonsandiego.com/news/2010/feb/02/aid-crews-home-from-haiti/>

Local volunteers return from helping in Haiti
<http://www.cbs8.com/Global/story.asp?S=11916118>

January 31, 2010 - Sunday

Dr. Finegan on HLN
<http://www.cnn.com/video/#/video/ireports/2010/02/01/finegan.haiti.cn>

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI

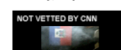
Sunday, August 1



JOHNNYCOLT
In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour. CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen

Tuesday, July 27



MiaLopez
To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home

<http://ireport.cnn.com/docs/DOC-396996>

Página 1 de 7

Título: *If it rains we will die!*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-399266

Multimídia: Três fotografias e um vídeo.

Data da publicação: Janeiro 26 de 2010

If it rains we will die! - CNN iReport

04/01/11 16:47

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

Close

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL

Sign up | Log in



SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

If it rains we will die!

January 26, 2010 | Port au Prince, Haiti | [Vetting explained](#)



Posted by:
HaitiMission

Viewed 345 times
Shared 3 times

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.



CNN producer note

HaitiMission provides continual updates on the situation in Port-au-Prince and surroundings.
-nsaidi, CNN iReport producer

iReport —

US soldiers and humvees surround the entrance to the Salvation Army on Delmas 2 in Port au Prince. A line of Haitians moves through the back entrance of the walled property and exits through the front gate. They are each given a small box of food.

Outside a Haitian man, grateful for the food, explains, "Thousands of children are living without shelter on Delmas 2, if it rains they will die!" Today the skies over the city of two million Haitians affected by January 12's massive quake are ominously dark. Rain is on its way.

All over Port au Prince tent cities in side streets, city parks, parking lots, front yards have become a home for Haiti's innumerable homeless possibly 500,000 people.

Medical care, food and water are still the priority in the country ripped apart by a massive 7.0 earthquake. The approaching rainy season moves shelter to first place.

Tags: [haiti](#), [earthquake](#)

Posted in Assignment: [Haiti earthquake aftermath](#)

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI

Sunday, August 1



known as Carrefour. CARE has...

JOHNNYCOLT

In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen

Tuesday, July 27



every episode of...

MiaLopez

To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home is where the heart is," is one of the mottos that resonate on

Título: *Graduation day for Haitians.*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-403030

Multimídia: Um vídeo e uma fotografia.

Data da publicação: Fevereiro 5 de 2010

Graduation Day for Haitians – CNN iReport

04/01/11 16:48

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

Close

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL



Sign up | Log in

SEARCH

Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Graduation Day for Haitians

February 5, 2010 | Haiti | [Vetting explained](#)



Posted by:
ChrisMorrow

Viewed 138 times
Shared 5 times

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.



CNN producer note

ChrisMorrow recently returned from Sean Penn's camp in Haiti. More on her trip [here](#).
- **hhanks**, CNN iReport producer

iReport —

January 30, 2010 was Graduation Day for over 200 Haitians. They completed Dr. Finegan's leadership training called the **ABCD's of Hope**.

Dr. Finegan talks more about this program on HLN
<http://www.cnn.com/video/#/video/ireports/2010/02/01/finegan.haiti.cn>

Why crayons are important
<http://www.ireport.com/docs/DOC-400168>

"The hard work of the Haitian people will make the difference.", says Dr. Finegan

ABCD's of Hope

A

- + **Addressing** not avoiding feelings & problems (expressing emotion)
- + **Assertive** behavior (How & why are you feeling)
- + **Anger** Management (Deal with people without anger)
- + Take defensive **action** (Act quickly positive)
- + **Acceptance** (Use what is available. What happened today will not happen everyday. Could happen anywhere.)

B

- + **Broader** meaning perspective
- + **Broader** time perspective
- + **broader** perspective

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI

Sunday, August 1



JOHNNYCOLT

In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour. CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen

Tuesday, July 27



MiaLopez

To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home is where the heart is," is one of the mottos that resonate on

Título: *Tents And tarps: Together for Haiti.*



Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-403951

Multimídia: Um vídeo e duas fotografias.

Data da publicação: Fevereiro 6 de 2010

Tents and Tarps: Together for Haiti – CNN iReport 04/01/11 16:49

Not from the U.S.? Click here to go to our international version Close


SWITCH TO: [CNN INTERNATIONAL](#)   Sign up | Log in [SEARCH](#)

Home Video NewsPulse **CNN** U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

[iReport Home](#) [Upload](#) [Assignments](#) [iReports](#) [iReporters](#) [Blog](#) [Map](#) [My iReport profile](#)


Tents and Tarps: Together for Haiti

February 6, 2010 | Searcy, Arkansas | [Vetting explained](#)

 Posted by: **severett**

Viewed 75 times
Shared 1 time

[Recommend](#) Be the first of your friends to recommend this.



iReport —
College students in Searcy, AR have come together to send desperately needed shelter in the form of tents and tarps to the survivors of the earthquake in Haiti. The rains are coming and people need shelter so they can begin to rebuild their country and their lives. 200 tents have already been delivered while even more are on their way.


Tags: [haiti](#), [earthquake](#)
Posted in Assignment: [Haiti earthquake aftermath](#)

[Recommend](#) Be the first of your friends to recommend this.

[Log in to comment](#)

Comments (1)

iReport welcomes a lively discussion, so comments on iReports are not pre-screened before they post. See the [iReport community guidelines](#) for details about content that is not welcome on iReport.

 **severett**
February 6, 2010 [www.tentsandtarps.org](#) [Report violation](#)

What is iReport?

Share
Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.


Discuss
Join the conversation on the day's big issues.

Be heard
The best iReports get vetted and used on CNN platforms.


iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on
Haiti earthquake aftermath »

CARE bring relief in HAITI
Sunday, August 1

 **JOHNNYCOLT**
In this episode of LIFE ADDICT... We travel to visit a CARE psychosocial program in the area of Haiti known as Carrefour. CARE has...

Extreme Makeover: Haiti Edition - If you believe it will happen
Tuesday, July 27

 **MiaLopez**
To the Producers of Extreme Makeover: Home Edition, "Home is where the heart is," is one of the mottos that resonate on every episode of...

9.1.3 Matérias do iReport sobre o terremoto de Chile

Título: *8 point 5, what the experience was like*




Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-415917

Multimídia: Um vídeo e nove fotografias.

Data da publicação: Março 3 de 2010

8 point 5, what the experience was like - CNN iReport 04/01/11 16:52

Not from the U.S.? Click here to go to our international version Close


SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL   Sign up Log in 

Home Video NewsPulse **U.S.** World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

8 point 5, what the experience was like

March 3, 2010 | Santiago, Chile | [Vetting explained](#) Recommend Be the first of your friends to recommend this.

 Posted by: **Gwoodhams**

Viewed 623 times
Shared 61 times
Last updated: March 4, 2010


CNN producer note
Gwoodhams told me, "The earthquake had passed and it was too dark to inspect the damages (after the power cut) so we had to wait till dawn before doing the rounds."
-hhanks, CNN iReport producer

iReport —
I was born in England of a British father and a Chilean mother. At the age of 13 we went to live in Chile where I stayed for 15 years before returning to London in search of work opportunities. My parents and brother still live in Chile.

Early Saturday morning I was woken with the news of the Chilean Earthquake and will desperately trying to contact my family I searched for information on the internet. My Mum got through a couple of hours later and was able to let me know the whole family was fine. We later lost contact and I didn't hear directly from them until Monday evening (phone lines are cut off and mobile communication is poor at best, they also had no power or water). On Monday I was able to get more information of the state of things. Apparently in Chicureo where they live on the outskirts of Santiago the quake was felt harder than in central Santiago. Although the damage they suffered was far less than that perceived down south it was substantially more than most houses in Santiago.

Today I received an email from my Dad with his accounts of the disaster along with videos and photos of the aftermath...

The Big One 8.5 plus
It was early Saturday morning when I heard the words – earthquake!! Normally when Jesus says this I would turn over and



What is iReport?

Share Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.	Discuss Join the conversation on the day's big issues.	Be heard The best iReports get vetted and used on CNN platforms.
--	--	--

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has **vetted** only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on
Earthquakes in Chile »

Chile Earthquake 6.4 magnitude moments ago
Wednesday, May 5

NOT VETTED BY CNN **alliebeth**
Moments ago there was an earthquake in Chile near Tarapaca of a Magnitude 6.4 on the Richter Scale. Blackouts reported in northern Chile...

Government Accountability / Responsabilidad Gubernamental
Saturday, April 10

NOT VETTED BY CNN **anmb1**
Edificios colapsados en Santa Cruz, VI Region, Chile / Coordinadas GPS: S 34° 37' 44S / W 71° 21' 02W / Elev.

Título: *Chile Quake; 7 days later.*

Disponível: ireport.cnn.com/docs/DOC-418388

Multimídia: Um vídeo e nove fotografias.

Data da publicação: Março 10 de 2010

Chile Quake; 7 Days Later - CNN iReport

04/01/11 16:53

Not from the U.S.? Click here to go to our international version

Close

SWITCH TO: CNN INTERNATIONAL

Sign up Log in

SEARCH



Home Video NewsPulse U.S. World Politics Justice Entertainment Tech Health Living Travel Opinion **iReport** Money Sports

iReport Home Upload Assignments iReports iReporters Blog Map My iReport profile

Chile Quake; 7 Days Later

March 10, 2010 | Santiago, Chile | [Vetting explained](#)



Posted by:
Gwoodhams

Viewed 515 times
Shared 19 times

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.



CNN producer note

Gwoodhams told me, 'The earthquake had passed and it was too dark to inspect the damages (after the power cut) so we had to wait till dawn before doing the rounds.'
- **hanks**, CNN iReport producer

iReport —

My family live on the outskirts of Santiago, Chile. Last week they were hit by an 8.5 magnitude earthquake causing complete devastation down south. The situation in Santiago was no quite so serious but none the less people were very shaken up and lots of damage was caused.

Immediately after the quake my Dad toured the house filming the effects of the quake (you can see his video and photos at <http://www.ireport.com/docs/DOC-415917>)

Now, a week later, and after much clearing up, he describes what it felt like and goes into the detail of destruction perceived. Only recently have they regained electric power, phone lines, water and other services. In the video he explains what was destroyed and what has since been fixed, as well as detailing how it has been these past 7 days, the images detail certain things he points out in the video as they were on the day of the quake.

Tags: [earthquake](#), [reconstruction](#), [chile](#), [hawaii](#), [destruction](#), [tsunami](#)
Posted in Assignment: [Earthquakes in Chile](#)

Recommend

Be the first of your friends to recommend this.

What is iReport?

Share

Tell a story, offer an opinion, say what's important to you.

Discuss

Join the conversation on the day's big issues.

Be heard

The best iReports get vetted and used on CNN platforms.

iReport is a user-generated section of CNN.com. The stories here come from users. CNN has [vetted](#) only the stories marked with the "CNN" badge. [MORE...](#)

Part of complete coverage on

Earthquakes in Chile »

Chile Earthquake 6.4 magnitude moments ago

Wednesday, May 5



NOT VETTED BY CNN

alleebeth

Moments ago there was an earthquake in Chile near Tarapaca of a Magnitude 6.4 on the Richter Scale.

Blackouts reported in northern Chile...

Government Accountability / Responsabilidad Gubernamental

Saturday, April 10



NOT VETTED BY CNN

anmbr1

Edificios colapsados en Santa Cruz, VI Región, Chile /
Coordenadas GPS: S 34°
37.449° / W 71° 21.062° / Elev.

9.1.4 Matérias do NowPublic sobre o terremoto de Haiti.

Título: *China first in Haiti, the US second*

Disponível: nowpublic.com/world/china-first-haiti-us-second

Multimídia: Um vídeo e uma fotografia.

Data da publicação: Janeiro 16 de 2010

SAVE 50% OR MORE ON TEXTBOOK RENTAL
Fast Delivery or In-store Pickup • Free Return Shipping
[Click to Rent Now](#)

Search [Go](#) [Sign In](#) [Join NowPublic](#)

NowPublic
Crowd Powered Media

Home Help Newsroom Forum Member Ranking Tools [TrueMors](#)

Local World Culture Environment Tech & Biz Health Style Sports Strange

Featured Tags: Afghanistan Canadian Politics Crime Gay Rights Haiti Earthquake India

World

OPINION **China first in Haiti: the US second**
by [peter.reardon](#) | January 16, 2010 at 05:30 pm

Share: [Twitter](#) [Facebook](#) [LinkedIn](#) [Google+](#)

5 Foods to never eat :
Cut down a bit of stomach fat every day by never eating these 5 foods. [▶ Never eat](#)

1606 views | 39 Recommendations | 12 comments

Get Published!

[I want to write something](#) [I've got photos and video](#)
[Tell me how to get published](#)

peter.reardon
Victoria, British Columbia, Canada
Author [Twitter](#) [Facebook](#) [LinkedIn](#) [Google+](#)
[See peter.reardon's recent stories](#)

Photos

peter.reardon on the politics behind humanitarian aid to Haiti:

In a surprisingly deft political move the Chinese government outflanked the American government by providing the first foreign-aid to Haitian earthquake victims.

American armed forces quickly took control of the airport and its control tower and it might be seen to be somewhat churlish of the Americans if they attempted to restrict the Chinese 'aid-volunteers' from providing supplies in its continuing support with its humanitarian work to the earthquake devastated island nation: Co-operation must be seen to be taking place.

While the Chinese authorities are keeping modestly silent in their humanitarian work the American administration is loudly re-writing history, or attempting to do so. Disregarding past attempts by the US to keep the Haitian people in a permanent state of impoverishment.

"What You're Not Hearing about Haiti (But Should Be)" published in CommonDreams January 14, 2010; Carl Lindskoog wrote about the devastating social and humanitarian pain of earlier, less humanitarian interference in the tiny island country.

It may startle news-hungry Americans to learn that these conditions the American media correctly attributes to magnifying the impact of this tremendous disaster were largely the product of American policies and an American-led development model [here](#)

On the other hand China brings other agenda behind the inscrutable smile of benevolence: the desire for land; for agriculture, manufacturing, and dominance of a society already used to domination by American controlled politicians. Haiti would also be compatible with China's other land purchases in some Latin American countries.

However, there appears to be an irony according to Antoaneta Bezlova writing for Inter Press Service News Agency [IPS](#) regarding the nervousness of the US about China's growing footprint across Africa:

Videos

John Bolton on Chinas Aid to Haiti
sourced by [Live Paschen](#) [see larger video](#)

More from Examiner.com

Blue Man Group: A comedy and rock show all in one
January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

Promising medications in treating borderline personality
January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion
January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

Prince - what a legend...
January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

Philadelphia Soul sign QB Ryan Vena
January 3, 2011 - Philadelphia Soul Examiner

powered by [examiner.com](#)
the number source for local

NowPublic on Facebook

[Sign Up](#) Create an account or [log in](#) to see what your friends like.

NowPublic on Facebook
[Like](#)

[NowPublic](#)

Título: *Simon Cowell produces Everybody Hurts charity single for Haiti.*

Disponível: nowpublic.com/culture/simon-cowell-produces-everybody-hurts-charity-single-haiti

Multimídia: Um vídeo e três fotografias.

Data da publicação: Janeiro 22 de 2010

Search Sign In | Join NowPublic

[Home](#) [Help](#) [Newsroom](#) [Forum](#) [Member Ranking](#) [Tools](#) [TrueMors](#)
[Local](#) [World](#) [Culture](#) [Environment](#) [Tech & Biz](#) [Health](#) [Style](#) [Sports](#) [Strange](#)
 Featured Tags: [Art](#) [Celebrity](#) [chile miners](#) [Glenn Beck](#) [Hollywood](#) [IWD](#) [LeBron James](#)

Culture

Simon Cowell Produces Everybody Hurts Charity Single for Haiti
 by Paulette Sedgwick | January 22, 2010 at 03:53 am Share:

[Charitable Donations](#)
 Adonation to Operation Smile will transform a child's life. Give now!
[OperationSmile.org/Donations](#)

353 views | 47 Recommendations | 3 comments

Simon Cowell has instigated a fundraising effort that will gather music stars to produce a single called "Everybody Hurts" released later this month.

The all-star rendition of R.E.M.'s "Everybody Hurts" will be available for download Sunday, February 7th, and features Mariah Carey, Leona Lewis, Susan Boyle, Rod Stewart, Jon Bon Jovi and Miley Cyrus. Cowell's version sticks close to the *Automatic For the People* original with all the stars involved each singing a line from the R.E.M. classic.

An unprecedented army of famous faces has been amassed for the Hope For Haiti Now show. More than 40 TV channels across the globe will air the "telethon."

“ Simon Cowell said, "I hope to bring together the world's biggest names to raise millions for the quake-torn Caribbean country. I will get a record out within seven to 10 days.”

Source: [rollingstone.com](#)

Prime Minister Gordon Brown has vowed to waive VAT on UK record sales to maximize donations.

"Everybody Hurts" aims more for a British audience than an American one, as several contestants from Cowell's U.K. shows like *The X Factor* and *Britain's Got Talent* make appearances, including Joe McElderry and *X Factor* judge Cheryl Cole, and members of Brit boy bands Take That, JLS and Westlife. Rounding out Cowell's crew are Mika, Kylie Minogue, James Morrison, Michael Buble and James Blunt.

Producers Quincy Jones, Lionel Richie and RedOne rounded up 100-plus stars in a Los Angeles studio for a re-recording of "We Are the World" that will also raise money to help those struck by the earthquake in Haiti. So far, the entertainment industry has helped raise \$64 million thanks largely to the "Hope For Haiti Now" telethon.

Get Published!

[I want to write something](#) [I've got photos and video](#)

[Tell me how to get published](#)

Paulette Sedgwick
 Tamworth, Staffordshire, United Kingdom
 Author

See Paulette Sedgwick's recent stories ▶

More from Examiner.com

Edu Con Conference 2.3 in Philadelphia January 28-30, 2011
 January 3, 2011 - Philadelphia Early Childhood Education Examiner

Blue Man Group: A comedy and rock show all in one
 January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

Promising medications in treating borderline personality
 January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion
 January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

Prince - what a legend...
 January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

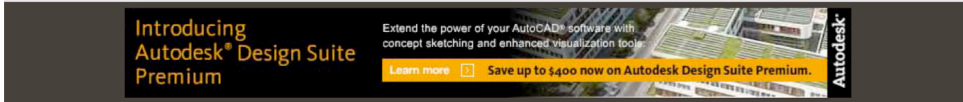
powered by examiner.com
 the insider source for local

Título: *Haiti Earthquake: Port au Prince shattered by 7.0 tremblor.*

Disponível: nowpublic.com/world/haiti-earthquake-port-au-prince-shattered-7-0-tremblor

Multimídia: Um vídeo e duas fotos.

Data da publicação: Janeiro 13 de 2010





[Home](#) [Help](#) [Newsroom](#) [Forum](#) [Member Ranking](#) [Tools](#) [TrueMors](#)

[Local](#) [World](#) [Culture](#) [Environment](#) [Tech & Biz](#) [Health](#) [Style](#) [Sports](#) [Strange](#)

Featured Tags: [Afghanistan](#) [Canadian Politics](#) [Crime](#) [Gay Rights](#) [Haiti Earthquake](#) [India](#)

Haiti Earthquake: Port au Prince Shattered by 7.0 Tremblor

by [Karl Gotthardt - albertacowpoke](#) | January 13, 2010 at 03:18 am

Share: [Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Google+](#)

[Emergency Management](#)
Earn an Emergency Management Degree Online at AMU. Learn More & Enroll.
www.AMUAPUS.edu/EmergencyMgmt


Ads by Google

1682 views | 64 Recommendations | 22 comments

Get Published!

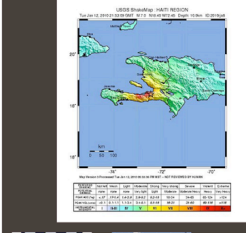


[I want to write something](#) [I've got photos and video](#)

[Tell me how to get published](#)



See Karl Gotthardt - albertacowpoke's recent stories

Photos

Videos

Raw Earthquake Aftermath; Haitian streets 'lined with bodies'

sourced by [Karl Gotthardt - albertacowpoke](#) [see larger video](#)

A powerful **earthquake, magnitude 7.0, hit Haiti just before 5pm ET** on Tuesday. The earthquake **caused a major disaster** for the poorest nation in the hemisphere. It has been called a disaster of major proportions. According to [CBS/AP](#), Three Million Haitians have been affected by the quake.

According to [AFP](#) the collapse of the UN Headquarters killed the mission chief. AFP believes no one survived in the building. This was confirmed by CBC Newsnet. At least 15 peacekeepers from Jordan, Brazil and China have also been killed.

Communications were all but non-existent and scores of dead lay in the streets and rubble of the troubled nation. The country **will require major relief efforts to restore it to normalcy.**

Structures crumbled, including a major hospital in the capital. **UN headquarters was also destroyed.** Non Government Organizations (NGOs) will have a **big job on Wednesday morning to assess the damage and the extent of relief operations required.**

Countries around the world are **gearing up to send aid and disaster relief.** Clean potable water and medical supplies, including temporary medical facilities will be needed to help.

The **Canadian government has pledged assistance** and has contacted trusted agencies to determine the amount of assistance needed and is prepared to send its Disaster Assistance Response Team (DART). Countries around the world, including the **United States, France and Canada have pledged assistance.**

More from Examiner.com

[Edu Con Conference 2.3 in Philadelphia January 28-30, 2011](#)
January 3, 2011 - Philadelphia Early Childhood Education Examiner

[Blue Man Group: A comedy and rock show all in one](#)
January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

[Promising medications in treating borderline personality](#)
January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

[Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion](#)
January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

[Prince - what a legend...](#)
January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

powered by [examiner.com](#)
The number source for local

NowPublic on Facebook

Título: *Haiti Earthquake Today: News update on Haiti, Exodus & Aid*

Disponível: nowpublic.com/world/haiti-earthquake-today-news-update-haiti-exodus-aid-2557345.html

Multimídia: Seis vídeos e duas fotografias.

Data da publicação: Janeiro 15 de 2010



SAVE 50% OR MORE ON TEXTBOOK RENTAL
 Fast Delivery or In-store Pickup • Free Return Shipping
[Click to Rent Now](#)



NowPublic
Crowd Powered Media

Search [Go](#)

[Sign In](#) | [Join NowPublic](#)

[Home](#) [Help](#) [Newsroom](#) [Forum](#) [Member Ranking](#) [Tools](#) [TrueMors](#)

[Local](#) [World](#) [Culture](#) [Environment](#) [Tech & Biz](#) [Health](#) [Style](#) [Sports](#) [Strange](#)

World

Haiti Earthquake Today: News Update on Haiti, Exodus & Aid
 by [Sudha Krishna](#) | January 15, 2010 at 11:57 am

Share: [Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Google+](#)

[Emergency Management](#)
 Earn an Emergency Management Degree Online at AMU. Learn More & Enroll.
www.AMUAFUS.edu/EmergencyMgmt

6510 views | 56 Recommendations | 67 comments

January 21st update

As the voices trapped in under the rubble grow dim and as the miracle rescues get fewer and fewer the task at hand in **Haiti** turns from rescue to helping the **homeless**, **providing aid**, and **treating the injured**.

A massive **exodus** is underway for the people in Haiti as the government tries to reassert some authority and help the **homeless** Hundreds of thousands of Haitians are on the move, leaving Port-Au-Prince and heading towards the countryside. The **Daily Telegraph** reports,

"The government is identifying sites to erect a series of temporary villages for up to 400,000 in the countryside, each holding up to 10,000 people.

Meanwhile getting Aid through continues to be a challenge as because of a crumbling infrastructure, damaged roads, security concerns, the scale of the earthquake itself, and clogged airports. Co-operation between aid agencies has been an issue too. According to the **BBC** Doctors Without Borders expressed concern saying the need for getting U.S. Troops in quickly has come at the expense of delivering aid.

"Everything has been mixed together and the urgent and vital attention to the people have been delayed while military logistics - which is useful but not on day three, not on day four, but maybe on day eight - has really jammed the airport and led to this mismanagement."

MSF say one of its planes carrying 12 tonnes of medical supplies was repeatedly turned away from the airport despite having prior permission to land.

John O'Shea of Goal said the failure of the UN and US to work together was leading to "a situation of utter chaos".

The UN has dismissed such criticism, saying it "underestimated the logistical difficulties" and that the US was the only country in the region capable of providing logistical support on the scale needed.

"We are not talking about politics, this is humanitarian. Our goal is to delivery assistance as soon as possible and co-ordination is vital - without it you can't get the right aid to the most vulnerable," said spokeswoman Ms Byrs.

Photos

Get Published!

I want to write something

I've got photos and video

[Tell me how to get published](#)



Sudha Krishna
Vancouver, Canada

Author

[See Sudha Krishna's recent stories](#)

More from Examiner.com

Edu Con Conference 2.3 in Philadelphia January 28-30, 2011
 January 3, 2011 - Philadelphia Early Childhood Education Examiner

Blue Man Group: A comedy and rock show all in one
 January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

Promising medications in treating borderline personality
 January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion
 January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

Prince -what a legend..
 January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

powered by  **examiner.com**
 the insider source for local

9.1.5 Matérias do NowPublic sobre o terremoto de Chile.

Título: *Chile earthquake pictures show widespread devastation*

Disponível: nowpublic.com/environment/chile-earthquake-pictures-show-widespread-devastation-2583932.html

Multimídia: Um vídeo e 5 fotografias.

Data da publicação: Fevereiro 27 de 2010

RENT & SAVE 50% OR MORE ON TEXTBOOKS
Rent Online, Pickup on Campus • Free Return Shipping
[Click to Rent Now](#)

Search [Go](#) [Sign In](#) [Join NowPublic](#)

Home Help Newsroom Forum Member Ranking Tools TrueMors

Local World Culture Environment Tech & Biz Health Style Sports Strange

Featured Tags: Astronomy Climate Change Endangered Species Energy Farming Haiti Earth

Environment

Chile Earthquake Pictures Show Widespread Devastation
by Amy Judd | February 27, 2010 at 12:38 pm

Share: [Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Google+](#)

[Health Leads To Happiness](#)
Happiness Leads To Health. Thrive. Save an Extra x0%. Free Ship \$25+
www.BamesandNoble.com

3780 views | 10 Recommendations | 5 comments

Due to the **damage sustained in Chile when the 8.8 magnitude earthquake struck** on Saturday morning, communication with the area has been difficult and getting images from what the area looks like is a challenge.

Photos

Santiago was plunged in to darkness almost immediately following the earthquake and communication lines are still down in many areas.

Get Published!

[I want to write something](#) [I've got photos and video](#)
[Tell me how to get published](#)

Amy Judd
Vancouver, Canada
Author [RSS](#) [Facebook](#) [Twitter](#) [Google+](#)

[See Amy Judd's recent stories](#)

More from Examiner.com

Edu Con Conference 2.3 in Philadelphia January 28-30, 2011
January 3, 2011 - Philadelphia Early Childhood Education Examiner

Blue Man Group: A comedy and rock show all in one
January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

Promising medications in treating borderline personality
January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion
January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

Prince - what a legend...
January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

powered by [examiner.com](#)
The reader needs for local

NowPublic on Facebook

Título: *Hawaii evacuation zones in effect alter tsunami warning*

Disponível: nowpublic.com/environment/hawaii-evacuation-zones-effect-after-hawaii-tsunami-warning-2583872.html

Multimídia: Um vídeo e três fotografias.

Data da publicação: Fevereiro 27 de 2010

Introducing Autodesk® Design Suite Premium

Extend the power of your AutoCAD® software with concept sketching and enhanced visualization tools.

Learn more Save up to \$400 now on Autodesk Design Suite Premium.

NowPublic
Crowd Powered Media

Search Sign In | Join NowPublic

Home Help Newsroom Forum Member Ranking Tools TrueMors

Local World Culture Environment Tech & Biz Health Style Sports Strange

Featured Tags: Astronomy Climate Change Endangered Species Energy Farming Haiti Earth

Environment

Hawaii Evacuation Zones in Effect After Hawaii Tsunami Warning

by Amy Judd | February 27, 2010 at 10:13 am

Share:

7085 views | 17 Recommendations | 3 comments

Update: 4:15pm PST - The official tsunami warning for Hawaii has been lifted as surge was lower than expected.

Previous reporting:

The **Civil Defense Tsunami Evacuation Zone** and the **NOAA Hazard Map** system is asking people to search by their address or their area to see if they are located in an evacuation zone and if they are **Oahu officials are asking them to evacuate immediately**. The website is experiencing really high traffic however, so be patient with the loading times.

All shores of Hawaii are at risk no matter which direction they face.

Tsunami waves are expected to hit Hawaii after 11am local time.

- Chile Earthquake 2010: How to Contact Relatives in Chile
- Hawaii Tsunami Warning: Emergency Response Procedures

“If you live anywhere in the evacuation zone, you have to evacuate,” said John Cummings, Oahu Emergency Management Department spokesman. “This is a serious event. We’re going to treat this as a destructive-type tsunami.”

Source: honoluluadvertiser.com

Parts of Hawaii were last evacuated in 1994 due to tsunami evacuations.

People are being asked to stay off the roads, and move to higher grounds, and Civil Defense volunteers will be going door to door asking people to evacuate.

Get Published!

I want to write something

[Tell me how to get published](#)

Amy Judd
Vancouver, Canada

Author

See Amy Judd's recent stories

Photos

OFFSHORE MALL, CHILE
1994 12 12 08:04:12Z 20.05 72.10W Depth: 24.0km Magnitude: 8.8
Peak Ground Acceleration: 200% with 10% Probability of Exceedance in 50 Years

Videos

Tsunami warning in effect for Hawaii
sourced by Amy Judd

More from Examiner.com

Edu Con Conference 2.3 in Philadelphia January 28-30, 2011
January 3, 2011 - Philadelphia Early Childhood Education Examiner

Blue Man Group: A comedy and rock show all in one
January 3, 2011 - Philadelphia Tourism Examiner

Promising medications in treating borderline personality
January 3, 2011 - Philadelphia Mental Health Examiner

Men's basketball: Rams start western road trip at Clarion
January 3, 2011 - West Chester Golden Rams Examiner

Prince - what a legend...
January 3, 2011 - Philadelphia Interracial Relationships Examiner

powered by examiner.com
the world's search for local

NowPublic on Facebook

9.2 Postagens do Twitter sobre os terremotos de Haiti



cnnireport CNN iReport

RT @AspenCNN: Son looking for his "sweet mom" missing in Haiti
#haiticnn: <http://bit.ly/4oxrRr> #haitimissing

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

If you're looking for family in Haiti, you can call U.S. State
Department Operations Center at 1-888-407-4747. #haitimissing

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Are you looking for news on loved ones missing in Haiti? Please
share your information at CNN iReport. <http://bit.ly/4nLHIQ>
#haitimissing

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporters in Haiti are posting first-person photos of damage in Port-
au-Prince, Petionville. See them all, add yours <http://bit.ly/6BIWxm>

12 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter shares photographs of aftermath of earthquake in Haiti -
<http://bit.ly/4wt1jm> #ireport

12 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Magnitude 7.0 earthquake reported near Haiti. Share information and
images with CNN <http://bit.ly/4ilYI> #ireport

12 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Hi @Thewritersays, @CNNireport is putting together database for people looking for family. Here's how to participate
<http://bit.ly/4nLHIQ>

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Missionaries in La Digue, Haiti, share photos, report building damage, but no deaths - <http://bit.ly/7v1s1o> #ireport #haiti

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Latest iReport images of Haiti earthquake aftermath show roads uprooted - <http://bit.ly/4pSCNO> #ireport #haiti

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter fabiolas sent photos of aunt and uncle's devastated neighborhood in Haiti. <http://www.ireport.com/docs/DOC-381688>
 #iReport #Haiti

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Want to help survivors of earthquake in Haiti? CNN put together a list of resources <http://www.cnn.com/SPECIALS/2007/impact/>
 #CNN #Haiti

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter tells CNN her family's home in Haiti is being used as a hospital. <http://bit.ly/8AthmB> #ireport #Haiti

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Collapsed buildings, stacked rubble today in Haiti --

<http://bit.ly/5CNzuc>

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Emotions run high at NYC Haiti candlelight vigil - <http://bit.ly/8ORtzM>

[#ireport](#)

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND Jessica Frick and Yanica Faustin are safe and reached family by cell phone- <http://bit.ly/4tCrvr> [#haitimissing](#) [#ireport](#)

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND ncarre found her brother Frederick, but is still looking for other relatives. <http://bit.ly/7JFKIO> [#ireport](#) [#haitimissing](#)

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND -- sheilaj803 told [@cnnireport](#) that she heard from U.S. Embassy that her dad is safe. <http://bit.ly/6eUeh3> [#haitimissing](#)

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Hi [@LXINGTON](#) [@cnnireport](#) is putting together database to try to help people find families. Here's how to participate

<http://bit.ly/4nLHIQ>

13 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Good resource: International Committee of the Red Cross has site for family searches -- <http://bit.ly/8LzBut> #haitimissing

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND - Wolin Delorme's missing sister found after interview with @wolfblitzercnn - <http://bit.ly/6B2nk7> #haitimissing

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND Rachel Friedman, 70, was located safe and unhurt in Petionville, Haiti - <http://bit.ly/65pqCE> #haitimissing #ireport

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Got idea to help people in Haiti? Come to @cnnireport roundtable at 3 p.m. ET to talk about it with other iReporters <http://bit.ly/7zkuMJ>

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

CNN iReporter in Haiti shares emotional account of efforts to treat the wounded - <http://bit.ly/5dpWLr> #cnn #haiti

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

RT @haitimissing: Fabrice Rousseau, info: <http://bit.ly/57ZWv3> #haitimissing

14 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Magician [@davidblaine](#) appears in Times Square to help Red Cross, [#Haiti](#) quake survivors -- <http://bit.ly/5L9eM2> [#ireport](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND on mountain w/ family, needs water: Glenna Stinson, 61, of Port-au-Prince -- <http://bit.ly/5mjTZy> [#haitimissing](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporters see people streaming out of Port-au-Prince on foot into the [#Haiti](#) hills -- <http://bit.ly/7O04xU> [#ireport](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND: Xavier Anderson Fredericks, 21, in Port-au-Prince -- <http://bit.ly/7BtTZh> [#haitimissing](#) [#ireport](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

For this week's [#followfriday](#), take a look at [@icrcnews](#) for updates on Red Cross disaster relief efforts in [#Haiti](#).

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter was in car when Haiti quake hit; captured aftershocks on video -- <http://bit.ly/886jZQ> [#ireport](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Want to help people looking for family on CNN.com/haitimissing? Here are some things you can do <http://bit.ly/5Z660R> [#haitimissing](#)

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Blocks crumble from hillside homes hard-hit by #Haiti quake (graphic images) -- <http://bit.ly/7S2AnY> #ireport

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter @pixscraps reaching out to those hoping to hear from loved ones in Haiti #followfriday

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND: Altagrace Valcint in Port-au-Prince; family "desperately needs food and water" -- <http://bit.ly/74jvNP> #haitimissing

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Just three weeks ago, the Hotel Montana was an oasis in Port-au-Prince, #Haiti -- <http://bit.ly/5wCoGD> #ireport

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

I'm alive: CNN relays messages from survivors in Haiti - <http://bit.ly/5v1vC9> #haitimissing

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

@Gardner_Dave Thanks so much for letting us know! We're reaching out to you with a direct message.

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Behind the scenes: Helping to find the missing is a labor of love -- <http://bit.ly/8HZtvZ> #haitimissing #ireport #cnn

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND! iReporter @Worldcastnews describes guest on his show whose friend is safe -- <http://bit.ly/6BcvzE> #haitimissing

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Video shows efforts to rescue and treat the wounded and trapped in southern #Haiti -- <http://bit.ly/61lmEo> #ireport

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Red Cross and IFRC photography paints a story of first aid and rescue - <http://bit.ly/4PFrHW> #ireport #haiti

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND: Jyolette Meide, 56, Leogane, Haiti; needs medical help for skull fracture -- <http://bit.ly/56WSac> #haitimissing

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter dishes with Puppet Kevin Eubanks re: Jay Leno and Conan O'Brien (Non-Haiti) -- <http://bit.ly/5Z4oje> #ireport

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

9 people venture into #Haiti with "countless" supplies to lend a helping hand -- <http://bit.ly/4IGxZy> #ireport

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND Glenn Joseph; 47; in Port-au-Prince assisting at a hospital. He's a registered nurse - <http://bit.ly/8fuhAt> #ireport

15 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Americans rescued from the #Haiti quake arrive home in New York -- beautiful, touching video: <http://bit.ly/6dAiPW> #cnnireport

17 Jan 10



cnnireport CNN iReport

We're impressed and proud at the iReport community's efforts to help #Haiti. See what they're doing: <http://bit.ly/8obUri>

17 Jan 10



cnnireport CNN iReport

RT @NewspaperGrl: New Blog Post: I'm a Reporter - Thanks to CNN iReport <http://bit.ly/4LXxAK>

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

We're seeing a lot of messages about water shortages. World Water Relief is one org addressing this -- <http://www.worldwaterrelief.org/>

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND Gervais Charles, Port-au-Prince, who may owe his life to leaving the office early -- <http://bit.ly/8VQMfq> #haitimissing

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

RT @simonpegg: RT @alovezombie: We're a Star Trek fan community raising money for Haiti. \$14k so far. <http://tinyurl.com/trek4haiti>

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Ham radio operator helps relay messages from Haiti to loved ones in U.S. -- <http://bit.ly/7JlbRv> #haitimissing #ireport

16 Jan 10



cnnireport CNN iReport

@ChrisMorrow captured a great vid of a rescue crew heading to #Haiti. Hear them talk about their heroic efforts: <http://bit.ly/59YvWh>

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Pure chaos in the moments after the #Haiti quake. Take a look at this incredible video: <http://bit.ly/4ZsOvO> #cnnireport

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Florida family gets first word parents are safe from this CNN story. Haiti quake levels hotel, crushes dream - <http://bit.ly/6HTMaL> #cnn

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

iReporter captures chaos in immediate aftermath of Haiti quake <http://bit.ly/4ZsOvO> #ireport

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Got word that the ICRC is linking our #haitimissing database, making it more important than ever. Share your info! <http://bit.ly/6NVHKR>

17 Jan 10



cnnireport CNN iReport

More than 100 iReporters have found their loved ones in Haiti so far! Help find those still missing: <http://bit.ly/6NVHKR> #haitimissing

17 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Praying for "our brothers" in #Haiti <http://bit.ly/4XjRNV> #cnnireport

17 Jan 10



cnnireport CNN iReport

thanks to the @cnnireport army, we've launched v1 of the new searchable list of the missing in Haiti <http://haiticrisis.cnn.com/>

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND: Mother OK in La Plaine, but needs a Dr. and heart medication. - <http://bit.ly/5LWUjp> #ireport

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

FOUND: Father Pierre at the Parish of Christ Roi, now leading funeral services for those who perished in Haiti.- <http://bit.ly/5NyT2R>

18 Jan 10



cnnireport CNN iReport

"Kookoo 4 Coco" rally-ers don orange raincoats for Conan O'Brien on a gray SoCal day -- <http://bit.ly/4DuCKy> #cnnireport

19 Jan 10



cnnireport CNN iReport

14-year-old pumped about church sending supplies, gym wall's worth of water to #Haiti -- <http://bit.ly/4u3oMA> #cnnireport

19 Jan 10



cnnireport CNN iReport

"We were lucky to escape unscathed": Staging #Haiti relief in the Dominican Republic -- <http://bit.ly/6UrVJk> #cnnireport

19 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Rescue workers, search dogs plow through crumbled buildings in Jacmel, #Haiti -- <http://bit.ly/6fh0ZP> #cnnireport

19 Jan 10



cnnireport CNN iReport

"Heartwrenching screams" ring through #Haiti hospital -- <http://bit.ly/5vw9FM> #cnnireport

19 Jan 10



cnnireport CNN iReport

RT @morrowchris American Airline stands firm on bag policy for Haiti rescue workers - <http://bit.ly/5zpPjG> #ireport

20 Jan 10 ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply



cnnireport CNN iReport

Dust rises from houses crumbling in Port-au-Prince - <http://bit.ly/6WjOck> #ireport

20 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Schoolchildren open up piggy banks to donate money for #Haiti relief -- <http://bit.ly/7ltqIP> #cnnireport

21 Jan 10 ☆ Favorite ↻ Retweet ↩ Reply



cnnireport CNN iReport

Quake aid team journeys from San Diego, sets up base camp tents in #Haiti -- <http://bit.ly/4SB1sW> #cnnireport

21 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Missed flight from #Haiti, got stuck in quake "horror," finally got out 4 days later -- <http://bit.ly/6v9kbb> #cnnireport

21 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Wounded #Haiti victims crowd hospital in Dominican Republic border town; some lie on floor -- <http://bit.ly/4WGSC2> #cnnireport

22 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Tornado in Huntsville, Alabama, leaves trees down, homes damaged, signs drooping -- <http://bit.ly/7ROnn7> #cnnireport

22 Jan 10



cnnireport CNN iReport

The road out of Port-au-Prince is paved with desperation as citizens seek safer ground -- <http://bit.ly/7DlViJ> #cnnireport

22 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Deep crack cuts thru road in Leogane, #Haiti -- <http://bit.ly/8DruWl> #cnnireport -- iReporter also sent vid of long food lines

26 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Video from a base camp in #Haiti where actor Sean Penn is organizing a relief effort -- <http://bit.ly/6uo7OH> #cnnireport

26 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Aerial views of Jacmel, Haiti, and street-level photos of the hardest-hit areas -- <http://bit.ly/bQzi77> #cnnireport

26 Jan 10



cnnireport CNN iReport

Elite urban search and rescue team honored for #Haiti relief in New York -- <http://bit.ly/ayMbm9> #cnnireport

27 Jan 10



cnnireport CNN iReport

From quake shaking to an aid flight into Jacmel, chronicle of a man's #Haiti experience -- <http://bit.ly/coeMDG> #cnnireport

29 Jan 10



cnnireport CNN iReport

A lot of rebuilding is still needed in Port-au-Prince, Haiti six months after the devastating earthquake: <http://on.cnn.com/91tEXM>

12 Jul



cnnireport CNN iReport

Displaced Haitian children find hope in soccer clinics: <http://on.cnn.com/dbGIOO>

13 Jul



cnnireport CNN iReport

Poignant observations on hospitals and health care in #Haiti after the quake -- <http://bit.ly/8ZnBHI> #cnnireport

25 Jan 10

9.3 Postagens do Twitter sobre os terremotos de Chile



cnnireport CNN iReport

Narrated video tour through quake-damaged apt in Santiago
<http://on.cnn.com/8ZYppF> #chilequake

27 Feb



cnnireport CNN iReport

Missing loved ones after Chile quake? Share photo, info
<http://on.cnn.com/clJXvu> #chilequake

27 Feb



cnnireport CNN iReport

U.S. student in Santiago felt quake, grabbed a headlamp, ran outside #chile <http://on.cnn.com/ccFGgz>

27 Feb



cnnireport CNN iReport

Family's house damaged in Santiago, Chile, says their neighborhood is in ruins - <http://on.cnn.com/bQ9dAQ> #cnnireport

27 Feb



cnnireport CNN iReport

Did you feel the earthquake in Chile? Send your images, videos to iReport - <http://on.cnn.com/9o62mr> #cnnireport

27 Feb



cnnireport CNN iReport

Usted sintió el terremoto en Chile? Mándenos sus imágenes. Envíe su iReport a CNN en Español - <http://on.cnn.com/9cgC25>

27 Feb



cnnireport CNN iReport

8.8-magnitude earthquake has struck near Concepcion, Chile. Did you feel it? -- <http://on.cnn.com/crVy1o> #cnnireport

27 Feb



cnnireport CNN iReport

New video shows rock slide in Santiago #chilequake

<http://on.cnn.com/bPOBEp>

27 Feb



cnnireport CNN iReport

@badler82 we have created a missing persons database that may be of assistance. <http://on.cnn.com/clJXvu>. hoping for the best.

27 Feb



cnnireport CNN iReport

@MBagoye we've established a missing persons database which may be of assistance <http://on.cnn.com/clJXvu>. hoping for the best.

27 Feb



cnnireport CNN iReport

San Franciscan gets shaken in Santiago, shares telling images of damage - <http://on.cnn.com/dktbPj> #chilequake

27 Feb



cnnireport CNN iReport

Great video documents Saturday's Tsunami warning and scare for Hawaiians near Honolulu. <http://on.cnn.com/dyGx5M>

28 Feb



cnnireport CNN iReport

Don't forget to send in your time-lapse videos! We've got some great submissions so far: <http://on.cnn.com/d1oHR0>

28 Feb



cnnireport CNN iReport

iReporter films strange ocean activity along coast of Chile hours after powerful earthquake <http://on.cnn.com/cR2mps>

28 Feb



cnnireport CNN iReport

American student studying in Santiago, Chile captures images of collapsed parking garage <http://on.cnn.com/98Va7y>

28 Feb



cnnireport CNN iReport

Surveillance camera footage of the #Chile quake as viewed from a parking garage -- <http://on.cnn.com/cX3wqU> #cnnireport

27 Feb



cnnireport CNN iReport

In your words: Witnessing the quake - Check out these powerful photos and quotes - <http://on.cnn.com/9ILOPt>

28 Feb



cnnireport CNN iReport

Earthquake's sounds captured; iReporter sleeps with camera at his side due to tremors -- <http://on.cnn.com/9owD43> #cnnireport

2 Mar



cnnireport CNN iReport

A magnitude 7.2 quake has been reported in Chile. Are you there? Send images, info - <http://on.cnn.com/9o62mr> #ireport

11 Mar